

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MARIA ELIELMA SILVA

**UMA HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO FEMININA EM DELMIRO GOUVEIA-AL,
1970-1990.**

Delmiro Gouveia
2017

MARIA ELIELMA SILVA

**UMA HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO FEMININA EM DELMIRO GOUVEIA-AL,
1970-1990.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientadora: Profa. Msc. Sheyla Farias Silva

Delmiro Gouveia
2017

S586u Silva, Maria Elielma

Uma história da prostituição feminina em Delmiro
Gouveia - AL, 1970-1990 / Maria Elielma Silva. - 2017.

106 f. : il.

Monografia (História) – Universidade Federal de
Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.

Orientação: Profa. Me. Sheyla Farias Silva.

1. Delmiro Gouveia. 2. Prostituição Feminina. I. Título.

CDU 392.65

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA ELIELMA SILVA

**UMA HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO FEMININA EM DELMIRO GOUVEIA-AL,
1970-1990.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de História da Universidade Federal de
Alagoas/Campus do Sertão, como requisito parcial
para obtenção do grau de licenciado em História.

Aprovada em 06 de junho de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Sheyla Farias Silva

Professora Msc. Sheyla Farias Silva (Orientadora)
UFAL- Campus do Sertão

Vladimir José Dantas

Professor Msc. Vladimir José Dantas (Examinador Interno)
UFAL – Campus do Sertão

Professora Msc. Mariana Emanuelle Barreto de Góis (Examinadora Externa)
UNIAGES

AGRADECIMENTOS

A realização desta pesquisa é fruto de um sonho não só meu, mas também de uma mulher (mãinha) que sempre insistiu em me lembrar todos os dias no meu tempo de criança, que eu precisava carregar no capricho, estudar e ‘ser alguém na vida’ para no futuro o cara que me ignorou como filha, me visse e dissesse: “aquela menina foi criada por uma ‘puta’, mas hoje é gente”! Uma mulher batalhadora, corajosa, guerreira, honesta; uma simples empregada doméstica que conseguiu criar seus três filhos de maneira digna. Emociono-me escrevendo estas linhas e ao mesmo tempo entendo o sentido de minha mãe se referir como “puta”, realmente ela foi mesmo uma, mas uma PUTA mulher. É a ela que dedico meus primeiros agradecimentos, por sempre ter estado ao meu lado, por me mostrar e ensinar o que era certo e errado, e também por me apoiar e me incentivar a buscar realizar meus objetivos.

À Maria (vovó), que contava para mim e meus irmãos histórias de lobisomem, histórias engraçadas de seu tempo de juventude bem como histórias sobre o cabaré de Percília, de forma indireta. Assim sendo, podemos dizer que foi quem me instigou a investigar sobre o tema desta pesquisa.

Às minhas irmãs – Alice por ter sido meu refúgio nos meus momentos de estresse durante a graduação e Eliara minha “mão direita” nos cuidados com meu filho para que eu pudesse estudar e conseguir concluir minha pesquisa. Ao meu tio Dó por ter sido solícito a me levar e buscar todos os dias de aula na Universidade durante os três primeiros semestres de minha graduação.

À minha mestra Sheyla Farias por ter aceitado ser minha orientadora, pela prontidão em responder ao meu convite; por não medir esforços nos momentos das dúvidas, pelas dicas, enfim. Sou imensamente grata.

À professora Vanuza Silva e ao professor Marcus Vinícius, que me ensinaram e deram muitas dicas relacionadas ao meu tema. Aos meus professores (as) que me fortaleceram na trajetória acadêmica, com os (as) quais aprendi bastante, José Vieira, Carla Taciane, Aruã, Flávio Augusto, Gustavo Gomes.

Nesta jornada, tive a sorte de conquistar amigos de verdade, cada um (a) com seu jeito de ser. Que sabiam respeitar as diferenças. Sendo assim, não poderia deixar de agradecer à

turma que realmente “fez história”; a famosa turma que a princípio foi chamada de turma dos “perversos”, mas a melhor marca foi sem dúvida a de “BOICOTEIROS!”, UAU!

Como em todo ciclo de amizades, tem aqueles que a gente sempre se aproxima mais, marcaram mais, a saber, Carla Janine, minha confidente e irmã de coração; Íris; Rodrigo; Eliane, Ju; Bárbara; Rosmane; Marília; Pedro, Emicelânia e Talita. Tenho um carinho enorme.

Ao Brito, meu amigo que me acompanhou desde o início desta pesquisa, apoiando-me e ajudando: foi meu redator, corretor e tira-teimas na produção da minha monografia.

Com gratidão, às pessoas amigas, protetoras e incentivadoras, Taise e Vaninha.

Às entrevistadas, pois sem elas esta monografia não seria possível.

Ao PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), o qual participei por um breve período, mas que foi bastante profícuo.

À professora Mariana Emanuelle Barreto de Góis e ao professor Vladimir José Dantas por terem aceitado o convite para participar da banca examinadora, dedicando seu precioso tempo para ler meu trabalho e ainda me prestigiando com suas presenças.

“É preciso ter coragem para ser mulher nesse mundo. Para viver como uma. Para escrever sobre elas.”

Think Olga

RESUMO

Esta pesquisa visa compreender como funcionavam as práticas de prostituição feminina em Delmiro Gouveia - AL durante o período de 1970 e 1990. Organizada em cinco capítulos, no primeiro, “Introdução”, apresentamos a problemática do objeto de estudo, os métodos utilizados e os resultados. No segundo, tecemos discussões teóricas referentes à historiografia das mulheres no Brasil; No terceiro, apresentamos a participação das mulheres em vários acontecimentos que marcaram o país entre as décadas de 1970-1990, trazendo ainda o conceito de prostituição contemporânea. No quarto, discorremos sobre a história do município de Delmiro Gouveia imbricada com as práticas de prostituição feminina e no recorte temporal 1970 a 1990. E no quinto, “Considerações finais”, trazemos os resultados e possíveis direcionamentos para novos/as pesquisadores/as. Para a concretização deste trabalho, foi feito um levantamento bibliográfico, no qual envolveu vários estudiosos como Margareth Rago, Michelle Perrot, Paulo Roberto Ceccarelli, entre outros. Foram usados também como metodologia relatos orais. Esta pesquisa é importante para que os habitantes de Delmiro Gouveia tenham conhecimento da história da prostituição feminina da cidade (1970-1990) e também para auxiliar na ampliação de debates acerca da prostituição feminina no Brasil.

Palavras-chave: prostituição feminina, memória, história, Delmiro Gouveia.

RESUMEN

Esta investigación pretende comprender cómo funcionaban las prácticas de prostitución femenina en Delmiro Gouveia - AL durante el período de 1970 y 1990. Organizada en cinco capítulos, en el primero, "Introducción", presentamos la problemática del objeto de estudio, los métodos utilizados y los resultados. En el segundo, tejemos discusiones teóricas referentes a la historiografía de las mujeres en Brasil; En el tercero, presentamos la participación de las mujeres en varios acontecimientos que marcaron el país entre las décadas de 1970-1990, trayendo aún el concepto de prostitución contemporánea. En el cuarto, discutíamos sobre la historia del municipio de Delmiro Gouveia imbricada con las prácticas de prostitución femenina y en el recorte temporal de 1970 a 1990. Y en el quinto, "Consideraciones finales", traemos los resultados y posibles direccionamientos para nuevos / as investigadores / as. Para la concreción de este trabajo, se hizo un levantamiento bibliográfico, en el que involucró a varios estudiosos como Margareth Rago, Michelle Perrot, Paulo Roberto Ceccarelli, entre otros. También se utilizaron como metodología relatos orales. Esta investigación es importante para que los habitantes de Delmiro Gouveia tengan conocimiento de la historia de la prostitución femenina de la ciudad (1970-1990) y también para auxiliar en la ampliación de debates acerca de la prostitución femenina de Brasil.

Palabras clave: Prostitución Femenina, Memoria, Historia, Delmiro Gouveia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. MULHERES NAS LAUDAS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA	12
2.1 MULHERES: PRIMEIROS DEBATES ACERCA DE SUA REPRESENTATIVIDADE.	16
2.2. NOVOS SUJEITOS E NOVOS LUGARES: SULISTAS E NORDESTINAS NA HISTORIOGRAFIA SOBRE AS MULHERES NO BRASIL.	26
2.3. MULHERES MARGINALIZADAS.....	35
3. APONTAMENTOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NOS PRINCIPAIS EPISÓDIOS OCORRIDOS NO BRASIL ENTRE 1970 E 1990.	44
3.1 MULHERES E O UP NA QUEBRA DE PADRÕES.....	44
3.2 FEMINISMO, FEMINISMOS.	46
3.3. MERCADO DE TRABALHO: MULHERES AVANTE!.....	49
3.4. PARTICIPAÇÃO E LUTA, UMA VIVÊNCIA HISTÓRICA.	51
3.5 PROSTITUIÇÃO FEMININA: APONTAMENTOS	53
4. PRÁTICAS DA PROSTITUIÇÃO FEMININA EM DELMIRO GOUVEIA, 1970-1990.	56
4.1. RECINTOS DO PRAZER.....	57
4.2. ORGANIZAÇÕES DO ALTO MERETRÍCIO.	61
4. 3. REALIDADES SILENCIADAS	63
4. 4. SOCIEDADE DELMIRENSE E AS PROSTITUTAS: IMPRESSÕES.	65
4. 5. PROSTITUTAS E SEUS ANSEIOS DE MUDANÇA.....	67
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	71
ANEXOS	73

1. INTRODUÇÃO

Desde criança ouvia minha avó falar sobre o cabaré de Percília (dona de cabaré). Aquelas conversas sempre me inquietaram e me causaram curiosidade. Então, a problemática desta pesquisa partiu desta inquietação, daí fui buscar a explicação e este é o fruto dessa busca.

No que tange a importância científica do trabalho, o objetivo geral desta pesquisa foi buscar compreender como funcionavam as práticas de prostituição feminina em Delmiro Gouveia-AL entre as décadas de 1970 e 1990. Para tanto, foi preciso buscar também identificar as mudanças nas práticas de prostituição feminina em Delmiro Gouveia; reconhecer os lugares onde se realizava a prostituição feminina; os motivos que faziam tais mulheres se prostituírem; a forma de organização do meretrício; o cotidiano das prostitutas; transgressão e ordem social. Para alcançar os objetivos propostos usamos como metodologia um levantamento bibliográfico no qual envolveu grandes estudiosos e ainda utilizamos a história oral, esta que é

[...] uma metodologia de pesquisa que se dedica a estabelecer técnicas e procedimentos de coleta, registro, salvaguardas, controle e estudo das fontes orais, ou seja, das informações orais resgatadas pelos pesquisadores junto aos atores sociais que disponibilizam interpretações dos acontecimentos que vivenciaram¹.

E também nos “[...] possibilita o resgate de diferentes interpretações acerca da história vivida, constituindo-se numa forma democrática do fazer histórico [...]”². Possibilitando-nos ainda, por meio de narrativas pontos de vistas diferentes, a partir do lugar social e realidade de cada entrevistado, pois, foi através dessas narrativas que conseguimos chegar às possíveis respostas das indagações colocadas no começo desta pesquisa.

Neste caso, visando atender aos objetivos propostos, este trabalho foi dividido da seguinte forma: no segundo capítulo que tem como tema “**Mulheres nas laudas da historiografia brasileira**” tratamos sobre as discussões teóricas acerca da historiografia das mulheres no Brasil no ponto de vista delas mesmas. O objetivo deste capítulo foi analisar trabalhos feitos por estudiosas sobre a historiografia das mulheres no Brasil, na tentativa de

¹ CRUZ, José Vieira da. O uso metodológico da história oral: um caminho para pesquisa histórica in: **Fragmenta**. Aracaju: UNIT, 2005, p.2.

² *Ibidem*, p.2.

³ BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. – 2. Ed.- São Paulo: Editora da Unesp, 2010, p. 90.

⁴ TELLES, Lygia Fagundes. “Mulher, Mulheres”, in: **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. – São Paulo. **10**

mostrar como a mulher saiu do anonimato através da história das mulheres não mais feita somente por homens. Neste sentido, foi feito um estudo de artigos e livros sobre o tema enfatizado.

O terceiro capítulo, “**Apontamentos sobre a participação das mulheres nos principais episódios ocorridos no Brasil entre 1970 e 1990**”, foram feitos apontamentos a respeito desses acontecimentos ocorridos no país, durante as décadas destacadas. Também buscou apresentar sucintamente o conceito de prostituição.

O quarto capítulo, “**Práticas da Prostituição Feminina em Delmiro Gouveia, 1970-1990**”, discutimos brevemente como se deu a história da cidade, atentando no sentido de alguns sujeitos não fazerem parte da mesma. Portanto, o objetivo deste capítulo foi entender como funcionavam as práticas de prostituição em Delmiro Gouveia durante esse período. Seguido de outras indagações, cujas serão percebidas no decorrer da leitura desta pesquisa.

Através desta pesquisa foi possível responder todas as indagações aqui levantadas a partir de análises das entrevistas e trabalhos relacionados este estudo. E ainda, evidenciamos a relevância sobre este tema na própria cidade de Delmiro Gouveia, pois, este trabalho é significativo principalmente no que se refere à história da prostituição nas pequenas cidades, assim como era na cidade de Delmiro Gouveia neste marco temporal. A importância deste tema vai além, principalmente, porque compreendemos que durante muito tempo foi silenciado, sobretudo quando se trata da história da cidade que insiste em enfatizar o homem Delmiro Gouveia.

2. MULHERES NAS LAUDAS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Neste capítulo, temos como objetivo fazer uma análise de alguns trabalhos elaborados por estudiosas que tratam da historiografia das mulheres no Brasil. Esses estudos trazem como destaque principal as mulheres que por muito tempo foram esquecidas como participantes da história, ficando no anonimato. Nem sempre a historiografia deu a devida importância para as mulheres, sobretudo, aquelas marginalizadas e estigmatizadas. Assim, é importante fazer menção a escola dos *Annales* sobre a participação da mulher na historiografia, uma vez que só foi possível a partir:

A terceira geração é a primeira a incluir mulheres, especialmente Christiane Klapisch, que trabalhou sobre a história da família na Toscana durante a Idade Média e o Renascimento. [...] Os historiadores anteriores dos *Annales* haviam sido criticados pelas feministas por deixarem a mulher fora da história, ou mais exatamente, por terem perdido a oportunidade de incorporá-la à história de maneira mais integral, já que haviam obviamente mencionado as mulheres de tempo em tempo [...] Nesta geração, contudo, a crítica torna-se cada vez mais impecável. Georgy Duby e Michèle Perrot, por exemplo estão empenhados em organizar uma história da mulher em vários volumes.³

Falar sobre a história das mulheres não é algo simples, mesmo sabendo que a história da humanidade não existiria sem elas. As mulheres, por longo período quando não excluídas, estiveram na história feita pelos homens, nas quais apareciam sucintamente, com pouca ou quase nenhuma relevância, já que os “principais personagens” da história eram eles.

Segundo Lygia Fagundes Telles “antes, a mulher era explicada pelo homem [...] Agora é a própria mulher que se desembrulha, se explica”.⁴ No decorrer do tempo, as mulheres tiveram a oportunidade de escreverem sobre si mesmas e sobre suas realidades. Assim, sendo possível conhecer a história das mulheres pelos dois lados, pelas duas óticas (masculina e feminina).

2.1 MULHERES: PRIMEIROS DEBATES ACERCA DE SUA REPRESENTATIVIDADE.

³ BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. – 2. Ed.- São Paulo: Editora da Unesp, 2010, p. 90.

⁴ TELLES, Lygia Fagundes. “Mulher, Mulheres”, in: **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2009, p.671.

No artigo “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das relações de Gênero”, as autoras Rachel Soihet e Joana Maria Pedro abordam como se desenvolveu a historiografia sobre as mulheres e das relações de gênero no Brasil. Para a realização deste trabalho, dedicaram-se em pesquisar obras publicadas a partir da década de 80 do século XX, tendo em vista descobrir como essa área de estudo foi estabelecida. A partir disso, apresentam os debates, assimilações e lutas de grupos de “mulheres e relações de gênero”⁵.

Neste trabalho, Soihet e Pedro iniciam discorrendo acerca da publicação da Revista Brasileira de História em 1989, a qual trazia a mulher como tema principal (“A mulher no espaço público”); e enfatizam sobre a organização da publicação de (“Maria Stella Martins Bresciani”) e o ponto de vista da mesma a respeito dessa história das mulheres (“história da exclusão”). Com isso, as supracitadas expõem a importância de pensar a mulher na história.

Através de sua análise, as autoras percebem que, com o passar dos anos da publicação da “Revista Brasileira de História” (1989), houve mudanças em relação à história das mulheres e o que realmente faz sentido não é vê somente a história das mulheres como forma de tirá-las da exclusão, mas sim “[...] buscar formas mais eficientes de fornecer legitimidade ao que temos feito, ou seja, a constituição de um novo campo de estudos, intitulado ‘História das Mulheres e das Relações de Gênero’”⁶. Contudo, é de grande relevância que haja mais debates e estudos sobre tal tema.

Soihet e Pedro elencam também outras autoras que tratam das mulheres antes mesmo da publicação da Revista Brasileira de História em 1989, enfatizando cada uma delas e os respectivos nomes de suas obras publicadas, vejamos a seguir:

[...] **Maria Odila Leite da Silva Dias** já havia publicado, em 1984, o seu livro *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX* [...] **Luzia Margareth Rago** publicou, em 1985, *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*; **Miriam Moreira Leite** tinha organizado, em 1984, também, *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX*: antologia de textos de viajantes estrangeiros. E, no mesmo ano do citado número da RBH (1989), outras autoras estavam publicando, como por exemplo **Martha de Abreu Esteves**, em *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*; **Rachel Soihet**, em

⁵ SOIHET, Rachel; PEDRO, Maria Joana. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das relações de Gênero”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 27, nº54, p. 283-300, 2007.

⁶ SOIHET, Rachel; PEDRO, Maria Joana. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das relações de Gênero”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 27, nº54, 2007, p. 282.

Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920; **Eni de Mesquita Samara**, *As mulheres, o poder e a família: São Paulo século XIX*; **Magali Engel**, *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro*.⁷

Além da breve apresentação acerca de suas referências, as supracitadas não deixam de abordar em sua pesquisa a obra de Joan Scott denominada “**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**”⁸. O trabalho de Scott aborda sobre a questão de gênero, o mais novo tema no campo da história, o qual serve como ponto de partida para outras historiadoras desse assunto no Brasil, acarretando na criação de vários grupos de estudo, visando essa categoria gênero⁹.

São enfatizados também os empecilhos existentes nas ciências humanas quando o assunto é estudar a categoria gênero como componente da disciplina de história. Pois, “Grande parte desse retardo se deveu ao caráter universal atribuído ao sujeito da história, representado pela categoria ‘homem’”¹⁰.

As supracitadas também atentam para a questão da influência da escola dos Annales e do Marxismo. Argumentam que ambos, mesmo que indiretamente, deram entrada para a mulher na historiografia, uma vez que o positivismo as excluía. Aproveitando essa abordagem, vale citar a autora Amanda Dutra Hot em artigo “*História das mulheres e gênero: uma discussão historiográfica*”¹¹ que discorre de forma semelhante à Soihet e Joana Maria Pedro, explicitando que nem sempre os paradigmas historiográficos modernos deram a devida importância à mulher na história, excluindo-as deste campo. Em suma, Hot, analisa esses modelos historiográficos e frisa “Pode-se dizer que o Positivismo sequer tratou a mulher em sua história narrativa, linear e dos grandes heróis. Muito pelo contrário, as mulheres eram duplamente excluídas, não aparecendo nem como sujeitos, nem como produtoras de conhecimento histórico”¹².

De acordo com HOT a Antropologia Histórica, só deu atenção ao tema sobre mulheres porque precisou compreender a família como base vital das sociedades. Já o Marxismo, este

⁷ Ibidem, p.282. Negritos nossos.

⁸ Publicada pela Revista Educação e Realidade em 1990.

⁹ Soihet & Pedro (2007) apresentam, para uma melhor compreensão do leitor (a), a quantidade de grupos de estudo sobre gênero em diversos lugares do país, como por exemplo: “[...] Anpocs (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), realizado todos os anos em Caxambu, Minas Gerais, e o FAZENDO GÊNERO – este realizado a cada dois anos em Florianópolis, Santa Catarina”, p.283.

¹⁰ Ibidem, p.284.

¹¹ HOT, Amanda Dutra. História das mulheres e gênero: uma discussão historiográfica, in: **Anais do Seminário Nacional de História da Historiografia: historiografia brasileira e modernidade**. Ouro Preto: EDUFOP, 2007.

¹² Idem, p.2.

não foi direto ao assunto, mas, serviu como um fio condutor na união de várias mulheres a favor da “igualdade sexual, no movimento feminista na década de 1960”¹³; os Annales, de forma indireta, auxiliou-as introduzindo no campo da história.

Com o surgimento de novas áreas da história, o gênero feminino foi ganhando e conquistando espaço e as discussões sobre esse tema se tornou mais pertinente no sentido de entender o porquê que a mulher precisava/devia aparecer na história, pois nem sempre esteve na passividade. Essas discussões só foram possíveis porque o campo historiográfico se modifica constantemente.

O grande salto das mulheres para os campos historiográficos possivelmente pode ter acontecido devido às manifestações do movimento feminista em 1960, o qual serviu de grande influência na construção de uma nova história da mulher, dando sequência a historiadores (as). De acordo com HOT, fora

A partir do movimento feminista, que eclode na década de 1960, começa a se configurar, lentamente, um campo novo na história: o estudo sobre as mulheres. Mesmo que, por vezes, atrelado às idéias feministas, misturado à história do cotidiano e da família, e ligado à demografia histórica, este campo foi desvencilhando-se aos poucos dessas áreas e delineando-se enquanto campo de estudo independente, não sem provocar grandes debates e polêmicas presentes até os dias de hoje na historiografia.¹⁴

Sobre a importância do movimento feminista, e uma aparição de novos trabalhos acerca da mulher, Soihet e Joana Maria Pedro concordam com Mônica Raisa Schpun, quando esta aponta que a pioneira na historiografia brasileira, que influenciou a história das mulheres no Brasil, fora a Maria Odila Leite da Silva Dias com a sua obra de grande repercussão, “*Quotidiano e poder*”¹⁵. Dessa forma, Dias passou a se destacar entre as historiadoras de prestígio na formação de historiadores do campo da história das mulheres e de gênero.

Diante da análise de Soihet e Pedro e a também citada sucintamente Hot, pode-se notar a discussão que elas conseguem fazer sobre o uso dos temas mulheres e gênero, comparando e analisando diversos trabalhos de diferentes estudiosas dos dois temas e observando que mesmo com as novas mudanças no campo historiográfico, ainda se carece de mais atenção e discussões a respeito.

¹³ Idem, p.2.

¹⁴ Ibidem, p.1.

¹⁵ SOIHET, Rachel; PEDRO, Maria Joana. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das relações de Gênero”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 27, nº54, 2007, p.282.

É perceptível ainda a relevância de se estudar a história das mulheres¹⁶ e o novo campo de estudo denominado gênero¹⁷ surgido na década de 1980, assim gerando amplo interesse de historiadores (as). Os assuntos referentes às mulheres e questões de gênero passaram a ser vistos com mais interesse. Para tanto, é a partir de trabalhos como os de Soihet e Pedro, e Hot que a historiografia das mulheres no Brasil vem se desenvolvendo a cada dia; tanto historiadores como também especialistas do assunto, estão adentrando nesse campo de pesquisa, elaborando seus trabalhos para auxiliar e enriquecer ainda mais a historiografia das mulheres no Brasil, dando uma nova roupagem.

2.2 MULHERES: PRIMEIROS DEBATES ACERCA DE SUA REPRESENTATIVIDADE.

Essa historiografia das mulheres no Brasil, não só abordou as diversas histórias, como trouxe também à tona os distintos modos de vida dessas a partir de suas culturas e de seus respectivos lugares. É uma história que perpassa desde a maior capital do país ao sertão nordestino brasileiro, Delmiro Gouveia, por exemplo. Isso é perceptível na publicação de Joana Maria Pedro, *“Mulheres do Sul”*¹⁸, e também no trabalho de Miridan Knox Falci, *“Mulheres do sertão nordestino.”*¹⁹

Joana Maria Pedro analisa as mulheres e seus modos de vida, imagens, costumes e etc., no século XVIII, XIX e começo do século XX no Sul brasileiro; destaca, principalmente, as cidades Desterro e Blumenau. Em síntese, descreve a respeito das primeiras imagens das mulheres do Sul através da ótica dos viajantes; cita os escritos de August de Saint Hilaire do século XIX. Explicita que Hilaire tinha uma visão em relação à imagem feminina do sul

¹⁶ Então, “a história das mulheres é antes um acréscimo à história geral”. SOIHET, Rachel; SOARES, Rosana M. A.; COSTA, Suely Gomes. **A História das mulheres, cultura E poder das mulheres: Ensaio de historiografia**. Niterói, v.2, n.1, p. 7-30, 2.sem.2001.

¹⁷ Segundo Scoot (1995, p.75) Apud Rejane Barreto Jardim e Jordana Alves Piepper (2010, p.95) “O termo “gênero” também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um determinador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar a luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais”. . Aproximações e divergências: história social, história cultural e a perspectiva gênero. MÉTIS: história & cultura – v. 9, n. 18, p. 87-97, jul./dez. 2010. Ver em: www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/download/1335/1053

¹⁸ PEDRO, Joana Maria. “Mulheres do Sul”, in: **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. – São Paulo: Contexto, 2009, p.278.

¹⁹ FALCI, Miridan Knox. “Mulheres do sertão nordestino”, in: **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. – São Paulo: Contexto, 2009, p.241.

semelhante a dos viajantes da época, que no caso seria a de mulher rica e de pele clara (mulher branca). Segundo a autora,

A imagem das mulheres do Sul como mais sociáveis que as mulheres de outros lugares do país é recorrente nos relatos dos viajantes. Imagem provavelmente vinculada à composição racial do Sul do Brasil, dos preconceitos raciais dos ditos viajantes, à cultura específica de população que aí se instalou, bem como a formação social que proporcionava um modo de vida diferente dos existentes na economia escravista de exportação.²⁰

No seu estudo, J. M. Pedro enfatiza também a idealização referente às mulheres nas cidades do Sul ainda no século XIX, pois, estas eram idealizadas quase da mesma maneira das que viviam nos centros europeus nos séculos XVIII até começo do XX, assim sendo, era imaginada como aquela voltada para os papéis familiares.

Ainda sobre a idealização referente às mulheres, os jornais do sul propagandeavam como deveriam ser as mulheres, mas também produziam figuras de mulheres diferentes daquelas que já existiam no “imaginário ocidental [...] encontradas na literatura, no sermão das missas, nos textos escolares, nas tradições locais.”²¹ Isso não quer dizer que esses jornais não reproduziam estereótipos referentes às mulheres, mas, a forma como eram refletidos ia conforme a situação, melhor dizendo, e de acordo com a autora “reproduziam estes estereótipos em um contexto e de uma forma específica a uma conjuntura determinada, em que a demonstração de distinção e a exposição de um certo verniz social implicavam em moldar as mulheres de uma determinada classe.”²²

É interessante notar, que os responsáveis, escritores e os leitores desses jornais, eram homens da alta camada social. Nesses jornais, eram determinadas as maneiras pelas quais as mulheres teriam que se reservar “aos papéis familiares”. Pode-se dizer ainda que essas formas determinadas nos jornais pelos homens da elite eram novos modelos de comportamento europeu adotado por grande parte da elite das grandes cidades brasileiras da época, já que um dos assuntos que mais preocupava a sociedade eram as mulheres.

J. M. Pedro também evidencia a respeito do modelo de família civilizada do Sul, como aquela formada apenas por pai, mãe e filhos, e quando um parente morava na mesma casa, tornava-se incômodo, assim, reforçando os estereótipos referentes às sogras, estas com

²⁰ PEDRO, Joana Maria. “Mulheres do Sul”, in: **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. – São Paulo: Contexto, 2009, p. 279.

²¹ PEDRO, Joana Maria. “Mulheres do Sul”, in: **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. – São Paulo: Contexto, 200, p.281.

²² Idem, p.281.

imagem negativa, principalmente quando se trata das sogras dos homens. Estes estereótipos partem especificamente da cidade de Desterro²³ em meados do século XIX.

As mulheres de Blumenau eram fundamentais, principalmente aos olhos dos colonos, pois estas além de executarem as tarefas domésticas, ainda faziam parte das produções fora do lar, assim auxiliando no crescimento econômico das indústrias. As mulheres alemãs são enfatizadas por J. M. Pedro como as principais responsáveis pela preservação das tradições alemãs em algumas cidades do Sul, porém estas ficaram de fora quanto ao reconhecimento de que elas também, ou até mesmo foram as principais responsáveis pelo desenvolvimento industrial e econômico, assim ficando este papel para os homens; ou seja, as mulheres só eram vistas como importantes para os homens no momento de auxiliá-los ou mesmo produzir sozinhas, mas no momento de “aparecer” como principal responsável pelo progresso da região de Blumenau, eles que “apareciam”. Para reforçar essa afirmativa, atentemos para esse trecho:

A manutenção dos hábitos e dos costumes alemãs dependia das mulheres, as quais, através das prendas domésticas”, ofereciam um conforto difícil de ser mantido sem a presença feminina. Apesar disso, o que se observa é que somente os homens são considerados responsáveis pelo desenvolvimento da região. A própria representação da imagem das mulheres de origem alemã como “trabalhadeira”, diferentemente dos homens considerados “trabalhadores”, contribuiu para a invisibilidade da contribuição da mulher.²⁴

A autora também observa, através de suas pesquisas em cartas, na literatura que “tematizam a época e a região”, como deveria ser uma moça alemã, as quais deveriam seguir os preceitos de boa moça de família, porém, algumas fugiam de tais regras, vindo a desobedecê-las. Pelos relatos pesquisados pela autora, percebe a insatisfação das mulheres que deixavam sua terra natal para acompanhar seus esposos.

Na metade do século XIX já se definia trabalhos femininos, assim, estes ligados ao lar. Já que antes não havia divisão de tarefas para os sexos, uma vez que todos realizavam os mesmos trabalhos, conforme foi se construindo a nova casa, o novo modelo de família, passou-se a ter a separação de serviços, as mulheres ficavam responsáveis para cuidar dos afazeres da casa e da educação dos filhos e ainda cuidar do marido, como é evidenciado por J. M. Pedro.

De acordo com J. M. Pedro, mesmo com as divisões de trabalhos, e a idealização da

²³ Antigo nome da capital de Santa Catarina, p.283.

²⁴ Ibidem, p.289.

nova mulher do sul, nem todas obedeceram às normas, pois, logo que se urbanizavam os modelos culturais e o conhecimento inerente das novas e das antigas mulheres, fazia com que a compreensão “dos novos modelos” se tornasse mais difíceis, permanecendo suas particularidades “num colorido próprio”. Ainda mais, pelo fato de a cidade e o campo encontrarem-se próximos facilitando a variação de modelos de mulheres, fazendo com que houvesse o entrave nas exigências de alguns tipos de valores.

Dessa forma, idealizaram-se os modelos de mulheres perfeitas para casar, como deveriam ser, agir, sentir, e isso vai está presente também em inícios da República; para isso, segundo Joana M. Pedro, a Proclamação da República fez com que esses modelos se tornassem ainda mais frequentes e fortes, principalmente na elite no século XIX, pois “[...] muitas das imagens idealizadas das mulheres sofreram mudanças e intensificações por conta das transformações que se operaram com a Proclamação da República”²⁵. Ainda mais com o aparecimento das novas elites que favoreceu o espalhamento de figuras femininas limitadas às funções voltadas para o lar, para a família. Porém, poucas mulheres adotaram tais modelos, já que a

“acumulação de riquezas” não foi tão grande quanto esperavam. E assim, grande parte das mulheres não tinham condições econômicas que as proporcionassem a identidade dessas figuras. Os motivos principais que dificultaram o desenvolvimento dos comportamentos definidos para as mulheres voltados para a família foi a grande quantidade de etnias e culturas diferentes.²⁶

De acordo com o trabalho de J. M. Pedro, antes mesmo da Proclamação da República a figura da mulher era idealizada não só pelos homens da elite, mas também pelos positivistas, os quais estavam entre os “31 defensores da República em Curitiba”, estes “divulgaram suas ideias através de revistas e jornais e que, em relação às mulheres, apresentaram diversos textos com imagens idealizadas. A figura materna foi um dos mais valorizados alvos de investimento por parte da imprensa.”²⁷ Quando se falava em instrução para as mulheres, na ótica positivista a mulher deveria ser educada para cuidar do marido e educação dos filhos, esse era o modelo ideal de mulher imaginada. É interessante notar que nada a favor da mulher era pensado para e exclusivamente de sua liberdade, mas sim, sempre para servir, e essa serventia sucessivamente envolvia a figura masculina como superior a ela.²⁸

²⁵ Ibidem, p.291.

²⁶ Idem, p.291; ibidem, p.292.

²⁷ Ibidem, p.292.

²⁸ Ibidem, p.293.

A supracitada ainda atenta para a questão das diferenças nas figuras de algumas mulheres representadas nos jornais em Curitiba, exemplo são as polonesas e as alemãs, estas últimas quando vistas nas ruas eram sinônimos de trabalho, já as polonesas eram vistas como subversivas, principalmente na literatura, assim,

[...] convém destacar que, até os dias de hoje, a “polaquinha” é personagem típica da cidade de Curitiba, tema de farta literatura, associada, em geral, às empregadas domésticas e às prostitutas; essa personagem foi durante muito tempo, alvo de comentários preconceituosos dos jornais.²⁹

Percebe-se pelos argumentos da supracitada que as polonesas sofriam preconceitos principalmente por não se adequarem aos modelos exigidos pela sociedade sulista, elitista principalmente, e também por exercerem cargos exercidos por pessoas de origem africana, pois,

Pertencentes a um grupo de imigrantes que chegou tardiamente à região e ocupou as áreas menos férteis, os poloneses, em especial as polonesas, ocuparam na área urbana serviços considerados subalternos, que em outras regiões do país eram executados por populações de origem africana. Devia ser estranho ver mulheres brancas, de “pele rosada”, ocupando-se de trabalhos anteriormente exercidos por escravas. Além disso, essas mulheres, como as pobres de outras regiões do Brasil, apresentavam valores morais e comportamento social e sexual bastante diferente daqueles exigidos às mulheres “distintas.”³⁰

Diante dessa diversidade de mulheres, anote-se aí, sua etnia, sexualidade e comportamentos, os jornais buscavam estabelecer “novos modelos de mulher”. E esta mulher ideal teria que ser aquela que jamais fosse contrária às decisões de seu esposo, ou seja, a mulher “sem voz”, totalmente submissa.³¹

A figura feminina era sinônimo de fragilidade, meiguice e considerada inferior, em todos os sentidos. Um deles é a questão da inteligência, está sendo vista por várias doutrinas como o positivismo, por exemplo. Porém, o positivismo fazia essa afirmativa, mas, indiretamente, “[...] o positivismo não afirmava a inferioridade intelectual das mulheres, mas, sim que sua inteligência era complementar à do homem.”³² Com isso, é possível perceber como a mulher era tratada pelas doutrinas que as modelavam, estas sempre sendo como um ser pela metade, que estava sempre inferior à figura masculina. Mesmo as mulheres não sendo

²⁹ Ibidem, p.296.

³⁰ Ibidem, p.297.

³¹ Ibidem, p.298.

³² Idem, p.299.

consideradas com inteligência inferior ao homem de maneira direta pelos positivistas, estavam sujeitas também ao espaço privado, já que os espaços públicos eram exclusivos para os homens, considerados os verdadeiros “cabeças” da política e de seus lares.³³

Mesmo após a Proclamação da República as mulheres eram policiadas, sobretudo, aquelas que precisavam estar nas ruas comercializando ou mesmo prestando serviços em casas de família. Uma vez que, estas eram as mais observadas pelo fato de estarem mais expostas, cabendo à função de vigilantes, ambos os sexos (tanto homens como mulheres), pois “[...] Não eram somente os homens que promoviam a vigilância da moral feminina: as próprias mulheres o faziam, denunciando-se umas às outras.”³⁴

Um dos motivos maiores por essa vigilância era a prostituição, neste caso, as mulheres eram constantemente advertidas para não fugirem de suas funções de mãe, filha ou esposa, era a conduta que deveriam seguir. Sendo assim, a imagem das prostitutas passa a ser estigmatizadas, sempre aludidas como um mal, melhor dizendo, como o inverso da mulher honesta, boa, “de família”.³⁵

A figura da prostituta servia basicamente para pôr em ordem a maneira como as mulheres deveriam se comportar para receberem respeito da sociedade. O espectro da prostituta estava presentes até nos jornais, como “Nos jornais de Porto Alegre, as críticas á prostituição eram constantes; e esse fantasma ameaçava principalmente as jovens trabalhadoras.”³⁶

Outro ponto que chamava a atenção e causava preocupação nas sociedades sulistas, segundo a autora Joana M. Pedro, especificamente em Desterro, era a sexualidade feminina; ainda mais quando se tratava da sexualidade das mulheres pertencentes às camadas mais abastadas, as quais “[...] parecia vincular-se muito mais à redefinição das famílias que ocupariam cargos no setor público.”³⁷

É importante enfatizar que a supracitada também discute acerca das mulheres de Florianópolis na virada do século XIX para o XX, em que ela afirma:

[...] as reformas urbanas, realizadas em Florianópolis no início do século XX, dependeram, principalmente, da força de sua elite política. Apesar das pressões para remover a capital do estado para o interior, a elite não só

³³ Idem, p.299.

³⁴ Idem, p.304.

³⁵ Idem, p.304.

³⁶ Ibidem, p.305.

³⁷ Ibidem, p. 310.

conseguiu mantê-la em Florianópolis, como também conseguiu canalizar recursos públicos para a remodelação da capital.³⁸

E ainda que,

Grande parte da força da elite local vinha do controle que as famílias possuíam sobre os cargos públicos em nível estadual e federal.³⁹

Dessa forma,

[...] A dependência de cargos políticos, controlados pelas principais famílias locais, manteve as mulheres como os principais pontos de referência que entre outras coisas, assegurariam a manutenção dessas famílias nos grupos de comando. Daí, talvez, a razão para a manutenção de atitudes e discursos tão conservadores em relação às mulheres locais.⁴⁰

Já Miridan Knox Falci, sobre “Mulheres do sertão nordestino”⁴¹, aborda as mulheres e seus modos de vida no sertão nordestino do Brasil, especificamente do Piauí e Ceará no século XIX. Usa como fontes de pesquisa jornais, livros que tratam da origem e filiação de famílias e de histórias do Piauí, documentos do século XIX e “[...] oralidades transmitidas nas canções, nos adágios, na literatura de cordel. [...]”⁴² No seu estudo também é destacado a posição da mulher pobre, rica, branca, negra, entre outras, porém, a pior posição é da mulher pobre e principalmente da negra.

Percebendo a divisão da sociedade que havia entre homens e mulheres, Falci esclarece ainda a ilusão de quem acredita que as relações sociais no sertão nordestino foram mais democráticas, uma vez que esta sociedade estava marcada pelo patriarcalismo, e havia dessa maneira hierarquia entre homens e homens, homens e mulheres e, ainda, entre as próprias mulheres. Outro fator destacado pela autora é a questão da forte miscigenação da população, principalmente a piauiense, e isso ia causando principalmente nas avós, da época, certa preocupação de casar suas netas com homens brancos, para haver o branqueamento da família, já que grande parte da população piauiense era miscigenada.

M. K. Falci também discorre acerca da grande facilidade de identificar mulheres ricas e mulheres pobres no sertão nordestino, não pelo modo de se vestir, até mesmo porque as mulheres do sertão se vestiam com singeleza, pois “[...] costumavam se vestir com uma certa

³⁸ Idem, p.312.

³⁹ Idem, p.312.

⁴⁰ Ibidem, p.313.

⁴¹ FALCI, Miridan Knox. “Mulheres do sertão nordestino”, in: **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. – São Paulo: Contexto, 2009, p.241.

⁴² FALCI, Miridan Knox. p.263.

simplicidade se comparadas com a da elite litorânea.[...]”⁴³

A diferença, entre a mulher rica e a pobre, encontrava-se na forma de seu corpo e pele. A rica apresentava forma de corpo arredondada devido a seu modo de vida, sedentarismo e pelo fato de não precisar trabalhar no “pesado” como as mulheres pobres. As ricas de pele clara ou mesmo aquelas de pele morena resultado da miscigenação, apresentavam peles limpas e macias, pois não necessitavam se expor ao sol para trabalhar, já que na maioria das vezes sua função era cuidar dos afazeres de sua própria casa, contrário das pobres que geralmente trabalhavam desde crianças à fase adulta; além dos afazeres destinados à sua casa, trabalhavam fora para auxiliar nas suas próprias despesas, quando não eram as únicas responsáveis pelo sustento da família.

Em sua labuta, muitas vezes expostas ao sol, calor do sertão nordestino, submeteram-se aos serviços mais desvalorizados e com piores salários. Como expresso a seguir:

As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantir seu sustento. Eram, pois, costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiadeiras ou roceiras- estas últimas, na enxada, ao lado de irmãos, pais ou companheiros, faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher.⁴⁴

Para, além disso,

As escravas trabalhavam principalmente na roça, mas também foram usadas por seus senhores como tecelãs, fiadeiras, rendeiras, carpinteiras, azeiteiras, amas de leite, pajens, cozinheiras, costureiras, engomadeiras e mão de obra para todo e qualquer serviço doméstico.⁴⁵

São enfatizadas também por M. K. Falci, aquelas mulheres com pouca riqueza ou falidas que trabalhavam em casa para pessoas de fora, com receio de ficarem mal vistas pela sociedade, os trabalhos mais comuns exercidos por essas mulheres era fazer doces, costurar e até lavar roupas, porém, esses serviços eram feitos em suas próprias casas. Também, a autora faz uma abordagem acerca do casamento no sertão nordestino, o qual tinha grande relevância, tanto para as famílias de mulheres da elite como da classe popular; na maioria das vezes, os casamentos eram arranjados pelos pais, e quando as moças, principalmente as ricas “[...] casaram sem o consentimento do pai foram excluídas da solidariedade familiar. [...]”⁴⁶, pois essa atitude era de grande desgosto e insulto para sua família, sobretudo para o pai, patriarca

⁴³ Ibidem, p.245.

⁴⁴ Ibidem, p.250.

⁴⁵ Idem, p.250.

⁴⁶ Ibidem, p.259.

da família, a quem a esposa e filhos deviam total respeito e obediência.

Diferentemente das mulheres da elite e até mesmo das mulheres da classe popular, a mulher escrava quase não se casava pelo fato de as mesmas na maioria das vezes se amancebaram com seus companheiros ao invés de adotarem os laços sagrados do matrimônio. Assim, se juntando aos seus parceiros por vontade própria, contrário, sobretudo das mulheres ricas que tinham seus casamentos arranjados pela família pelo fato de envolver o interesse em “fatores econômicos e políticos”, geralmente não havendo afeto entre o casal, parecendo mais um negócio. Como consequência disso, havia muito abandono, esposos deixavam suas esposas pouco tempo depois do casamento.

Um dos principais motivos de tal abandono era o desleixo das mulheres depois de casadas, já que estas teriam que serem vistas, melhor dizendo, atrair apenas o seu marido, deixando sua vaidade de lado, no entanto, não atraíam os outros homens, mas também deixavam de atrair seus próprios maridos, os quais logo as deixavam ou as trocavam por outra. Segundo a autora M. K. Falci, a qual enfatiza uma observação dos viajantes da época, “[...] Muitas mulheres de 30 anos, presas ao ambiente doméstico, sem mais poderem passear - porque ‘lugar de mulher honesta é no lar’-, perderam rapidamente os traços de beleza e deixaram-se ficar obesas e descuidadas, como vários viajantes assinalaram.”⁴⁷ É possível notar, então, que a obediência e submissão da mulher e sua vida privada com o objetivo de agradar ao homem, principalmente com relação ao respeito, fazia com que eles as desrespeitassem e até mesmo as abandonassem.

Aborda-se também no trabalho da supracitada as poucas mulheres instruídas no sertão nordestino, dentre elas está Amélia de Freitas, “A primeira mulher brasileira a concorrer a uma cadeira da academia brasileira de letras era do sertão nordestino. [...] filha do desembargador José Manoel de Freitas [...]”⁴⁸. Porém, Amélia mesmo sendo rica e culta, a primeira mulher e sendo nordestina a entrar na academia de letras, a qual produziu suas obras a partir dos seus sentimentos e realidade, escreveu sobre a “[...] opressão, a dor, o amor e a alma [...]”⁴⁹ e casada com um homem de grande influência na “capital federal do Rio de Janeiro”, só conseguiu se tornar uma mulher conhecida logo depois de sua saída do interior. Pois, “No sertão nordestino do século XIX, a mulher de elite, mesmo com um certo grau de instrução, estava restrita à esfera do espaço privado, pois ela não se destinava a esfera pública do mundo econômico, político, social e cultural. A mulher não era considerada cidadã

⁴⁷ Ibidem, p.269.

⁴⁸ Ibidem, p.251.

⁴⁹ Ibidem, p.252.

política”⁵⁰.

Além de Amélia de Freitas Beviláqua, são citadas outras mulheres nordestinas da época “que se fizeram notar”, como: “[...] Dionísia Gonçalves Pinto e Firmina dos Reis. [...]”

⁵¹ Bem como “[...] Raquel de Queiroz [...]”⁵² Essas mulheres, segundo a autora, serviram de inspiração para que outras se opusessem às expectativas da sociedade.

Miridan K. Falci ainda aborda acerca dos sobrenomes das mulheres especificamente no Piauí, as quais quando ricas recebiam os sobrenomes ilustres de suas famílias tradicionais e poderosas, ou o sobrenome de seu esposo de grande nome. Já as pobres não sabiam ao certo de que família fazia parte, mas mesmo assim recebiam sobrenome, assim “A mulher pobre não sabe dizer quem eram seus ancestrais, embora o nome de família a mantenha na história, ligada a algum tronco familiar [...]”⁵³. Em se tratando das escravas, nem nomes de famílias tinham.

As primeiras escravas vieram com os colonizadores sem nome familiar, sem sobrenome. Pelas leis antigas a escrava era considerada uma coisa, podendo ser vendida, dada, alugada como se fazia com as bestas. Aliás, a legislação dizia: os escravos e as bestas poderão ser vendidos etc., etc. À escrava as pessoas se referiam: Efigênia, número 2436 [o registro que tinha a municipalidade local], de cor crioula, de mais ou menos 30 anos, do senhor Carlos César Burlamaqui. Só depois de alforriada, ou quando era liberta ao nascer (lei do ventre livre), é que a escrava poderia ter seu sobrenome, o do antigo senhor, se esse permitisse, ou ligado a algum santo ou referência religiosa: Clara das Dores, Ana Maria de Jesus, Josefa da Conceição, Luísa do Espírito Santo. Seus nomes de batismo eram bem variados e inspiravam-se no calendário Cristão: Porsina, Bertolina, Bertolisa, Ambrósia. [...] ⁵⁴

A mulher escrava além de não saber a qual família pertencia, também era vista como “[...] coisa, como objeto sexual”⁵⁵.

Comparando os dois trabalhos analisados, é possível perceber que há diferenças e também semelhanças entre as mulheres do Sul e do Sertão brasileiro. Costumes e culturas parecidas, e a maior semelhança encontrada foi a questão da inferioridade, submissão e fragilidade da mulher ao homem, fosse ele pai ou esposo. Porém isso não quer dizer que não houve aquelas que se mostraram contrário a essa submissão e fragilidade, como, por exemplo,

⁵⁰ Ibidem, p.251.

⁵¹ Ibidem, p.252.

⁵² Idem, p.252.

⁵³ Ibidem, p.255.

⁵⁴ Idem, p.255; ibidem, p.256.

⁵⁵ Ibidem, p.275.

a mulher negra e escrava.

2.2. NOVOS SUJEITOS E NOVOS LUGARES: SULISTAS E NORDESTINAS NA HISTORIOGRAFIA SOBRE AS MULHERES NO BRASIL.

Essa historiografia das mulheres no Brasil, não só abordou as diversas histórias, como trouxe também à tona os distintos modos de vida dessas a partir de suas culturas e de seus respectivos lugares. É uma história que perpassa desde a maior capital do país ao sertão nordestino brasileiro, Delmiro Gouveia, por exemplo. Isso é perceptível na publicação de Joana Maria Pedro, *“Mulheres do Sul”*⁵⁶, e também no trabalho de Miridan Knox Falci, *“Mulheres do sertão nordestino.”*⁵⁷

Joana Maria Pedro analisa as mulheres e seus modos de vida, imagens, costumes e etc., no século XVIII, XIX e começo do século XX no Sul brasileiro; destaca, principalmente, as cidades Desterro e Blumenau. Em síntese, descreve a respeito das primeiras imagens das mulheres do Sul através da ótica dos viajantes; cita os escritos de August de Saint Hilaire do século XIX. Explicita que Hilaire tinha uma visão em relação à imagem feminina do sul semelhante a dos viajantes da época, que no caso seria a de mulher rica e de pele clara (mulher branca). Segundo a autora,

A imagem das mulheres do Sul como mais sociáveis que as mulheres de outros lugares do país é recorrente nos relatos dos viajantes. Imagem provavelmente vinculada à composição racial do Sul do Brasil, dos preconceitos raciais dos ditos viajantes, à cultura específica de população que aí se instalou, bem como a formação social que proporcionava um modo de vida diferente dos existentes na economia escravista de exportação.⁵⁸

No seu estudo, J. M. Pedro enfatiza também a idealização referente às mulheres nas cidades do Sul ainda no século XIX, pois, estas eram idealizadas quase da mesma maneira das que viviam nos centros europeus nos séculos XVIII até começo do XX, assim sendo, era imaginada como aquela voltada para os papéis familiares.

⁵⁶ PEDRO, Joana Maria. “Mulheres do Sul”, in: **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. – São Paulo: Contexto, 2009, p.278.

⁵⁷ FALCI, Miridan Knox. “Mulheres do sertão nordestino”, in: **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. – São Paulo: Contexto, 2009, p.241.

⁵⁸ PEDRO, Joana Maria. “Mulheres do Sul”, in: **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. – São Paulo: Contexto, 2009, p. 279.

Ainda sobre a idealização referente às mulheres, os jornais do sul propagandeavam como deveriam ser as mulheres, mas também produziam figuras de mulheres diferentes daquelas que já existiam no “imaginário ocidental [...] encontradas na literatura, no sermão das missas, nos textos escolares, nas tradições locais.”⁵⁹ Isso não quer dizer que esses jornais não reproduziam estereótipos referentes às mulheres, mas, a forma como eram refletidos ia conforme a situação, melhor dizendo, e de acordo com a autora “reproduziam estes estereótipos em um contexto e de uma forma específica a uma conjuntura determinada, em que a demonstração de distinção e a exposição de um certo verniz social implicavam em moldar as mulheres de uma determinada classe.”⁶⁰

É interessante notar, que os responsáveis, escritores e os leitores desses jornais, eram homens da alta camada social. Nesses jornais, eram determinadas as maneiras pelas quais as mulheres teriam que se reservar “aos papéis familiares”. Pode-se dizer ainda que essas formas determinadas nos jornais pelos homens da elite eram novos modelos de comportamento europeu adotado por grande parte da elite das grandes cidades brasileiras da época, já que um dos assuntos que mais preocupava a sociedade eram as mulheres.

J. M. Pedro também evidencia a respeito do modelo de família civilizada do Sul, como aquela formada apenas por pai, mãe e filhos, e quando um parente morava na mesma casa, tornava-se incômodo, assim, reforçando os estereótipos referentes às sogras, estas com imagem negativa, principalmente quando se trata das sogras dos homens. Estes estereótipos partem especificamente da cidade de Desterro⁶¹ em meados do século XIX.

As mulheres de Blumenau eram fundamentais, principalmente aos olhos dos colonos, pois estas além de executarem as tarefas domésticas, ainda faziam parte das produções fora do lar, assim auxiliando no crescimento econômico das indústrias. As mulheres alemãs são enfatizadas por J. M. Pedro como as principais responsáveis pela preservação das tradições alemãs em algumas cidades do Sul, porém estas ficaram de fora quanto ao reconhecimento de que elas também, ou até mesmo foram as principais responsáveis pelo desenvolvimento industrial e econômico, assim ficando este papel para os homens; ou seja, as mulheres só eram vistas como importantes para os homens no momento de auxiliá-los ou mesmo produzir sozinhas, mas no momento de “aparecer” como principal responsável pelo progresso da região de Blumenau, eles que “apareciam”. Para reforçar essa afirmativa, atentemos para esse

⁵⁹ PEDRO, Joana Maria. “Mulheres do Sul”, in: **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. – São Paulo: Contexto, 200, p.281.

⁶⁰ Idem, p.281.

⁶¹ Antigo nome da capital de Santa Catarina, p.283.

trecho:

A manutenção dos hábitos e dos costumes alemães dependia das mulheres, as quais, através das prendas domésticas”, ofereciam um conforto difícil de ser mantido sem a presença feminina. Apesar disso, o que se observa é que somente os homens são considerados responsáveis pelo desenvolvimento da região. A própria representação da imagem das mulheres de origem alemã como “trabalhadeira”, diferentemente dos homens considerados “trabalhadores”, contribuiu para a invisibilidade da contribuição da mulher.
62

A autora também observa, através de suas pesquisas em cartas, na literatura que “tematizam a época e a região”, como deveria ser uma moça alemã, as quais deveriam seguir os preceitos de boa moça de família, porém, algumas fugiam de tais regras, vindo a desobedecê-las. Pelos relatos pesquisados pela autora, percebe a insatisfação das mulheres que deixavam sua terra natal para acompanhar seus esposos.

Na metade do século XIX já se definia trabalhos femininos, assim, estes ligados ao lar. Já que antes não havia divisão de tarefas para os sexos, uma vez que todos realizavam os mesmos trabalhos, conforme foi se construindo a nova casa, o novo modelo de família, passou-se a ter a separação de serviços, as mulheres ficavam responsáveis para cuidar dos afazeres da casa e da educação dos filhos e ainda cuidar do marido, como é evidenciado por J. M. Pedro.

De acordo com J. M. Pedro, mesmo com as divisões de trabalhos, e a idealização da nova mulher do sul, nem todas obedeceram às normas, pois, logo que se urbanizavam os modelos culturais e o conhecimento inerente das novas e das antigas mulheres, fazia com que a compreensão “dos novos modelos” se tornasse mais difíceis, permanecendo suas particularidades “num colorido próprio”. Ainda mais, pelo fato de a cidade e o campo encontrarem-se próximos facilitando a variação de modelos de mulheres, fazendo com que houvesse o entrave nas exigências de alguns tipos de valores.

Dessa forma, idealizaram-se os modelos de mulheres perfeitas para casar, como deveriam ser, agir, sentir, e isso vai está presente também em inícios da República; para isso, segundo Joana M. Pedro, a Proclamação da República fez com que esses modelos se tornassem ainda mais frequentes e fortes, principalmente na elite no século XIX, pois “[...] muitas das imagens idealizadas das mulheres sofreram mudanças e intensificações por conta

⁶² Ibidem, p.289.

das transformações que se operaram com a Proclamação da República”⁶³. Ainda mais com o aparecimento das novas elites que favoreceu o espalhamento de figuras femininas limitadas às funções voltadas para o lar, para a família. Porém, poucas mulheres adotaram tais modelos, já que a

“acumulação de riquezas” não foi tão grande quanto esperavam. E assim, grande parte das mulheres não tinham condições econômicas que as proporcionassem a identidade dessas figuras. Os motivos principais que dificultaram o desenvolvimento dos comportamentos definidos para as mulheres voltados para a família foi a grande quantidade de etnias e culturas diferentes.⁶⁴

De acordo com o trabalho de J. M. Pedro, antes mesmo da Proclamação da República a figura da mulher era idealizada não só pelos homens da elite, mas também pelos positivistas, os quais estavam entre os “31 defensores da República em Curitiba”, estes “divulgaram suas ideias através de revistas e jornais e que, em relação às mulheres, apresentaram diversos textos com imagens idealizadas. A figura materna foi um dos mais valorizados alvos de investimento por parte da imprensa.”⁶⁵ Quando se falava em instrução para as mulheres, na ótica positivista a mulher deveria ser educada para cuidar do marido e educação dos filhos, esse era o modelo ideal de mulher imaginada. É interessante notar que nada a favor da mulher era pensado para e exclusivamente de sua liberdade, mas sim, sempre para servir, e essa serventia sucessivamente envolvia a figura masculina como superior a ela.⁶⁶

A supracitada ainda atenta para a questão das diferenças nas figuras de algumas mulheres representadas nos jornais em Curitiba, exemplo são as polonesas e as alemãs, estas últimas quando vistas nas ruas eram sinônimos de trabalho, já as polonesas eram vistas como subversivas, principalmente na literatura, assim,

[...] convém destacar que, até os dias de hoje, a “polaquinha” é personagem típica da cidade de Curitiba, tema de farta literatura, associada, em geral, às empregadas domésticas e às prostitutas; essa personagem foi durante muito tempo, alvo de comentários preconceituosos dos jornais.⁶⁷

Percebe-se pelos argumentos da supracitada que as polonesas sofriam preconceitos principalmente por não se adequarem aos modelos exigidos pela sociedade sulista, elitista principalmente, e também por exercerem cargos exercidos por pessoas de origem africana,

⁶³ Ibidem, p.291.

⁶⁴ Idem, p.291; ibidem, p.292.

⁶⁵ Ibidem, p.292.

⁶⁶ Ibidem, p.293.

⁶⁷ Ibidem, p.296.

pois,

Pertencentes a um grupo de imigrantes que chegou tardiamente à região e ocupou as áreas menos férteis, os poloneses, em especial as polonesas, ocuparam na área urbana serviços considerados subalternos, que em outras regiões do país eram executados por populações de origem africana. Devia ser estranho ver mulheres brancas, de “pele rosada”, ocupando-se de trabalhos anteriormente exercidos por escravas. Além disso, essas mulheres, como as pobres de outras regiões do Brasil, apresentavam valores morais e comportamento social e sexual bastante diferente daqueles exigidos às mulheres “distintas.”⁶⁸

Diante dessa diversidade de mulheres, anote-se aí, sua etnia, sexualidade e comportamentos, os jornais buscavam estabelecer “novos modelos de mulher”. E esta mulher ideal teria que ser aquela que jamais fosse contrária às decisões de seu esposo, ou seja, a mulher “sem voz”, totalmente submissa.⁶⁹

A figura feminina era sinônimo de fragilidade, meiguice e considerada inferior, em todos os sentidos. Um deles é a questão da inteligência, está sendo vista por várias doutrinas como o positivismo, por exemplo. Porém, o positivismo fazia essa afirmativa, mas, indiretamente, “[...] o positivismo não afirmava a inferioridade intelectual das mulheres, mas, sim que sua inteligência era complementar à do homem.”⁷⁰ Com isso, é possível perceber como a mulher era tratada pelas doutrinas que as modelavam, estas sempre sendo como um ser pela metade, que estava sempre inferior à figura masculina. Mesmo as mulheres não sendo consideradas com inteligência inferior ao homem de maneira direta pelos positivistas, estavam sujeitas também ao espaço privado, já que os espaços públicos eram exclusivos para os homens, considerados os verdadeiros “cabeças” da política e de seus lares.⁷¹

Mesmo após a Proclamação da República as mulheres eram policiadas, sobretudo, aquelas que precisavam estar nas ruas comercializando ou mesmo prestando serviços em casas de família. Uma vez que, estas eram as mais observadas pelo fato de estarem mais expostas, cabendo à função de vigilantes, ambos os sexos (tanto homens como mulheres), pois “[...] Não eram somente os homens que promoviam a vigilância da moral feminina: as próprias mulheres o faziam, denunciando-se umas às outras.”⁷²

Um dos motivos maiores por essa vigilância era a prostituição, neste caso, as mulheres

⁶⁸ Ibidem, p.297.

⁶⁹ Ibidem, p.298.

⁷⁰ Idem, p.299.

⁷¹ Idem, p.299.

⁷² Idem, p.304.

eram constantemente advertidas para não fugirem de suas funções de mãe, filha ou esposa, era a conduta que deveriam seguir. Sendo assim, a imagem das prostitutas passa a ser estigmatizadas, sempre aludidas como um mal, melhor dizendo, como o inverso da mulher honesta, boa, “de família”.⁷³

A figura da prostituta servia basicamente para pôr em ordem a maneira como as mulheres deveriam se comportar para receberem respeito da sociedade. O espectro da prostituta estava presentes até nos jornais, como “Nos jornais de Porto Alegre, as críticas á prostituição eram constantes; e esse fantasma ameaçava principalmente as jovens trabalhadoras.”⁷⁴

Outro ponto que chamava a atenção e causava preocupação nas sociedades sulistas, segundo a autora Joana M. Pedro, especificamente em Desterro, era a sexualidade feminina; ainda mais quando se tratava da sexualidade das mulheres pertencentes às camadas mais abastadas, as quais “[...] parecia vincular-se muito mais à redefinição das famílias que ocupariam cargos no setor público.”⁷⁵

É importante enfatizar que a supracitada também discute acerca das mulheres de Florianópolis na virada do século XIX para o XX, em que ela afirma:

[...] as reformas urbanas, realizadas em Florianópolis no início do século XX, dependeram, principalmente, da força de sua elite política. Apesar das pressões para remover a capital do estado para o interior, a elite não só conseguiu mantê-la em Florianópolis, como também conseguiu canalizar recursos públicos para a remodelação da capital.⁷⁶

E ainda que,

Grande parte da força da elite local vinha do controle que as famílias possuíam sobre os cargos públicos em nível estadual e federal.⁷⁷

Dessa forma,

[...] A dependência de cargos políticos, controlados pelas principais famílias locais, manteve as mulheres como os principais pontos de referência que entre outras coisas, assegurariam a manutenção dessas famílias nos grupos de comando. Daí, talvez, a razão para a manutenção de atitudes e discursos

⁷³ Idem, p.304.

⁷⁴ Ibidem, p.305.

⁷⁵ Ibidem, p. 310.

⁷⁶ Idem, p.312.

⁷⁷ Idem, p.312.

tão conservadores em relação às mulheres locais.⁷⁸

Já Miridan Knox Falci, sobre “Mulheres do sertão nordestino”⁷⁹, aborda as mulheres e seus modos de vida no sertão nordestino do Brasil, especificamente do Piauí e Ceará no século XIX. Usa como fontes de pesquisa jornais, livros que tratam da origem e filiação de famílias e de histórias do Piauí, documentos do século XIX e “[...] oralidades transmitidas nas canções, nos adágios, na literatura de cordel. [...]”⁸⁰ No seu estudo também é destacada a posição da mulher pobre, rica, branca, negra, entre outras, porém, a pior posição é da mulher pobre e principalmente da negra.

Percebendo a divisão da sociedade que havia entre homens e mulheres, Falci esclarece ainda a ilusão de quem acredita que as relações sociais no sertão nordestino foram mais democráticas, uma vez que esta sociedade estava marcada pelo patriarcalismo, e havia dessa maneira hierarquia entre homens e homens, homens e mulheres e, ainda, entre as próprias mulheres. Outro fator destacado pela autora é a questão da forte miscigenação da população, principalmente a piauiense, e isso ia causando principalmente nas avós, da época, certa preocupação de casar suas netas com homens brancos, para haver o branqueamento da família, já que grande parte da população piauiense era miscigenada.

M. K. Falci também discorre acerca da grande facilidade de identificar mulheres ricas e mulheres pobres no sertão nordestino, não pelo modo de se vestir, até mesmo porque as mulheres do sertão se vestiam com singeleza, pois “[...] costumavam se vestir com uma certa simplicidade se comparadas com a da elite litorânea.[...]”⁸¹

A diferença, entre a mulher rica e a pobre, encontrava-se na forma de seu corpo e pele. A rica apresentava forma de corpo arredondada devido a seu modo de vida, sedentarismo e pelo fato de não precisar trabalhar no “pesado” como as mulheres pobres. As ricas de pele clara ou mesmo aquelas de pele morena resultado da miscigenação, apresentavam peles limpas e macias, pois não necessitavam se expor ao sol para trabalhar, já que na maioria das vezes sua função era cuidar dos afazeres de sua própria casa, contrário das pobres que geralmente trabalhavam desde crianças à fase adulta; além dos afazeres destinados à sua casa, trabalhavam fora para auxiliar nas suas próprias despesas, quando não eram as únicas responsáveis pelo sustento da família.

⁷⁸ Ibidem, p.313.

⁷⁹ FALCI, Miridan Knox. “Mulheres do sertão nordestino”, in: **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. – São Paulo: Contexto, 2009, p.241.

⁸⁰ FALCI, Miridan Knox. p.263.

⁸¹ Ibidem, p.245.

Em sua labuta, muitas vezes expostas ao sol, calor do sertão nordestino, submeteram-se aos serviços mais desvalorizados e com piores salários. Como expresso a seguir:

As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantir seu sustento. Eram, pois, costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiadeiras ou roceiras- estas últimas, na enxada, ao lado de irmãos, pais ou companheiros, faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher.⁸²

Para, além disso,

As escravas trabalhavam principalmente na roça, mas também foram usadas por seus senhores como tecelãs, fiadeiras, rendeiras, carpinteiras, azeiteiras, amas de leite, pajens, cozinheiras, costureiras, engomadeiras e mão de obra para todo e qualquer serviço doméstico.⁸³

São enfatizadas também por M. K. Falci, aquelas mulheres com pouca riqueza ou falidas que trabalhavam em casa para pessoas de fora, com receio de ficarem mal vistas pela sociedade, os trabalhos mais comuns exercidos por essas mulheres era fazer doces, costurar e até lavar roupas, porém, esses serviços eram feitos em suas próprias casas. Também, a autora faz uma abordagem acerca do casamento no sertão nordestino, o qual tinha grande relevância, tanto para as famílias de mulheres da elite como da classe popular; na maioria das vezes, os casamentos eram arranjados pelos pais, e quando as moças, principalmente as ricas “[...] casaram sem o consentimento do pai foram excluídas da solidariedade familiar. [...]”⁸⁴, pois essa atitude era de grande desgosto e insulto para sua família, sobretudo para o pai, patriarca da família, a quem a esposa e filhos deviam total respeito e obediência.

Diferentemente das mulheres da elite e até mesmo das mulheres da classe popular, a mulher escrava quase não se casava pelo fato de as mesmas na maioria das vezes se amancebaram com seus companheiros ao invés de adotarem os laços sagrados do matrimônio. Assim, se juntando aos seus parceiros por vontade própria, contrário, sobretudo das mulheres ricas que tinham seus casamentos arranjados pela família pelo fato de envolver o interesse em “fatores econômicos e políticos”, geralmente não havendo afeto entre o casal, parecendo mais um negócio. Como consequência disso, havia muito abandono, esposos deixavam suas esposas pouco tempo depois do casamento.

Um dos principais motivos de tal abandono era o desleixo das mulheres depois de

⁸² Ibidem, p.250.

⁸³ Idem, p.250.

⁸⁴ Ibidem, p.259.

casadas, já que estas teriam que serem vistas, melhor dizendo, atrair apenas o seu marido, deixando sua vaidade de lado, no entanto, não atraíam os outros homens, mas também deixavam de atrair seus próprios maridos, os quais logo as deixavam ou as trocavam por outra. Segundo a autora M. K. Falci, a qual enfatiza uma observação dos viajantes da época, “[...] Muitas mulheres de 30 anos, presas ao ambiente doméstico, sem mais poderem passear - porque ‘lugar de mulher honesta é no lar’-, perderam rapidamente os traços de beleza e deixaram-se ficar obesas e descuidadas, como vários viajantes assinalaram.”⁸⁵ É possível notar, então, que a obediência e submissão da mulher e sua vida privada com o objetivo de agradar ao homem, principalmente com relação ao respeito, fazia com que eles as desrespeitassem e até mesmo as abandonassem.

Aborda-se também no trabalho da supracitada as poucas mulheres instruídas no sertão nordestino, dentre elas está Amélia de Freitas, “A primeira mulher brasileira a concorrer a uma cadeira da academia brasileira de letras era do sertão nordestino. [...] filha do desembargador José Manoel de Freitas [...]”⁸⁶. Porém, Amélia mesmo sendo rica e culta, a primeira mulher e sendo nordestina a entrar na academia de letras, a qual produziu suas obras a partir dos seus sentimentos e realidade, escreveu sobre a “[...] opressão, a dor, o amor e a alma [...]”⁸⁷ e casada com um homem de grande influência na “capital federal do Rio de Janeiro”, só conseguiu se tornar uma mulher conhecida logo depois de sua saída do interior. Pois, “No sertão nordestino do século XIX, a mulher de elite, mesmo com um certo grau de instrução, estava restrita à esfera do espaço privado, pois ela não se destinava a esfera pública do mundo econômico, político, social e cultural. A mulher não era considerada cidadã política”⁸⁸.

Além de Amélia de Freitas Beviláqua, são citadas outras mulheres nordestinas da época “que se fizeram notar”, como: “[...] Dionísia Gonçalves Pinto e Firmina dos Reis. [...]”⁸⁹ Bem como “[...] Raquel de Queiroz [...]”⁹⁰ Essas mulheres, segundo a autora, serviram de inspiração para que outras se opusessem às expectativas da sociedade.

Miridan K. Falci ainda aborda acerca dos sobrenomes das mulheres especificamente no Piauí, as quais quando ricas recebiam os sobrenomes ilustres de suas famílias tradicionais e poderosas, ou o sobrenome de seu esposo de grande nome. Já as pobres não sabiam ao certo

⁸⁵ Ibidem, p.269.

⁸⁶ Ibidem, p.251.

⁸⁷ Ibidem, p.252.

⁸⁸ Ibidem, p.251.

⁸⁹ Ibidem, p.252.

⁹⁰ Idem, p.252.

de que família fazia parte, mas mesmo assim recebiam sobrenome, assim “A mulher pobre não sabe dizer quem eram seus ancestrais, embora o nome de família a mantenha na história, ligada a algum tronco familiar [...]”⁹¹. Em se tratando das escravas, nem nomes de famílias tinham.

As primeiras escravas vieram com os colonizadores sem nome familiar, sem sobrenome. Pelas leis antigas a escrava era considerada uma coisa, podendo ser vendida, dada, alugada como se fazia com as bestas. Aliás, a legislação dizia: os escravos e as bestas poderão ser vendidos etc., etc. À escrava as pessoas se referiam: Efigênia, número 2436 [o registro que tinha a municipalidade local], de cor crioula, de mais ou menos 30 anos, do senhor Carlos César Burlamaqui. Só depois de alforriada, ou quando era liberta ao nascer (lei do ventre livre), é que a escrava poderia ter seu sobrenome, o do antigo senhor, se esse permitisse, ou ligado a algum santo ou referência religiosa: Clara das Dores, Ana Maria de Jesus, Josefa da Conceição, Luísa do Espírito Santo. Seus nomes de batismo eram bem variados e inspiravam-se no calendário Cristão: Porsina, Bertolina, Bertolisa, Ambrósia. [...] ⁹²

A mulher escrava além de não saber a qual família pertencia, também era vista como “[...] coisa, como objeto sexual”⁹³.

Comparando os dois trabalhos analisados, é possível perceber que há diferenças e também semelhanças entre as mulheres do Sul e do Sertão brasileiro. Costumes e culturas parecidas, e a maior semelhança encontrada foi a questão da inferioridade, submissão e fragilidade da mulher ao homem, fosse ele pai ou esposo. Porém isso não quer dizer que não houve aquelas que se mostraram contrário a essa submissão e fragilidade, como, por exemplo, a mulher negra e escrava.

2.3. MULHERES MARGINALIZADAS

A historiografia das mulheres no Brasil passou a se interessar pelo que antes foi descartado ou esquecido sobre as mulheres, também se interessando pelo tema mulher que envolva sua sexualidade, luta, dentre outros assuntos. Dando importância a história daquelas mulheres que nos séculos passados e ainda nos dias atuais são estigmatizadas.

O trabalho de Bebel Nepomuceno, denominado *Mulheres Negras - Protagonismo*

⁹¹ Ibidem, p.255.

⁹² Idem, p.255; ibidem, p.256.

⁹³ Ibidem, p.275.

*Ignorado*⁹⁴ explícita sobre as grandes conquistas das mulheres na virada do século XIX para o XX. Contudo, mostra que nem todas conseguiram essas conquistas. Assim, traz como exemplo as mulheres negras depois da abolição, cujas, não tiveram as mesmas conquistas que as mulheres brancas. As mulheres negras sempre estiveram presentes no espaço público, diferentemente das mulheres brancas, sobretudo, as brancas de elite que ainda no começo do século XX encontravam-se no espaço privado. Pois,

A chegada do novo século encontrou-as trabalhando como pequenas sitiantes, agricultoras, meeiras, vendedoras de leguminosas e demais produtos alimentícios nas ruas das cidades brasileiras. Muitas delas viviam em lares sem a presença masculina, chefiando a casa e providenciando o sustento dos seus. Outras trabalhavam para famílias de mais posses como criadas para núcleos familiares estáveis, criar redes de solidariedade e comunidades religiosas. Ao contrário do prescrito para a mulher idealizada da época, as negras circulavam pelas ruas, marcando a seu modo presença no espaço público.⁹⁵

A presença das mulheres negras nas ruas brasileiras era tão marcante que acabou causando incômodo para as autoridades, principalmente após a fundação da República, pois assim poderia causar má impressão para quem viesse de fora, afinal de contas o Brasil tentava ser “civilizado” adotando, sobretudo, à moda da Europa.

Além do incômodo que as mulheres negras nas ruas causavam às autoridades, na elite brasileira, havia também a ideia de branqueamento da população. Mas, como isso era possível, se grande parte da população era miscigenada, sem falar na grande quantidade de negros no Brasil? A fim de resolver esse “problema” para a elite brasileira, começou-se a contratação de funcionárias e empregadas domésticas, babás, etc., exigia-se que fossem mulheres de preferência as estrangeiras brancas. Com isso também é possível notar o quão grande era o preconceito contra negros/as. E isso dificultava no momento de se conseguir empregos dignos. Porém, mesmo com a tentativa de branqueamento, que é um tipo de discriminação racial contra a população negra, “[...] a presença de mulheres negras no serviço doméstico continuou predominante.”⁹⁶

Nepomuceno enfatiza que por causa da alta taxa de exclusão e discriminação contra os negros, o homem negro tinha mais dificuldade em arrumar emprego, ficando a responsabilidade total de sustentar a casa para a mulher sozinha, pois para ela seria fácil.

⁹⁴ NEPOMUCENO, Bebel. “Mulheres Negras – Protagonismo Ignorado”, in: **Nova História das Mulheres no Brasil**. – 1. Ed., - São Paulo: Contexto, 2013.

⁹⁵ NEPOMUCENO, 2013, p.383.

⁹⁶ *Ibidem*, p.385.

Mais fácil, devida a facilidade em se conseguir trabalhos domésticos.

Algo ainda mais interessante abordado pela autora é a questão da independência da mulher negra em relação ao homem, ao seu companheiro, contrário das mulheres brancas de elite, as quais eram submissas e condenadas ao espaço privado. Por um lado, a mulher negra era excluída da sociedade civilizada, mas, por outro tinha sua “liberdade” enquanto mulher na sua vida pessoal, esta que podia frequentar o espaço público, principalmente para tentar a vida, em busca da sobrevivência. Pois, “Entre as mulheres negras, acostumadas aos percalços da vida, não havia muito espaço para imagem da esposa passiva, submissa ao marido e dedicada exclusivamente ao lar. [...]”⁹⁷

Em 1990 a taxa de preconceito racial com as mulheres negras ainda era grande no mercado de trabalho. As dificuldades mais frequentes dessas mulheres nos anos 1990 eram em arrumar empregos em setores com cargos de “[...] vendedoras, recepcionistas, secretárias [...]”⁹⁸ Pois, exigia-se boa aparência, e a negra não tinha na ótica dos empregadores ao contratar funcionárias para exercer tais cargos. Para eles, quem apresentava essa aparência eram as mulheres brancas, cabelos lisos, características das mulheres da Europa.

Ainda é possível notar no trabalho de Bebel Nepomuceno a questão da educação da mulher negra no Brasil, em que atenta no sentido de que a mulher negra foi a que mais teve dificuldade para ingressar no campo da educação, no qual ainda é possível perceber esse fato na atualidade, porque a mulher negra “[...] teve maiores dificuldades em integrar o quadro educacional (os reflexos disso podem ser notados ainda nos dias atuais).”⁹⁹

Em meados do século XX os movimentos de negros estimulavam a população negra a buscar a educação e como meio de incentivo maior “[...] As próprias entidades militantes desenvolviam iniciativas educacionais, ainda que sem qualquer suporte do estado. [...]”¹⁰⁰ Esse estímulo dado aos negros pela educação serviu ainda mais para fazer com que as mulheres negras buscassem se educar para assim terem maior chance de desconstruir o rótulo de que o serviço adequado para a negra era somente o trabalho doméstico, já que “[...] O incentivo para que as moças negras procurassem se instruir visava também romper com o lugar estigmatizado e subalterno ocupado por elas no mercado de trabalho. [...]”¹⁰¹ Incentivadas pelos movimentos de negros para se buscar a educação, conseguiram ingressar

⁹⁷ Ibidem, p.387.

⁹⁸ Ibidem, p.388.

⁹⁹ Ibidem, p.389.

¹⁰⁰ Ibidem, p.390.

¹⁰¹ Idem, p.390.

em escolas públicas, porém, não foi tão fácil essa conquista. Além da dificuldade de conseguir uma vaga na escola pública, ainda sofriam preconceitos tanto dos colegas de classe como também dos professores, isso muitas vezes fazendo com estas desistissem de estudar. Nota-se que essa dificuldade ao acesso à escola pública não englobava só moças negras, as crianças pobres e negras também tinham essa dificuldade e eram vítimas de racismo na escola.

O preconceito que sofriam na escola foi percebido tempo depois como à causa principal das desistências de negros nas escolas. Segundo Bebel Nepomuceno,

O que já era percebido e abordado criticamente pelo movimento negro nos anos 1930, só cinquenta anos depois, na década de 1980, seria reconhecido por parcelas do meio acadêmico brasileiro como fator de evasão escolar, ou seja, a postura discriminatória de instituições de ensino e docentes em relação às crianças negras, levadas no limite a abandonar a escola por sentirem que tal espaço não lhes pertence.¹⁰²

A autora também descreve a respeito da dificuldade até nos dias de hoje das mulheres negras conseguirem trabalhos bem remunerados. Com isso percebe-se o quanto ainda é preciso haver a luta contra o preconceito racial, para se conseguir reconhecimento de igualdade; também atenta sobre algumas mulheres negras que conquistaram espaços e prestígios que antes eram ocupados somente por homens e ou mesmo mulheres brancas. Esses espaços e prestígios não foram dados, foram conquistados por meio de muita luta, porém ainda há muito que lutar para que estas aumentem ainda mais. Uma vez que, estas ainda são vítimas de estereótipos a seu respeito por causa de sua cor, ainda são construídos rótulos referentes a seu cabelo, cheiro, sexualidade e até mesmo sobre sua intelectualidade.

A rigor, o que a autora explicita é que as mulheres negras são sinônimos de luta, garra, insistência, resistência, dentre outros adjetivos de empoderamento numa sociedade representada por uma pirâmide na qual elas viveram por muito tempo na base (e grande maioria ainda vive nessa base), mas que souberam usar todas as suas dificuldades como motivação para conseguir chegar ao topo, e mostrar que são capazes. Entretanto, ainda há muito que lutar, mesmo sendo excluídas do mercado formal de trabalho, usaram sua inteligência e criaram meios próprios de sobrevivência.

[...] Lutaram, no passado, por acesso à educação básica de seus filhos e filhas, tanto quanto lutam no presente para ampliar a presença dos afrodescendentes nos espaços de conhecimento e de poder. Interlocutoras políticas de grande capacidade, mulheres negras foram capazes de provocar

¹⁰² Ibidem, p.392.

mudanças na agenda social dos governos.¹⁰³

Por muito tempo, as mulheres foram vistas como seres inferiores aos homens e mesmo depois de conseguirem lutar e conquistar direitos, ainda não conquistaram o fundamental (direito a igualdade). Sem querer usá-las como vítimas, até mesmo porque essas são sinônimos de luta e força, as mulheres negras até hoje são as que mais sofrem preconceitos. Outras que também foram e ainda são vítimas do preconceito e rejeição da sociedade são as prostitutas. E é por elas que a historiografia das mulheres no Brasil também se interessa em estudar, já que estas além de serem sujeitos vistos como maléficos à sociedade, também foram silenciadas e esquecidas pela história durante muito tempo.

Portanto, autoras como Margaret Rago, por exemplo, pesquisa e produz obras sobre essas mulheres no Brasil. Com isso, é importante discorrer acerca de um artigo produzido pela mesma, a saber, *Amores lícitos e ilícitos na modernidade paulistana ou no bordel de madame Pomméry*¹⁰⁴, o qual apresenta suas análises a respeito da prostituição, sobretudo a de luxo. No entanto, a prostituição de luxo auxiliou nas transformações das práticas e nos preceitos que envolviam a moral da sociedade de São Paulo no momento em que a cidade se modernizava rapidamente no início do século XX.

Mesmo com toda essa modernização, a prostituição era entendida para o “discurso médico e científico” como um mal social que precisava ser banido, melhor dizendo, “[...] o discurso médico e científico da época compreendia a prostituição como um problema social a ser sanado em termos eugênicos.”¹⁰⁵

Ela inicia seu trabalho falando a respeito de Madame Pomméry¹⁰⁶, mulher madura e experiente vinda da Europa. Também enfatiza que M. Pomméry se surpreende ao chegar em São Paulo e ver o atraso daquele lugar em um contexto de grande modernização do país. Ela percebe ainda o atraso sexual da cidade, a qual não tinha nada a oferecer, principalmente para os rapazes da elite paulistana.

A partir de toda a observação feita pela personagem do romance, Rago destaca que Pomméry percebe a ausência de um ambiente apropriado para aquela sociedade que se transformava aceleradamente, aquela que se modernizava. Era preciso urgentemente de um bordel de luxo, que estivesse à altura da elite paulistana, principalmente, porque era início do

¹⁰³ Ibidem, p.406.

¹⁰⁴ RAGO, Margareth. “Amores lícitos e ilícitos na modernidade paulistana ou no bordel de madame Pomméry”. *Teoria & Pesquisa* 47. 93-118. Jul/Dez de 2005.

¹⁰⁵ RAGO, Margareth, p.93.

¹⁰⁶ Personagem do romance de Hilário Tácito, publicado em 1920, idem, p.93.

século XX em que a modernização à moda francesa ganhava destaque no país, período este em que se buscava civilizar a sociedade brasileira.

M. Rago frisa que Madame Pomméry, cafetina estrangeira, traz para a cidade de São Paulo “[...] novidades eróticas e sexuais do mundo moderno.”¹⁰⁷ Também enfatiza que o romance de Tácito Hilário, cujo tem Madame Pomméry como personagem principal mostra a imagem da cidade paulistana em que a prostituição apresentava relevância na vida social e cultural da cidade, pois através desta era possível perceber a mistura de pessoas de classes diferentes num mesmo ambiente; encontravam-se ali objetivos iguais ou mesmo parecidos. Para deixar essa afirmativa mais clara, vale citar:

[...] a prostituição desempenhava um importante papel na vida cultural e social da cidade, ao reunir profissionais liberais, intelectuais, artistas, trabalhadores e boêmios de várias classes sociais ao lado de cantoras, artistas, dançarinas ou meras prostitutas; um tempo em que presença das cortesãs de luxo, em grande parte francesas ou polacas, permitia a associação desse universo com a entrada da nação na modernidade.¹⁰⁸

Assim percebe-se que São Paulo com todo esse desenvolvimento consegue superar Rio de Janeiro até então o estado mais desenvolvido do país.

Margareth Rago frisa que o Romance de Hilário Tácito envolve “o poder médico e higienização social”, ele coloca a prostituição como um mal e ao mesmo tempo um ofício necessário para as prostitutas, cafetinas e até para os próprios médicos. Assim chamando a atenção para tamanha hipocrisia das próprias autoridades.

É quase certo que muitos doutores desfrutavam da luxuriosa prostituição existente na cidade, como acontecia com o Dr. Mangancha ou o Dr. Narciso de Seixas Vidigal, personagens bufões do romance, que ironicamente usavam seus conhecimentos científicos para justificar o consumo do álcool. Contudo, fora deste universo, enunciavam discursos moralistas e conservadores sobre o mundo da prostituição [...]¹⁰⁹

Nota-se que os médicos também foram responsáveis pela constituição das normas de conduta sexual da população, “Os médicos passaram progressivamente a definir os modernos códigos de conduta sexual a serem adotados por mulheres e homens, jovens, adultos, velhos ou crianças, ricos e pobres, numa escala nacional. [...]”¹¹⁰ Dessa forma tinham o objetivo de

¹⁰⁷ Ibidem, p.94.

¹⁰⁸ Idem, p.94.

¹⁰⁹ Ibidem, p.95.

¹¹⁰ Ibidem, p.96.

acabar com os antigos costumes e visões que confirmavam os modelos morais e sexuais de conduta da população, rotulando-as como incapazes, incivilizadas e brutas.

De acordo com as análises de Rago, os médicos, os quais também faziam parte das autoridades, tornavam o Estado ainda mais amplo, pois exerciam seus “[...] poderes nas esferas pública e privada [...]”¹¹¹, com a intenção principal de reformar a sociedade e depurar a raça.

Neste trabalho, Margareth Rago também discorre acerca de alguns regulamentos estabelecidos pelas autoridades referente à prostituição, já que estes sabiam da existência de tal prática nas delegacias principais da cidade. Diante de tais regulamentos houve alguns “[...] escritores, advogados e jornalistas abolicionistas atacavam diretamente a imposição do regulamento, criticando-o nos jornais e revistas da época. [...]”¹¹² Argumentavam que o Estado não tinha o direito de invadir assuntos privados como a vida sexual.

A geografia do prazer também recebe atenção da autora, a qual fala sobre os lugares onde acontecia o ofício da prostituição:

[...] Estes espaços atraíam a burguesia rica, os políticos, fazendeiros, advogados, estudantes, trabalhadores e vários tipos de marginais. Lá podiam encontrar as novas figuras da prostituição, em especial as *francesas* e *polacas*, reais ou imaginárias, que especialmente nas fantasias masculinas, apareciam como introdutoras dos hábitos de civilidade trazidos do mundo europeu, assim como de muitos refinamentos nas artes eróticas.¹¹³

Havia também as prostitutas que não viviam em casas de prostituição, bordéis, cabarés. Estas eram independentes, não precisam de uma cafetina, nem tampouco de um lugar certo para arrumar seus clientes, porém estas eram menos elevadas do que as prostitutas de cabarés específicos. Para melhor enfatizar, citamos:

Menos privilegiadas eram as mulheres que viviam em casas privadas, seja alugadas ou próprias, onde recebiam seus clientes e amigos, sem a promessa de fidelidade conjugal implícitas naquela outra relação. Contudo, tinham a vantagem de se verem livres dos laços de dependência em relação a uma cafetina, laços que eram comuns para as prostitutas que viviam nas famosas *casas alegres*, ou nas *casas de tolerância*.¹¹⁴

Margareth Rago chama a atenção ainda no seu trabalho à questão do poder que a

¹¹¹ Ibidem, p.98.

¹¹² Ibidem, p.100.

¹¹³ Ibidem, p.101.

¹¹⁴ Ibidem, p.102. Itálicos da autora.

prostituta tinha, ela enfatiza que estas eram vistas pelos médicos e autoridades policiais como “enfraquecimento da raça e pela perda das antigas referências morais” (p.103), eram vistas ainda como má influência, ou melhor, como perdição para os rapazes de família. Para as autoridades, elas também eram uma ameaça para a sociedade. Contudo,

[...] Frágil ou poderosa, a prostituta era representada como uma figura da irracionalidade, um símbolo de predomínio dos instintos ferozes sobre a razão pacífica, portanto, como uma figura perniciososa e ameaçadora para o equilíbrio da sociedade.¹¹⁵

Para tanto,

Preocupados com a moralização das condutas sociais, com a preservação da família e do casamento, os médicos elegeram a prostituição como um fantasma que ameaçava desestabilizar as instituições de valores sociais.¹¹⁶

Ainda nessa direção de análise, a autora percebe que os médicos foram os principais responsáveis por a prostituição ser considerada na época como um fantasma e assim “a entrada da mulher no espaço urbano ou de organizar o modo no qual essa entrada poderia dar-se” (p.104). No entanto, até a década de 1970 não sabiam ao certo o que era mulher pública, assim chegando a confundir as prostitutas com as mulheres politicamente ativas, isso pelo fato de o local destinado à “mulher direita” ser o espaço privado.

A identidade da prostituta construída pelos médicos colaborou na adoção de certos padrões estabelecidos para ser uma mulher direita de família, “Portanto, a construção médica da identidade da prostituta contribuiu para a internalização do modelo ideal da boa-esposamãe-de-família. [...]”¹¹⁷ Além disso, a autora discorre acerca da questão da mulher ser vista como inferior aos homens, já que “[...] acreditavam que as mulheres eram possuídas pelas paixões mais facilmente do que os homens e que eram destinadas exclusivamente à maternidade e à esfera privada.”¹¹⁸ Ainda, alguns médicos do século XIX não trataram a prostituição dando importância ao que realmente levava às mulheres a exercer tal ofício pelo fato deles enxergarem esta prática como doença, algo anormal, ou melhor:

¹¹⁵ Ibidem, p.104.

¹¹⁶ Idem, p.104.

¹¹⁷ Ibidem, p.105.

¹¹⁸ Ibidem, p.106.

[...] as minorias cultas trataram o tema da prostituição como um fenômeno social, estritamente falando, destinado a satisfazer os desejos e as fantasias dos homens, mas como um problema da identidade perversa da prostituta, para cuja definição recorreram às construções conceituais da teoria eugênica da degenerescência racial, formulada ao longo do século 19. Mesmo quando procuravam enfatizar os aspectos externos que favoreciam a existência da prostituição, como a miséria, uma forte ênfase recaía na figura da prostituta, vista como anormal desde suas conformações orgânicas consideradas patológicas.¹¹⁹

Diferente das classes cultas do século XIX, os médicos ligados à faculdade de São Paulo, em suas análises, argumentam em sua grande maioria que a prostituição é causada pelas necessidades financeiras destas mulheres, as quais encontravam na prostituição um meio de vida mais viável que pudesse tirá-las da miséria, mesmo estas tendo em suas mentes a esperança de não precisar mais viver deste ofício. “Em geral, o argumento inicial afirmava que a prostituição resultava de um problema econômico: as mulheres vendiam sexualmente seus corpos, porque eram pobres e não tinham capacidade para se sustentarem com rendas próprias, a partir de outros ofícios. [...]”¹²⁰

Ao abordar acerca do prazer sexual no matrimônio, Rago enfatiza que os médicos passaram a analisar sobre as causas das crises matrimoniais, a procura dos homens casados às prostitutas e até mesmo à prática do onanismo. Daí eles concluem que o que levava a todas essas causas era a forma como os esposos viam suas esposas, aquelas que para eles serviam somente para a procriação, ou seja, na ótica deles o sexo para mulher só servia para procriar, ignorando que elas também eram seres que sentem prazer na hora do sexo. Pois, os doutores estavam cientes sobre as necessidades sexuais das mulheres e a relevância da educação sexual das moças e rapazes, porque “[...] Apesar da valorização do ideal da maternidade para as mulheres, mesmo os médicos mais conservadores estavam atentos às necessidades sexuais femininas e a importância da educação sexual dos e das jovens. [...]”¹²¹ Através de diversas análises referentes às causas que “levavam à crise do casamento” entre outras, os doutores perceberam que o sexo matrimonial na maioria das vezes era exercido pela mulher como obrigação e não como prazer.

Ao fazer estudo do texto de Bebel Napuceno e o de Margaret Rago, tivemos a intenção de fazer a comparação e perceber a semelhança que existe entre a mulher negra e a prostituta,

¹¹⁹ Idem, p.106.

¹²⁰ Idem, p.106.

¹²¹ Ibidem, p.111.

pois ambas sempre foram vítimas de preconceito pela sociedade em que vivem. Uma é estigmatizada devido sua cor, sua etnia e a outra por causa de seu ofício. Sendo assim, nota-se o quanto essas mulheres, mesmo vivendo em contextos diferentes sofrem do mesmo mal “o preconceito”.

3. APONTAMENTOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NOS PRINCIPAIS EPISÓDIOS OCORRIDOS NO BRASIL ENTRE 1970 E 1990.

Temos como objetivo, neste capítulo, fazer uma abordagem acerca de alguns acontecimentos ocorridos nas décadas de 1970, 1980 e 1990, episódios estes que teve forte presença das mulheres em um contexto agitado. Dentre os fatos em que as mulheres estiveram presentes, pode-se enfatizar a ditadura militar, manifestação dos movimentos feministas, atuação feminina no mercado de trabalho e também sobre a “prostituição feminina”¹²².

3.1 MULHERES E O UP NA QUEBRA DE PADRÕES.

Nos anos de 1970, o Brasil ainda passava pela conturbação da ditadura militar, a qual se estendeu até meados dos anos 80 do século referido (1964-1985). Período que foi marcado por fortes acontecimentos, dentre eles, as manifestações sociais. Sendo assim, tomando por base as análises feitas por Jordana Santos acerca das questões de manifestações, de expressões na sociedade brasileira, vale destacar que, “[...] as manifestações culturais dos anos 60 e 70 refletiram o espírito de uma época de intensa contestação dos padrões sociais, das influências estrangeiras na cultura, de uma geração de jovens que buscavam liberdade através de ideais contra culturais, políticos e revolucionários”¹²³.

Muitas mulheres estiveram envolvidas nesses episódios em prol da conquista de seus direitos e liberdades. As feministas e até aquelas que não se viam e nem se diziam como tal também foram para as ruas reivindicar seus direitos, anunciaram as injustiças e ao mesmo tempo expressaram as possíveis mudanças através de suas críticas e manifestações. De acordo

¹²² Objeto de estudo desta pesquisa. Ainda é importante enfatizar que neste capítulo o estudo sobre prostituição feminina será apenas uma introdução para dar o conceito desta. Pois, aqui terá como foco os principais acontecimentos do Brasil que envolveram as mulheres durante o marco temporal desta pesquisa (1970-1990).

¹²³ SANTOS, Jordana de Souza. O papel dos movimentos socioculturais nos “anos de chumbo”. **Revista online do grupo pesquisa em cinema e literatura**. Vol. 1, n° 6, ano VI.

com Vera Soares¹²⁴ “[...] O movimento de mulheres nos anos 70 trouxe uma nova versão da mulher brasileira que vai às ruas em defesa de seus direitos e necessidades e que realiza enormes manifestações de denúncia das desigualdades.”

Essas mulheres desobedeceram aos padrões ditados pela sociedade, deixaram suas casas, saíram às ruas, demonstraram suas inquietações. Deste modo,

Nesse contexto, muitos anjos do lar, morreram e mataram, a luta desse movimento feminista instaurado sob a ditadura militar é inicialmente uma luta contra a repressão, contra as injustiças sociais, luta pelo bem-estar social das mulheres, dos homens. As mulheres nesse movimento feminista que se afirma sob a ditadura aliam-se às mulheres das camadas populares, mulheres de bairro, do trabalho doméstico, rural, frequentadoras da Igreja Católica para engrandecer uma luta que se singularizava em um contexto onde o modelo de guerra, de guerrilha para os militantes de esquerda era Che Guevara, eram os homens, contexto em que nem mesmo a extrema esquerda comunista tolerava a emancipação do corpo, da voz, da liberdade das mulheres. E muitas foram para as ruas, armadas, vestidas de sonho e de guerra combater, torturar o olhar masculino que desejava alianças, mas não a irreverência da luta feminina. [...] ¹²⁵

Sendo assim, nota-se que as mulheres foram participantes ativistas contra o golpe, porém nem sempre foram lembradas e destacadas como componentes desta luta, pelo fato de por longo tempo terem sido vistas como passivas, submissas, frágeis, com saber político menor que o do homem, dentre outros fatores. Portanto,

A mulher militante política nos partidos de oposição à ditadura militar cometia dois pecados aos olhos da repressão: de se insurgir contra a política golpista, fazendo-lhe oposição e de desconsiderar o lugar destinado à mulher, rompendo os padrões estabelecidos para os dois sexos. A repressão caracteriza a mulher militante como PUTA COMUNISTA. Ambas categorias desviantes dos padrões estabelecidos pela sociedade, que enclausura a mulher no mundo privado e doméstico ¹²⁶.

Ainda é relevante enfatizar que as mulheres se uniram aos homens nesta luta em busca

¹²⁴ VER em: <https://cbd0282.files.wordpress.com/2014/05/feminismonobrasil.pdf> (SOARES, 1994, p.36).

¹²⁵ SILVA, Vanuza Souza. **O Entre da Liberdade, as Prisões: os feminismos que emancipam, predem? : uma história de gênero feminino na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande (1970-2000)**. 2014. 300 folhas. Tese (Doutorado). – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Programa de Pós-graduação em História. – Recife. 2014, (p.47)

¹²⁶ COLLING, Ana Maria. **As mulheres e a Ditadura Militar no Brasil**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais (A questão Social do Novo Milênio), Coimbra, 2004, p.8.

de tornar o país mais democrático politicamente, lutaram pela liberdade do país, uma vez que,

[...] Para se constituírem como sujeitos políticos, estas mulheres estabelecem identidade com o discurso masculino diluindo as relações de gênero na luta política mais geral. A condição de gênero está subsumida ao discurso de unificação dos sujeitos. Como espaço fundamentalmente masculino, impunha-se às mulheres a negação de sua sexualidade como condição para a conquista de um lugar de igualdade ao lado dos homens. As relações de gênero diluíam-se na luta política mais geral. As mulheres assexuavam-se numa tentativa de igualarem-se aos companheiros militantes¹²⁷.

Com isso, compreende-se um dos motivos pela complexidade de não haver documentos que mostre mulheres como chefes nos grupos de combate ao golpe, até mesmo porque no contexto em que se encontravam não se admitia ou mesmo não era comum a mulher ser vista como líder de algo, muito menos de liderar homens.

3.2 FEMINISMO, FEMINISMOS.

As feministas aproveitaram a ocasião efervescente em que vivenciava o Brasil para assim revelar suas aflições, e este momento foi justamente na década de 1970¹²⁸. Pois, “[...] foi no ambiente do regime militar e muito limitado pelas condições que o país vivia na época, que aconteceram as primeiras manifestações feministas no Brasil na década de 1970”¹²⁹.

Na metade da década de 1970, muitos brasileiros foram às ruas lutar em prol da anistia, e as feministas também participaram ativamente desta luta, assim se destacando consideravelmente, ou melhor, explicitando: “[...] em meados da década de 1970, o movimento feminista no Brasil ressurgiu principalmente envolvido com a luta pela anistia dos

¹²⁷ COLLING, Ana Maria. Idem, p.8.

¹²⁸ É importante salientar que os anos 70 não é o único momento em que o movimento feminista se manifesta no Brasil. Pois, as manifestações dessa época foram destacadas por causa do recorte temporal de estudo deste trabalho. As primeiras mulheres a se manifestar no Brasil através de movimentos buscaram o direito ao voto no início do século XX, assim, esse episódio ficou conhecido como primeira onda do feminismo no Brasil. “No Brasil, a primeira onda do feminismo também se manifestou mais publicamente por meio da luta pelo voto. A *sufragetes* brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. Foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, que dava o direito de voto às mulheres. Este direito foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro.” (PINTO, Céli Regina Jardim, 2010, pp.15-6)

¹²⁹ PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010, p.16.

presos políticos”.¹³⁰ Com isso é possível perceber as diversas participações e reivindicações das mulheres, sobretudo das feministas nos movimentos sociais durante o período ditatorial. De tal modo, passaram a se destacar ainda mais a partir daí, ganhando mais força e êxito em suas manifestações, visto como “[...] Com o fim da ditadura, em 1985, o movimento volta a ganhar a atenção da imprensa, principalmente após a criação de novas políticas públicas para a mulher, que garantiam uma maior participação da mesma, nas decisões de Estado”¹³¹.

Além das diversas manifestações nas quais as mulheres/feministas estavam engajadas, houve o crescimento de debates acerca de assuntos relacionados à mulher, tanto nas universidades quanto em outros espaços. A imprensa feminista serviu como o ponto de partida para se discutir e expor ainda mais os temas referentes às mulheres das décadas de 1970 e 1980. Com isso, fez surgir alguns jornais como: “Brasil Mulher”, “Nós Mulheres” e “Mulherio”.¹³²

Conseqüentemente,

[...] Tais periódicos se tornaram um importante espaço de comunicação e expressão das ideias, temas e causas discutidas pelas feministas durante os anos 1970 e 1980. Elas utilizavam os jornais com múltiplos objetivos: noticiar seus trabalhos, livros, pesquisas, noticiar eventos e seminários voltados para as mulheres, divulgar serviços prestados para as mulheres como assistência médica ou atendimento em delegacias de polícia. Os jornais serviam ainda como mecanismo de propaganda política para mulheres que se candidatavam a cargos políticos. Enfim, a imprensa era um importante veículo de organização da luta feminista.¹³³

Os jornais foram ferramentas fundamentais para o crescimento e aparecimento das feministas no Brasil, assim se tornando notáveis e vistas como seres capazes de lutar e realizar seus ideais. De acordo com Damasco,

[...] Os jornais se tornaram, nas décadas de 1970 e 1980, num mecanismo de veiculação de idéias, reivindicações e lutas empreendidas pelas mulheres, tais como: anistia política, criação de creches, melhores salários e condições de trabalho, pelo fim da violência doméstica, pela liberdade sexual e reprodutiva das mulheres. Os temas ora estavam relacionados exclusivamente às mulheres, ora à sociedade em geral. Eles eram debatidos no cenário público nacional do período e acabaram figurando nas páginas desses jornais.¹³⁴

¹³⁰ DAMASCO, Mariana Santos. Ibidem, p.26.

¹³¹ Ver em: <https://rainhastragicas.com/2012/12/18/a-trajetoria-do-movimento-feminista/>

¹³² DAMASCO, Mariana Santos. Ibidem.

¹³³ DAMASCO, Mariana Santos. Ibidem, pp.31-2.

¹³⁴ DAMASCO, Mariana Santos. Ibidem, p.35.

Diferentes temas a respeito das mulheres foram tratados nesses periódicos, até mesmo aqueles assuntos que até então não eram abordados passaram a ganhar destaque e atenção, como por exemplo, o assunto das mulheres negras, estas que também participaram de várias manifestações, possivelmente até mesmo contra ditadura, porém não lembradas como tais. No entanto,

Em relação à presença da mulher negra nos periódicos, ela é mais visível no “Mulherio”. Um exemplo dessa afirmação decorre da publicação de cartas de mulheres negras ao jornal reivindicando matérias a respeito da situação delas e das dificuldades que as mesmas encontravam na sociedade brasileira da década de 1980. Na seção cartas, da segunda edição do “Mulherio”, a carioca Suzete de Paiva – ativista negra - reivindicou que o jornal divulgasse dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras no período. As editoras do “Mulherio” atenderam de imediato a reivindicação, visto que na edição seguinte a capa do periódico trouxe a foto de uma mulher negra estampada, além de artigos sobre a mulher negra e uma pesquisa realizada pela militante negra Lélia Gonzáles a respeito da situação da mulher negra no mercado de trabalho, na vida conjugal, na educação, etc. Esse fato parece ser uma evidência de que ativistas negras eram leitoras do jornal e buscavam ser representadas nas páginas do periódico¹³⁵ (grifos da autora)

É importante fazer uma observação a respeito de só o jornal Mulherio ter divulgado temas acerca das mulheres negras no Brasil, levando em consideração a hipótese de o tema sobre mulheres negras só ter sido tratado em tal jornal pelo fato de uma de suas integrantes ser negra. Lembrando que isto é apenas uma suposição, e não uma afirmativa de que é preciso ser negro para se importar e lutar contra as injustiças a eles cometidas. Mas, levantou-se esta hipótese devido ao contexto em que fazia parte o Jornal citado.

A década de 1980 foi um período de grande relevância principalmente para as amplas discussões sobre gênero e para as transformações políticas no cenário do nosso país, que envolviam as mulheres,

Além da discussão sobre o conceito de gênero, mudanças no âmbito político nacional, na década de 1980, refletiram no movimento feminista brasileiro. O processo de democratização trouxe em seu bojo o surgimento de novos partidos políticos (PT, PMDB, PDT e PFL). Neste período, o movimento feminista correu o risco de se fragmentar em face da divisão das militantes entre o PMDB e o PT.¹³⁶

Ainda neste período, muitos outros temas se destacaram nas listas de assuntos

¹³⁵DAMASCO, Mariana Santos. Idem, p.35.

¹³⁶GOLDBERG, op. cit., p.53; PINTO, op. cit., p.56 *Apud* DAMASCO 2009, p.37.

abordados pelas feministas, assuntos estes que envolviam variados assuntos referentes às mulheres, (como sobre o corpo, sexualidade, violência).

Já na década de 1990 pode-se afirmar que esse foi o contexto do aparecimento das ONGs feministas no Brasil, assim havendo a criação de várias ONGs por toda a parte do território brasileiro, estas que tratavam de assuntos diversos em prol de todas as mulheres, porém, estas ONGs sofreram alguns desacordos entre determinadas feministas, mas mesmo assim, resistiu. Para comprovar esta afirmativa é importante citar Damasco quando explicita que, “[...] Mesmo enfrentando resistências por parte de algumas feministas, essas organizações vingaram e, do fim da década de 1990 até o início do século XXI, foram a forma privilegiada do movimento feminista se organizar e atuar no cenário nacional.” (p.43). Ainda sobre os acontecimentos referentes às mulheres na década de 1990 do século passado, vale salientar que:

As críticas preconizadas pelas feministas negras norte-americanas começam a ser incorporadas pelas ativistas negras brasileiras, principalmente no decorrer das décadas de 1980 e 1990, período caracterizado pelo nascimento do movimento de mulheres negras no país [...] ¹³⁷

Em suma, foram inúmeras as lutas que envolveram mulheres brasileiras entre as décadas de 1970, 1980 e 1990. Assim, estas se tornando visíveis e até mesmo perigosas aos olhos dos repressores da sociedade brasileira. Num contexto em que a Sociedade era formada por pessoas, que na grande maioria ainda desejava a mulher que ocupasse somente o espaço privado, como assim era nos séculos passados. Porém, as mulheres não conquistaram ainda total grau de equidade entre os sexos. As feministas (de classe média, popular, negra, branca e etc.), foram as principais responsáveis pelas muitas conquistas das mulheres.

3.3. MERCADO DE TRABALHO: MULHERES AVANTE!

Diante de tantas lutas em busca de seus direitos, uma de suas conquistas foi a inserção no mercado de trabalho. Sabe-se que não foi tão fácil essas conquistas.

As mulheres por longo tempo estiveram limitadas ao espaço privado, quando casadas, sobretudo, sua função era cuidar dos filhos, afazeres domésticos e do marido, “[...] porque as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia

¹³⁷ DAMASCO, Mariana Santos. Ibidem, p.46 .

interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa [...].¹³⁸ Entretanto, no decorrer do tempo, ou melhor, no século XX as coisas foram mudando em relação às funções femininas. Foram diversos os motivos dessas mudanças, uma vez que algumas precisavam trabalhar fora para auxiliar nas despesas de casa, outras até mesmo para assumir a casa e os filhos sozinhas, e ainda houve (há) aquelas que decidiram ter sua própria independência financeira. Para isso, muitas delas decidiram diminuir a quantidade de filhos, e outras também, optaram por não tê-los. Segundo os autores Baylão & Schettino

A entrada da mulher no mercado de trabalho também se deve ao desenvolvimento de métodos contraceptivos, como o uso do anticoncepcional, com as mulheres diminuindo a quantidade de filhos que queriam ter, se quisessem ter, quando e quanto tê-los, podendo se dividir entre a casa e o trabalho (p.5).

Para conseguir sua ascensão no mercado de trabalho, foi preciso muita reivindicação em relação a seu reconhecimento enquanto profissionais. Isso não quer dizer que conseguiram o êxito total, mas, uma boa parte, já que elas em séculos anteriores não tinham nem sequer “voz”. Dos cargos tidos como femininos, principalmente a profissão de professora, elas passaram a ocupar espaços até então ocupados somente por homens. Para reforçar essa afirmativa, vejamos esse excerto.

Tradicionalmente as mulheres tem se ocupado com o trabalho doméstico, atividades sem remuneração e produções pra o consumo próprio e familiar. Porém, alguns nichos femininos são continuamente inclui-se a Enfermagem e o Magistério. De outro lado, as mudanças apontam na direção de um pólo oposto, no qual ocorre a expansão da ocupação feminina em profissões de nível superior de prestígio, como a Medicina, a Arquitetura, o Direito e mesmo a Engenharia, áreas até há bem pouco tempo reservadas a profissionais do sexo masculino. O movimento de ingresso das mulheres nessas áreas científicas e artísticas tem-se dado na esteira dos movimentos políticos e sociais deflagrados nas décadas de 60 e 70 do século XX. Aqui incluído o movimento feminista e da mudança de valores culturais deles decorrentes, que se refletiram, entre outras coisas, na expansão da escolaridade das mulheres e, em consequência, em seu ingresso maciço no ensino de 3º grau em uma gama mais ampla de carreiras universitárias.¹³⁹

Mesmo assim, “[...] com todo o esforço feminino ainda há muito preconceito, o que

¹³⁸ PERROT, Michelle. **Minha História das mulheres**. – São Paulo: Contexto, 2007, pp. 16-7.

¹³⁹ BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M.R. Trabalhadoras brasileiras dos anos 90: mais numerosa, mais velhas e mais instruídas. Disponível em < [http:// www.fee.rs.gov.br](http://www.fee.rs.gov.br) > Acesso em 13 de setembro de 2012 *Apud* BAYLÃO; SCHETTINO, 2014, p.8.

atrapalha a ascensão profissional e salário digno.”¹⁴⁰ Também, enquanto algumas mulheres conseguiram êxito em grandes cargos, outras continuaram trabalhando sem reconhecimento, ganhando baixos salários e com carga horária de trabalho excedente, por causa da falta ou baixa escolaridade, como por exemplo, grande parte das empregadas domésticas que mesmo havendo leis em prol delas, muitas ainda trabalham sem carteira assinada e recebendo míseros salários. É importante ressaltar também que “As empregadas domésticas facilitaram a vida de muitas outras mulheres na inserção da atividade econômica”¹⁴¹

A partir das últimas décadas do século XX, as mulheres vêm mostrando sua força e se destacando nos trabalhos autônomos, até mais que os homens, assim tendo maior participação nas atividades econômicas do Brasil. Deste modo,

No trabalho por conta própria o emprego da mulher aumentou mais que do homem, enquanto o número de homens desempregados diminuiu. O emprego da mulher vem aumentando mais do que do homem devido a uma formalização das relações de trabalho, a elevada taxa de desemprego e o crescimento do emprego sem carteira vem sendo uma diferenciação do emprego feminino.¹⁴²

Portanto, pode-se notar que grande parte das mulheres brasileiras têm se destacado no mercado de trabalho, isso foi possível devido seus questionamentos, reivindicações, lutas e não mais aceitação de inferioridade aos homens.

3.4. PARTICIPAÇÃO E LUTA, UMA VIVÊNCIA HISTÓRICA.

Foi visto algumas das várias participações das mulheres na sociedade, suas lutas por direitos e igualdade entre os sexos, sobretudo, a partir de 1970 no contexto da ditadura militar, o qual envolveu grande parte das cidades brasileiras. Provavelmente todas as regiões do país sofreram por causa dos episódios recorrentes, assim, é relevante enfatizar que o nordeste foi a região mais prejudicada com o golpe, de tal modo aumentando ainda mais a sua taxa de pobreza, visto como, “A consolidação do Nordeste como região mais pobre do país teve grande participação do governo dos militares”¹⁴³ Numa contextura que, conforme aumentava

¹⁴⁰ BAYLÃO, André Luis da Silva; SCHETTINO, Elisa Mara Oliveira. **XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia (Gestão do Conhecimento para a Sociedade)**, 22, 23 e 24 de Outubro, 2014. Ibidem, p.6.

¹⁴¹ BAYLÃO, André Luis da Silva; SCHETTINO, Elisa Mara Oliveira. Ibidem, p.7.

¹⁴² BAYLÃO, André Luis da Silva; SCHETTINO, Elisa Mara Oliveira. Idem, p.7.

¹⁴³ Ver em: <http://nelcsgomes.jusbrasil.com.br/artigos/114420764/10-razoes-para-nao-ter-saudades-da-ditadura>. Acessado: 07-06-2016.

a taxa de pobreza no Nordeste, também acrescentava a quantidade de nordestinos que migravam para as grandes cidades em busca de empregos, ou melhor, em busca de melhores condições de vida, deste modo acarretando um índice ainda maior de miséria nas grandes cidades do país.

Assim como o nordeste sofreu com regime militar, o estado de Alagoas, o qual a ele pertence, este também passou por momentos de tensão. Devido à ausência de documentos que tratam a respeito da ditadura militar nas décadas de 70 e 80 em Alagoas, abordaremos acerca de um episódio ocorrido ainda na década de 60 no estado alagoano. Esse fato foi a repressão de impensas comunistas existentes em Alagoas, um exemplo é o Jornal A Voz do Povo, perseguido até sua destruição, pois,

[...] no dia 1º de abril de 1964 a sede do semanário foi invadida e destruída; os seus bens foram saqueados e a gráfica foi destruída. Os seus diretores foram presos. Terminou assim uma longa trajetória. A invasão foi comandada pelos delegados Rubens Quintela e Albérico Barros, e o responsável pelo ato violento foi o comandante do golpe militar em Alagoas, o governador Luiz Cavalcante”.¹⁴⁴

Os grupos de esquerda preocupavam e incomodavam os repressores pertencentes ao golpe, assim, eles (repressores) chegavam ao extremo de suas crueldades, a destruição do jornal A Voz do povo é um exemplo claro da indignação desses repressores.

Assim como grupos de esquerda e todos aqueles contra o golpe, foram perseguidos durante o período ditatorial em grande parte de todo o território brasileiro, desde os estados maiores aos menores, vale observar que não só os esquerdistas sofreram perseguições, pois, as prostitutas também foram alvo de caçada e tortura, “A ação dos militares contra as prostitutas foi contínua nos anos de chumbo. Uma repressão não só dos militares, mas de outros setores, como a Polícia Civil, que aplicava o ‘termo de vadiagem’ para prender essas profissionais”¹⁴⁵. Prostitutas e travestis sofreram perseguições, principalmente pelo fato de “venderem” seus corpos, irem contra os padrões estabelecidos pela sociedade, sendo assim, violentadas cruelmente. Segundo Nieto apud Fernando Éboli: “Não era a repressão nos termos políticos clássicos, como o combate à guerrilha. Mas a ditadura tinha um objetivo não só de eliminar a esquerda comunista, mas também a construção de uma sociedade de princípios morais,

¹⁴⁴ Ver em <http://www.historiadealagoas.com.br/o-jornal-comunista-a-voz-do-povo.html> Acessado 11/07/2016

¹⁴⁵ Ver em: <http://jornalgggn.com.br/noticia/prostitutas-perseguidas-na-ditadura-reinvidicacao-reparacao-economica-e-anistia> Acessado: 11-07-2016.

cristãos e conservadores”¹⁴⁶. Nesse caso, as prostitutas eram sujeitos inversos desses princípios, mesmo assim, os castigos impostos pela ditadura não foi suficiente para abolir a prática da prostituição, pois esta atividade se desenvolveu ainda mais a partir de meados dos anos 80 do século XX, e “nesse contexto a prostituta se afirma como trabalhadora, reflexo das mudanças em outros grupos de mulheres [...]”¹⁴⁷

3.5 PROSTITUIÇÃO FEMININA: APONTAMENTOS

Há quem diga que a prostituição feminina é o “ofício mais antigo do mundo”, assim como enfatiza Paulo Roberto Ceccarelli¹⁴⁸. Porém, Margareth Rago discorda desse discurso, uma vez que frisa em seu livro “Prazeres da noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930)”:

Acredito, ainda, que considerar a prostituição como a “profissão mais antiga do mundo” é uma postura que mais prejudica do que ajuda, pois favorece a naturalização de um fenômeno que é cultural e histórico e não necessário e insolúvel. Ignorá-la e silenciar a seu respeito, como acontece nos meios acadêmicos e políticos, de esquerda e direita também é uma maneira de fechar os olhos a problemas que assolam a nossa vida social. Historicizar o acontecimento e problematizar a experiência, por mais dolorosos e difíceis que possam ser, são possivelmente maneiras de se aproximar dessa realidade, enfrentá-la e, quem sabe, encontrar novos elementos para lidar e responder a ela de uma maneira mais eficaz e construtiva. (p.14)

De acordo com o ponto de vista de Rago a respeito de seu discurso sobre a prostituição como o “ofício mais antigo do mundo”, ela esclarece que pensar dessa forma é o mesmo que se acomodar a respeito de tal fato como se fosse algo sem importância, deixando de lado a busca de entender as causas que levam pessoas, ou melhor, nesse caso especificamente, o que leva mulheres a se prostituir, sem levar em consideração suas verdadeiras realidades e contextos. Uma vez que este assunto é tão importante quantos outros. São diversos os fatores responsáveis pelo exercício da prostituição, mas, uma das causas maiores é a questão econômica dessas mulheres (prostitutas). No entanto, grande parte da sociedade define esta prática como vida fácil. Conforme o pensamento de Brasil¹⁴⁹ sobre essa afirmativa: “Está

¹⁴⁶Ver em: <http://oglobo.globo.com/brasil/para-antropologo-violencia-contra-mulheres-teve-conivencia-estatal-10082225> Acessado: 17-08-16.

¹⁴⁷Rago apud SILVA 2014, p.51.

¹⁴⁸CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição – Corpo como mercadoria. **Mente & Cérebro – Sexo**. V.4. 1-13. Dez. 2008.

¹⁴⁹BRASIL, Jaime. História da Prostituição, em “**A Questão Sexual**”, 1932. Site:

radicada a convicção, enter a maioria das pessoas de que há mulheres que se entregam à prostituição por prazer, por “vício” como é o costume dizer. Não é verdade. São todas impelidas a isso pela miséria. [...]” (p.3). Ainda havia aqueles que tinham uma ótica sobre a prostituição como doença, bem como afirma Santana,

Basicamente, as razões consideradas para que a mulher viesse a se prostituir estavam associadas à situação econômica, o que a vitimizava, ou a uma anormalidade própria dessas mulheres, julgadas portadoras de uma identidade doentia, o que não deixava de ser também uma forma de vitimização.¹⁵⁰

Mesmo assim, não se deve ver a prostituta sempre como vítima, mesmo está praticando esse ofício para uso exclusivo de suas necessidades básicas.

Pois, sabe-se que a prostituição possibilita uma troca, em que o sexo é a mercadoria. Para Ceccarelli “[...] nesta profissão, tida como “a mais antiga do mundo”, na grande maioria das vezes troca-se sexo por dinheiro” (p.1). Pode-se dizer ainda que esta prática funciona como um acordo entre “cliente” e prostituta, no qual cada um tem sua função, a prostituta de satisfazer sexualmente seu “cliente” e ele de pagá-la logo após ter sido “servido”, ou melhor, explicitando “[...] a prostituição é um trabalho, uma vez que as prostitutas estabelecem um contrato a partir de uma combinação especificando um tipo de trabalho por um período de tempo e uma quantidade de dinheiro.”¹⁵¹ Com isso, pode-se afirmar que nem sempre a prostituta é vítima de tal fato, uma vez que esta está relacionada a um acordo entre ela e o “cliente”, a não ser quando há casos de mulheres que são obrigadas por cafetões ou cafetinas para praticarem o ato¹⁵².

No contrato feito pela prostituta e “cliente” não há existência de afeto, amor, em que o corpo da prostituta serve como ferramenta principal de trabalho para a realização do prazer sexual do “cliente”, uma vez que o intuito dela em tal momento é faturar. Portanto, “segundo Lagenest (1973), a prostituição é essencialmente uma mulher que aluga seu corpo para jogos sexuais, sem amor. Por isso, quando ocorre a reunião entre aluguel do corpo, jogos sexuais e ausência de amor, há prostituição”.¹⁵³ Em suma, a prostituição é uma ocupação em que há a

<http://www.antropologia.com.br/pauloapgaua/trab/prosti.PDF>

¹⁵⁰ SANTANA, Nélia de. **A Prostituição Feminina em Salvador, 1900-1940**. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências humanas. Salvador, BA, 1996, p.06.

¹⁵¹ PASINI, Elisiane. Prostituição e a Liberdade do Corpo. **CLAM – AMB**, 15.04.05, Ver em: <http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/Elisiane.pdf>, p.3.

¹⁵² Vale enfatizar que não nos aprofundaremos neste assunto, cujo não é o tema deste trabalho.

¹⁵³ Ver em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/TATIANA%20AMARAL%20SILVA.pdf> . Acessado em 18/04/2017.

troca de sexo por dinheiro ou bens materiais.

A prostituição feminina passou a ser estigmatizada, rotulada e acuada a partir da igreja católica ainda na idade média, por ser um trabalho de grande lucratividade.

Ainda, por a prostituição ser uma atividade que gerava lucros, esta não foi perseguida e controlada somente pela igreja, mas também pelo Estado e a camada burguesa, cujos sabiam que se perdessem o controle de tal ofício, também perderia seus ganhos por meio desta atividade. Sendo assim,

[...] A burguesia passa a ditar as regras do comércio, entre eles, o comércio do sexo, proporcionando uma perda na autonomia das prostitutas e mais controle e lucro pela alta burguesia, determinando também, a organização espacial e funcional da prostituição feminina, pois eram aplicadas penas severas para aquelas que fossem encontradas fora da Cidade onde prestavam seus serviços sexuais [...] ¹⁵⁴

A partir daí percebe-se a preocupação da burguesia em não perder o controle do comércio sexual, já que este lhes garantia altos lucros. Como é possível notar, desde a idade média, em que as prostitutas já eram estigmatizadas, rotuladas, entre outros adjetivos dados a elas, porém estes estigmas eram-lhes empregados através da igreja, Estado e burguesia por causa da alta lucratividade que esta atividade produzia.

Ao tratar sobre a prostituição feminina no Brasil ¹⁵⁵, é notório que durante toda a história do Brasil, a prostituta sempre ocupou o pior espaço e já era marginalizada, estigmatizada, classificada nos piores níveis possíveis, uma vez que se tratava da moralidade social, pois “[...] a prostituta sempre esteve enquadrada na categoria da desordem, seja no nível social quanto no moral, era concebida como bem disse Magali Engel como ‘uma das muitas outras faces da cidade doente.’” ¹⁵⁶ Assim, compreende-se que não é contemporâneo os estereótipos dados às mulheres que usam seus corpos como instrumentos para satisfazer na maioria das vezes aos homens, em troca de dinheiro ou mesmo bem material/favor. Deste modo, a prostituta era vista como o inverso do bem à sociedade.

Então, mesmo com o decorrer do tempo, pensar essas mulheres desde a Idade Média, período colonial no Brasil e buscar identificar as mudanças que aconteceram referentes ao modo em que eram vistas, percebemos que poucas coisas mudaram em relação a essas

¹⁵⁴ ALVES FILHO, Nielson José. Ibidem, p. 17.

¹⁵⁵ Por falta de documentos que falem sobre a prostituição feminina em Alagoas nas décadas de estudo da presente pesquisa, aqui será feito uma abordagem geral sobre a prostituição no Brasil.

¹⁵⁶ LIMA, Yago Felipe Campelo de. Uma Princesa Que Não Reconhecia Suas Prostitutas: Imagens, Discursos e Representações Sobre A Prática da Prostituição Na Cidade De Caruaru – Pe, Nas Décadas de 60 e 70. XVI Encontro Estadual de História – Poder, memória e resistência: 50 anos do golpe de 1964. Campina Grande. 25 a 29 de agosto de 2014, p.70.

mulheres, visto como, estas continuaram sendo tratadas como meros objetos de lucratividade, marginalidade, preconceito, entre outros. Mas, mesmo as prostitutas sendo percebidas dessa forma, a prostituição só aumentou.

4. PRÁTICAS DA PROSTITUIÇÃO FEMININA EM DELMIRO GOUVEIA, 1970-1990.

Para falarmos sobre o objeto de estudo desta pesquisa, é de grande relevância fazermos uma síntese sobre a história da cidade. Ainda, enfatizar o perfil da sociedade delmirenses de acordo com o recorte temporal aqui escolhido (1970-1990). A fim de compreender as práticas de prostituição feminina na cidade Delmiro Gouveia (objeto de estudo).

A então cidade de Delmiro Gouveia, localizada no alto sertão alagoano, recebeu este nome em homenagem a Delmiro Augusto da Cruz Gouveia¹⁵⁷, o qual fez desabrochar o “desenvolvimento” neste local no início do século XX. Quando chegou aqui, Delmiro encontrou um pequeno povoado pertencente à cidade de Água Branca. Pouco tempo depois de sua chegada ao povoado Pedra¹⁵⁸, construiu a primeira usina hidroelétrica do Nordeste “Angiquinho”. Com isso, trouxe energia elétrica e também água encanada para Pedra. Um ano depois, fundou a Fábrica de linhas no povoado, assim gerando empregos para famílias residentes do local, atraindo também moradores de outras cidades e povoados para fixar-se no povoado devido à geração de empregos na fábrica de linhas. Deste modo, nota-se a relevância de escrever obras sobre Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, porém, quando se trata da cidade, não é necessário produzir obras que enfatize somente o homem Delmiro Gouveia, mas também, é importante dá espaço para os outros sujeitos que também fizeram e ainda fazem parte da história, porém, foram silenciados.

¹⁵⁷ Nascido em Ipu, Ceará, a 5 de Junho de 1863, fruto de um amor proibido, Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, acompanhado de sua irmã Maria Augusta Gouveia, foi tentar a vida em Recife, juntamente com a genitora Leonila Flora da Cruz Gouveia, após a morte do pai, Delmiro Porfírio de Farias, na Guerra do Paraguai. [...]

Delmiro Gouveia não frequentou os bancos escolares, sua escola seria a vida comercial, na qual começou aos 12 anos de idade como aprendiz de tipógrafo. Desligando-se desse emprego, foi trabalhar numa mercearia. [...]

Trabalhou como despachante de barcaças, vendo a oportunidade de crescer profissionalmente no mercado de “courinhos”. (DA SILVA, Davi Roberto Bandeira. Ousadia no Nordeste: a saga empreendedora de Delmiro Gouveia. Maceió: FIEA, GIJS. 2007 p. 31)

¹⁵⁸ Ver em: <http://cod.ibge.gov.br/NGO> acessado em: 15/03/2017

Deixamos claro que o intuito deste capítulo não é menosprezar as obras produzidas sobre Delmiro Gouveia e nem se alongar sobre este assunto. Mas, somente apresentar brevemente a história da cidade. Pois, o foco deste capítulo é entender sobre as práticas da prostituição feminina no município de Delmiro Gouveia, no período entre 1970 e 1990, numa sociedade de caráter conservador e preconceituoso, em que predominava principalmente práticas machistas. Com isso, serão abordados os principais lugares de realização deste ofício, suas prováveis causas, formas de organização, dentre outros.

Costumam associar o alto índice de prostituição feminina as grandes cidades, pelo fato de serem mais desenvolvidas, é notório, porém, isso não significa dizer que nas pequenas cidades como em Delmiro Gouveia não houvesse.

4.1. RECINTOS DO PRAZER

Entre 1970 e 1990 a cidade de Delmiro Gouveia, mesmo com as grandes mudanças que aconteciam no país neste período, ainda era considerada uma cidade pequena, pouco desenvolvida, além disso, era formada basicamente por operários, comerciantes e trabalhadores rurais, sua economia girava em torno da Fábrica da Pedra, comércio e agricultura.¹⁵⁹ No entanto, os homens pertencentes ao município delmirenses e cidades circunvizinhas, buscavam se divertir e aliviar seu cansaço à noite e, sobretudo nos finais de semana nos cabarés localizados em Delmiro Gouveia. Segundo pesquisas¹⁶⁰ realizadas na própria cidade, este foi o período de grande fluxo de prostituição feminina realizada em “cabarés”.

Durante as três décadas de estudo (1970-1990), a prostituição feminina em Delmiro Gouveia acontecia, sobretudo nos cabarés, havia aqueles mais e menos aprimorados. Mas, também existiam os cabarés do baixo meretrício, ou mesmo bares que funcionavam como ponto de encontro de prostitutas com os homens que delas desejassem seus serviços sexuais. Alguns desses ambientes, segundo **Carmem**¹⁶¹ eram: “[...] o de Narcisa, o de Sônia, tinha o

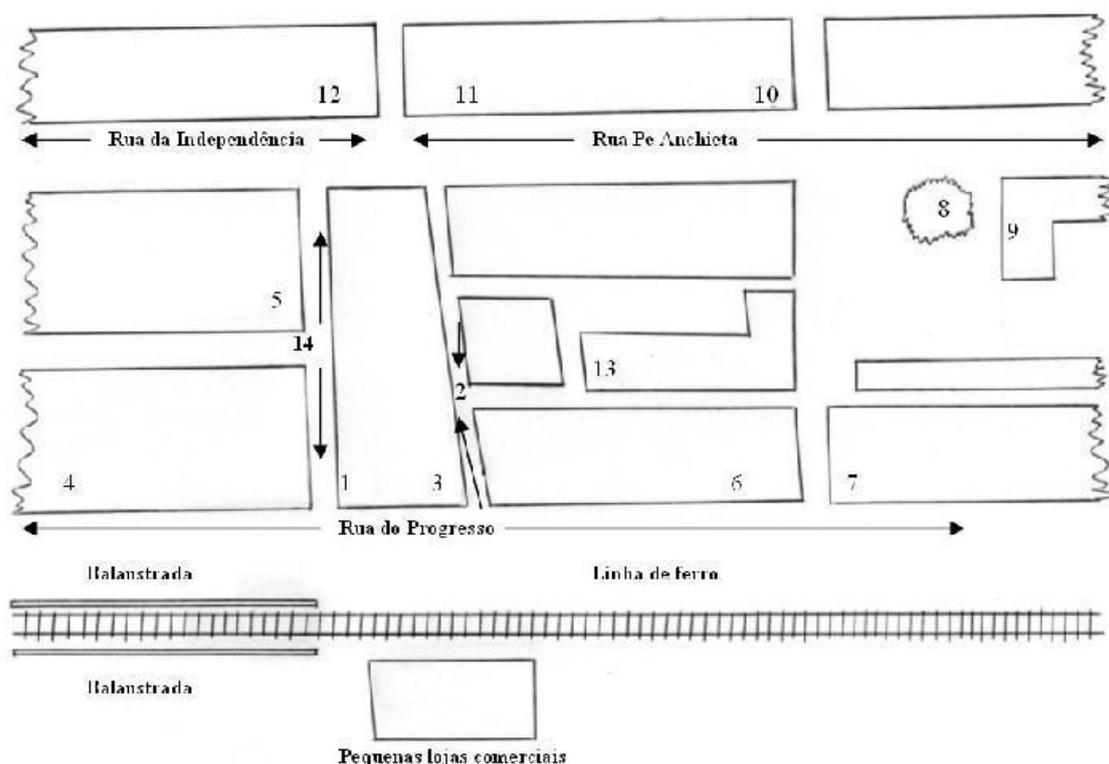
¹⁵⁹ Ver em: SILVA, Davi Roberto Bandeira da. Ousadia no Nordeste: a saga empreendedora de Delmiro Gouveia. Maceió: FIEA, GIJS. 2007.

¹⁶⁰ Ver em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/Artigo-enlan%C3%A7ados-ELIELMA-CORRIGIDO-CONCLUIDO.pdf> acessado em 16/04/2017

¹⁶¹ Senhora de 65 anos, viúva, não alfabetizada, cuja vendia artigos de cama mesa e banho para as donas dos dois bordéis de luxo (cabaré de Tonha e o de Percília) da cidade na década de 1970 e roupas para as “moças” que trabalhavam nestes ambientes. Entrevista concedida por Carmem (nome fictício). 18/05/2014.

de Preta, mas em Preta, mulher ali não ficava com homem não, era só pra beber, chamavam ‘ o cabaré de Preta’ e o cabaré de Sônia”. Esses eram os cabarés e também bares do baixo meretrício, geralmente funcionava mais como ponto de encontro das prostitutas com seus clientes, quando desejavam fazer sexo, procuravam outro local.

No baixo meretrício como assim é denominado, expresso no mapa¹⁶² retirado do blog Amigos de Delmiro, ocorria principalmente próximo à feira municipal no centro da cidade, mormente nos dias que a feira funcionava, pelo fato de nesses dias haver muito movimento, grande fluxo de pessoas da cidade, povoados e até cidades circunvizinhas, pessoas essas que vinham fazer suas compras. No entanto, muitos dos homens que vinham para feira eram frequentadores assíduos dos bares próximos. Grande parte desses estabelecimentos localizava-se próximo ao beco conhecido como “Escondidinho”. Esse beco também era conhecido como “beco das sete facadas”, assim destacado no mapa do blog citado acima. Atentemos para o mapa a seguir (1960).



¹⁶² Legendas do mapa: 1. Açougue Municipal, 2. Beco das 7 facadas, 3. Estúdio do PRPC, 4. Prefeitura Municipal, ou seria o Bar de Maninho?, 5. Ateliê* de Lula Braga/Dormitório do Hotel de D. Das Graças (1º andar), 6. Casa de José Balbino (aqui se compravam as passagens para ir até Paulo Afonso), 7. Padaria, 8. Tamarineira, 9. Escolinha de Dona Maria Pinto, 10. Dancing de Zé Lopes, 11. Escolinha de Dona Maria Damasceno, 12. Bodega de Seu Zé Leite, 13. Baixo Meretrício. Vê em: <http://amigosdedelmirogouveia.blogspot.com.br/>

Segundo relatos, no Beco, além da prostituição, também havia muitas brigas, das quais em alguns episódios as prostitutas frequentadoras de tais bares estavam envolvidas nas confusões. Segundo o relato de **Helena**, moradora do Beco, a qual presenciou muitas vezes essas brigas: [...] *de vez em quando tinha uma briguinha, mas não era briga de matar ninguém não. Era mais discussão de mulher com homem, mulher com mulher, era assim.*

¹⁶³ Mas, por que este nome “Beco das sete facadas”, já que segundo a fala da entrevistada nota-se que não aconteciam brigas que chegassem a ocasionar mortes? Será que alguém já recebeu facadas sete vezes? Estes são questionamentos que não conseguimos respostas, pois a forma como a entrevistada respondeu a respeito das brigas ocorridas nos bares do Beco, parecia ser normal na época. **Helena** também desconhece esse apelido do beco, pois quando lhe é questionado sobre o mesmo, ela respondeu: *“não (risos), desse eu não me lembro não”*. Tanto é que ao perguntá-la sobre o nome do Beco, respondeu que o local era conhecido como Escondidinho. Logo, percebe-se através do mapa que o beco era bastante estreito. Será que era por isso que recebeu o nome “escondidinho”? Provavelmente. Porém, isso **Helena** não soube responder.

Não sendo muito diferente das grandes cidades, a prostituição feminina em Delmiro Gouveia acontecia em ambientes movimentados, onde tinha grande tráfego de pessoas, chegando aos espaços mercantis. Sendo assim, “a prostituição se concentrava nas áreas comerciais e centrais da cidade próxima aos bares, cafés, concertos, teatros, cinemas e cabarés. Estes espaços atraíam a burguesia rica, os políticos [...] trabalhadores e vários tipos de marginais”. ¹⁶⁴ No entanto, o baixo meretrício em Delmiro Gouveia era frequentado pelos homens da camada popular (sobretudo por agricultores e operários).

De acordo com pesquisas sobre o assunto, percebe-se que o ofício da prostituição próxima ao comércio e feira livre, era apenas o do baixo meretrício, pois os bordéis de luxo da cidade localizavam-se afastados do comércio. Uma vez que, ao ser interrogada sobre quais eram os cabarés mais famosos e sofisticados da cidade nas décadas de 1970 e 1980, Dona Carmem, esclarece: *“os cabaré mais arrumado e que tinha as putas mais bonita era o de Tonha e o de Percília”*.

Ainda em entrevista com **Carmem**, foi questionado a localização desses cabarés, ela

¹⁶³ Helena (nome fictício), 70 anos, costureira, não alfabetizada, moradora do beco “Escondidinho”, ou “Beco das 7 Facadas”, desde seus 10 anos de idade. Entrevista: 31/08/2016.

¹⁶⁴ RAGO, Margareth. **Amores Lícitos e Ilícitos na Modernidade Paulistana ou No Bordel de Madame Pomméry**. Teoria & Pesquisa 47.p. 93-118, Jul/Dez. de 2005, p.101.

responde: *“Ficava ali no, subindo ali nas Craibeirinha, era ali naquela linha subindo para as Craibeirinha”*.¹⁶⁵

Falando a respeito dos cabarés de luxo e do baixo meretrício, nota-se que o baixo meretrício ocorria num lugar movimentado, assim acontecendo próximo ao comércio, principalmente à feira livre. Segundo relatos, a mudança da feira que funcionava no centro da cidade mudou-se para outro local no início da década de 1990. Já os bordéis de luxo permaneceram em seus lugares afastados do centro da cidade.

No final da década de 1990, torna-se famoso outro cabaré, sendo este no centro, mas, diferente dos de baixo meretrício como os que existiam no período em que a feira livre localizava-se no centro de Delmiro Gouveia, segundo a dona¹⁶⁶ desse novo cabaré, este que funcionava também como bar, fixava-se: “ao lado da pousada central de Lourenço”. De acordo com a entrevista cedida pela **Betty**, seu estabelecimento a princípio esteve neste local, logo depois mudou-se para um lugar afastado, e foi lá que ela construiu a “Casa de campo”, isto no início do século XXI. No entanto, o tempo em que a “Casa de campo” foi construída e começou a funcionar já não está mais dentro do marco temporal deste estudo, porém é de suma relevância mencioná-lo porque ele dá continuidade ao outro estabelecimento que ela tinha no centro da cidade.

A “Casa de campo” era mais moderna, cujo nome foi inspirado em uma novela da Globo “Porto dos Milagres”¹⁶⁷. Ao interrogar a entrevistada sobre a origem do nome, ela responde: *“por causa de uma novela na época. Tinha um cabaré nessa novela com o nome casa de campo. Era muito parecido com o meu cabaré, por isso ficou conhecido assim”* (Betty).

Os clientes do alto meretrício nas décadas de 1970 até 1980 eram homens de todos os tipos desde que tivessem dinheiro para consumir, lá era frequentado por: *“homens casados, solteiros, da elite, homens ‘comuns’, mas, acima de tudo, homens com dinheiro pra gastar”*¹⁶⁸. Porém, no cabaré mais famoso da década de 1990, os homens que lá frequentavam eram de boas condições econômicas. Pois, segundo **Betty**:

“(risos) Os homem que frequentava meu cabaré era homens rico, né? Porque lá a bebida era cara, tá entendendo? E era... as vezes a porta era

¹⁶⁵ O nome correto é Caraiibeirinhas. Bairro muito distante do centro da cidade.

¹⁶⁶ Betty (nome fictício), 45 anos, dona da famosa casa de campo. Entrevistada em 13/08/2016.

¹⁶⁷ Ver : <http://novelasdobrasil.com/porto-dos-milagres-resumo/> acessado em 06/02/2017.

¹⁶⁸ Fala da filha de uma ex- dona de bordel de luxo das décadas de 1970 e 1980. Entrevista cedida em 2014.

fechada porque tinha strip-tease , só andava lá homem de dinheiro porque um pobre não tinha... na época uma cerveja lá era cinco reais, muitos deles não tinham condições de dar cinco reais numa cerveja pra sentar na mesa, e dar cinco reais numa dose de Montilla pra alguma mulher beber, não tinha condição. Só iam os homens de dinheiro”

Diante dos relatos, pode-se dizer que a geografia do prazer era dividida na cidade de Delmiro Gouveia de acordo com a situação financeira de sua clientela.

4.2. ORGANIZAÇÕES DO ALTO MERETRÍCIO.

O comércio da prostituição feminina em Delmiro Gouveia nas décadas de 1970 a 1990 tinha seu modo de organização assim como qualquer outro negócio, pois as donas dos cabarés da época impunham regras a serem cumpridas em seu estabelecimento, de dia as “meninas” trabalhavam nas arrumações do ambiente, depois descansavam e de noite se preparavam para receber seus clientes.

Assim, como nas empresas são exibidas as mercadorias novas à clientela, nos cabarés da cidade de Delmiro Gouveia não era diferente. Como não tinha somente mulheres prostitutas da cidade, mas também de cidades circunvizinhas e povoados. Quando chegavam novatas para trabalhar em alguns dos bordeis citados, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980 (cabaré de Tonha e o de Percília), a “empresária” (dona do bordel) mostravam-nas para o público alvo (homens) de maneira bem discreta. Essa afirmação pode ser comprovada através da fala da senhora **Soraya**¹⁶⁹

[...] quando chegavam “meninas” novas na casa da minha mãe é... ela dava um jeito de essas “ meninas” estarem bem arrumadas, bem apresentáveis é... nada de escandaloso que mostrasse demais as partes do corpo e ela meio que fazia, ela dava um passeio no comércio para que os homens que eram o público alvo, né, Vissem a “mercadoria”. Então, com certeza à noite essas “moças” recebiam os seus clientes, mas assim, não era sempre esse tipo de exposição, só quando havia necessidade mesmo. [...]

Podemos comparar esta exibição que era feita com as prostitutas de Delmiro a uma propaganda, porque, “Exibir-se como mercadoria significava ainda revelar o *status social* da

¹⁶⁹ Filha de ex dona (Antônia, mais conhecida como Tonha) de cabaré da cidade de Delmiro Gouveia entre as décadas de 1970 e início de 1980. Soraya (47 anos) tem Ensino Médio completo, segundo ela recebeu uma educação rígida, apesar de ter sido criada somente pela mãe. Entrevista concedida no 08/03/2015.

meretriz, propagandeando-se”¹⁷⁰.

Elas eram propagandeadas de uma maneira que não gerava escândalo na sociedade, a postura delas fazia com que as pessoas não lhes “jogassem pedras” mesmo sabendo do ofício que realizavam. Isto é possível notar a partir da fala de **Carmem**, quando se refere à conduta das prostitutas das décadas de 1970 e 1980:

Elas se comportavam como mulheres decentes. Elas só tinham aquelas ‘putaria’ delas no cabaré, mas na rua elas se dava o respeito [...] Eu conheci mulher aqui que frequentavam esses cabarés, eram tudo de roupa composta.

Eram mulheres que sabiam distinguir seu local de trabalho e o local público, e o corpo mesmo sendo umas das ferramentas principais para a execução do ofício, elas não expunham de modo que viesse a incomodar às “pessoas de bem” da sociedade delmirense, pois se encontravam ainda num contexto em que a sociedade era conservadora.

Ao questionar **Betty**, que foi prostituta e dona de cabaré na década de 1990 sobre como as pessoas da sociedade delmirense tratavam ela e as “meninas” que trabalhavam no estabelecimento dela, então relata: *“era tratada bem, né? Porque tem aquelas pessoas que trata bem e outras que discrimina. Porque quando a gente saía, a gente não saía com pinta de rapariga, né? A gente saía com pinta de gente normal”*. Com isso nota-se que a própria enxergava seu ofício como uma anomalia, e assim através de sua aparência e a das “meninas” do bordel dela, elas tentavam esconder seu verdadeiro ofício daqueles que não tinha conhecimento de suas vidas. Ainda, compreende-se que só eram respeitadas por aqueles que não as conhecia.

Outro fator importante referente à organização nos cabarés em Delmiro Gouveia era o acordo feito entre prostituta e a proprietária do estabelecimento. As prostitutas tinham o dever nos prostíbulos de fazer com que seus clientes consumissem para assim dar lucro à dona do cabaré, isso em troca de moradia e alimentação. Portanto,

A cafetina administrava um pequeno negócio, na verdade [...] Controlava os mínimos gastos das “alunas” do bordel, a quem introduzia os códigos da mundanidade: ensinava como agradar ao freguês, como se vestir atraentemente, como ter gestos e atitudes charmosos, e exigia que as prostitutas incentivassem os seus pares a consumir o máximo possível¹⁷¹

¹⁷⁰ RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo, 1890-1930**. – São Paulo: Paz e Terra. 2008, (p.96).

¹⁷¹ RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São**

Depois de fazer o cliente gastar com bebidas e petiscos, então, era a vez delas lucrarem, dessa vez, com seus corpos, dando prazer aos seus clientes. Tudo era uma troca. Desta forma, é possível perceber a organização que havia neste ofício. É importante salientar que mesmo com passar do tempo, duas décadas depois, esse tipo de acordo ainda existia. Porém, a dona deste cabaré não precisava sair para expor as novatas da casa.

Nota-se, portanto, que o cotidiano das prostitutas de Delmiro Gouveia nas décadas de estudo se detinha ao modo de organização que lhes eram impostos nos bordéis. Além disso, aquelas que não eram da cidade de Delmiro, viviam como nômades, não ficavam muito tempo no mesmo prostíbulo, visto que mudavam-se para outros lugares onde pudessem ser novidades para lucrar. A prática da prostituição na vida delas era um tipo de trabalho, de profissão, mesmo que elas não tivessem essa noção do ofício que exerciam. Porque, do modo como viviam e se organizavam, a prostituição era uma forma de trabalho. E, assim como chegavam a cidades diferentes, estas com um tempo saíam dando lugar a outras.

4. 3. REALIDADES SILENCIADAS

Pensando no modo de vida dessas mulheres (prostitutas) cada uma com histórias de vida algumas parecidas, outras diferentes, mas que todas se encontravam no mesmo patamar, ocupando o mesmo espaço e exercendo o mesmo ofício. Vidas que para muitas pessoas da sociedade era vista como “vida fácil”.

Quando se fala em vida fácil, entende-se que todas elas se prostituíam por prazer, sem levar em consideração os verdadeiros motivos para realizarem tal prática. Por mais profissionais que elas fossem ao exercer seu ofício, será que tinham vida fácil?

Deste modo,

“[...] pode parecer fácil se prostituir, pois não é preciso ter pré-requisitos. Basta oferecer seu próprio corpo, você mesmo. Entretanto, até que ponto é fácil se doar por completo, dividir sua maior intimidade, se submeter às maiores violências contra si mesmo? Assim, a primeira questão a ser levantada nesta discussão é que a prostituição, ainda que vista como opção, não é a mais fácil”¹⁷².

Paulo, 1890-1930. – São Paulo: Paz e Terra. 2008, pp. 204-5.

¹⁷² Retirado do texto “**Prostituição: opção ou determinação Social?**”, executada pelas autoras junto com a referida orientadora no período de março/2009 a fevereiro/2010. Pode ser encontrado na biblioteca da PUC-SP,

Para tornar sólida esta discussão, vale destacar o ponto de vista de **Soraya** a respeito deste assunto, ela que mesmo ainda sendo uma criança quando sua mãe tinha o bordel, no momento da entrevista conseguiu construir uma opinião acerca da vida que as prostitutas levavam no cabaré de sua mãe. Então, ela expõe: ***“Não existe nada de fácil na verdade na vida de uma prostituta.”***

Portanto, por quais motivos tais mulheres usavam seus corpos como ferramentas para dar prazer aos homens em troca de dinheiro ou bens materiais em uma sociedade de caráter conservador, preconceituoso e machista. Mesmo sabendo que teriam um preço a pagar por realizar tal prática?

Como se sabe entre 1970 e 1990 as mulheres já não eram mais tão passivas, pois, já vinham mostrando sua força enquanto mulheres tinham certa liberdade acerca de seus corpos e escolhas. Logo, a prostituição era vista/considerada para muitos e muitas como profissão, e muitas mulheres adotaram este ofício por escolha. Todavia, as mulheres que se prostituíam em Delmiro Gouveia nesta época, ainda não tinham esse livre arbítrio (se prostituir por opção).

Ao refletir sobre as causas que levavam mulheres a se prostituir em Delmiro Gouveia, cidade está localizada no interior do nordeste, a qual apresentava um perfil de sociedade conservadora e patriarcal. Pois, quando acontecia de uma moça “perder a virgindade” e não casar, na maioria das vezes era expulsa de casa, ou mesmo quando a mulher casada se separava de seu esposo, era vista com “maus olhos”. Geralmente, essas mulheres não tinham emprego e nem renda fixa, e quando não conseguiam emprego por falta de escolaridade ou outros motivos, nem conseguiam proteção de outros familiares, se sujeitavam a viver nos bordéis da cidade. Deste modo, o ofício da prostituição servia-lhes como meio de vida. Segundo Engel apud De Lima

“Se levarmos em conta a existência de preconceitos que restringiam muito as ocupações que podiam ser desempenhadas por mulheres” afirmaremos que na maioria das vezes a prostituição estava associada à falta de condições para a sobrevivência. “A prostituição permanecia assim, como uma alternativa importante de sobrevivência para a mulher... [...]”¹⁷³.

Através do relato Carmem acerca deste assunto, foi possível perceber que maioria

Campus Monte Alegre p.2.

¹⁷³ DE LIMA, Yago Felipe Campelo. Uma princesa que não reconhecia suas prostitutas: imagens, discursos e representações sobre a prática da prostituição na cidade de Caruaru- PE, nas décadas de 60 e 70. XVI Encontro Estadual de História – Poder, memória e resistência: 50 anos do golpe de 1964. Campina Grande. 25 a 29 de agosto de 2014. p. 063-070. ISSN: 2359-2796 **Anais Eletrônicos do XVI Encontro Estadual de História - ANPUH –PB**, p. 69.

delas sonhava em largar a prostituição. Pois, ela relata uma conversa com algumas moças que viviam nos cabarés da época, vejamos: *elas dizia que o momento mais triste que tinham era quando se deitavam pra ‘abrir as pernas’ pra um homem que não gostavam. Mas tinham que ficar com eles pra podere pegar no dinheiro.*

A fala da entrevistada fortalece ainda mais a concepção de que a causa principal pelo qual tais mulheres se prostituíam nesta cidade entre 1970 e 1990 estava envolvido com a questão econômica. Sendo assim, é possível compreender a Soraya quando diz que a vida de prostituta não tem nada de fácil.

eu costume falar pra, para as pessoas da minha intimidade é... eu nunca diria que a minha mãe era dona de prostíbulo, eu sempre falo que a minha mãe era uma empresária da noite, eu vejo dessa forma ainda hoje, eu penso que ela tinha um “produto” e vendia, né? Uma comerciante, é... Era uma mulher ativa, independente, ativa, de pulso forte, e que achou um meio de sobrevivência lucrativo na ocasião.

Este relato torna mais concreto o que Carmem conta. E assim, nota-se o quão era difícil para aquelas mulheres deitar-se sem nenhum afeto com homens muitas vezes desconhecidos, no qual elas serviam-se como meros objetos de prazer. Não escolhiam seus clientes, mas sim, eram escolhidas e vendidas por alguns minutos ou horas.

4. 4. SOCIEDADE DELMIRENSE E AS PROSTITUTAS: IMPRESSÕES.

Segundo os relatos aqui vistos, as mulheres que exerciam a profissão de prostituição nem sempre foram bem tratadas pela sociedade, ainda mais esta de caráter conservador, preconceituoso e machista como já foi dito anteriormente na presente pesquisa. Muitas foram estigmatizadas, vistas de modo diferente das outras mulheres da sociedade delmirense. Segundo Lima¹⁷⁴

em um processo de seleção do que é bom na e para a cidade, podemos afirmar de cara sem medo de errar que a figura da prostituta jamais cogitada a entrar nesse ranking, pois são elas de identificadas como o oposto da ‘moral’ e dos ‘bons costumes’, como a desordeira, destruidora das famílias e perturbadoras dos espaços públicos. [...].”

¹⁷⁴ DE LIMA, Yago Felipe Campelo. Uma princesa que não reconhecia suas prostitutas: imagens, discursos e representações sobre a prática da prostituição na cidade de Caruaru- PE, nas décadas de 60 e 70. XVI Encontro Estadual de História – Poder, memória e resistência: 50 anos do golpe de 1964. Campina Grande. 25 a 29 de agosto de 2014. p. 063-070. ISSN: 2359-2796 **Anais Eletrônicos do XVI Encontro Estadual de História - ANPUH –PB**, p.66.

É interessante notar ainda que elas eram estigmatizadas perante a sociedade pelos seus próprios clientes. Assim sendo “[...] falsos moralistas [...] nesse meio homens, que de dia criticavam tais mulheres e prática e no cair da noite tinham ‘surto de amnésia’ e esqueciam o caminho de suas casas, lembrando-se unicamente dos caminhos que os conduziam aos ‘baixos meretrícios’”¹⁷⁵. Com isso ver-se uma semelhança entre o discurso anterior com o de Soraya quando diz: *sim, infelizmente os mesmos homens que as procuravam de noite eram os mesmos que as rejeitavam durante o dia.*

As prostitutas que trabalhavam nos prostíbulos em Delmiro Gouveia entre 1970 e 1990, mesmo mantendo postura de “mulher decente” diante das “famílias de bem”, ainda eram vistas como mal à sociedade, tanto para homens como para mulheres. Soraya discorre bem sobre esta questão, quando ela diz: *elas eram definidas como escória mesmo, né? Por mais bonitas que fossem, por mais boa apresentação que tivessem e por mais educadas que fossem, que se apresentassem, eram sempre vistas com maus olhos.* Além de serem vistas dessa maneira, em alguns momentos eram ofendidas até pelas pessoas próximas. Pois, Betty quando fora questionada sobre o modo como seus vizinhos lhe tratava, ela responde: *olhe, tinha vizinho que atiravam pedras (risos), esculhambava, era triste, né? Tinha muito vizinho ruim, tem pessoas mal conduta, Betty.*

Diante da análise feita desta fala da entrevistada, notara o quanto essa lembrança ainda lhe causa “rancor, tristeza”, pois, de acordo com Bergson apud Chagastelles e Lacerda “[...] **A memória tem função unificadora entre o eu profundo e o eu da ação, ou seja, ela se subdivide em memória hábito e memória pura. A memória é viva, total, virtual e é atualizada na vida ativa em função da ação. [...]**” (p. 2)¹⁷⁶ Ainda, dando continuidade a esta análise, notamos a semelhança das prostitutas apedrejadas da cidade de Delmiro Gouveia com Maria Madalena, a Prostituta da era de Cristo. Porém, a verdadeira Madalena não foi apedrejada porque teve um protetor, “Jesus Cristo”.

No entanto, Betty e suas “meninas” foram as Marias Madalenas sem um Cristo para

¹⁷⁵ DE LIMA, Yago Felipe Campelo. Uma princesa que não reconhecia suas prostitutas: imagens, discursos e representações sobre a prática da prostituição na cidade de Caruaru- PE, nas décadas de 60 e 70. XVI Encontro Estadual de História – Poder, memória e resistência: 50 anos do golpe de 1964. Campina Grande. 25 a 29 de agosto de 2014. p. 063-070. ISSN: 2359-2796 **Anais Eletrônicos do XVI Encontro Estadual de História - ANPUH –PB**, p.67.

¹⁷⁶ CHAGASTELLES, Giane; LACERDA, Gislene. “História Oral, memória e história do tempo presente: debate conceitual e de sentido.”, in: **X Encontro Regional Sudeste de História Oral. Educação das Sensibilidades: violência, desafios contemporâneos.** Campinas, 10 a 13 de setembro de 2013 – UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas).

lhes proteger quando seus vizinhos lhes jogaram pedras. E quantas outras “Marias Madalenas” existiram em Delmiro Gouveia, que foram apedrejadas por não terem um Cristo para lhes salvar?

Foram “apedrejadas” sem ao menos terem tido a chance de se defender, de mostrar as razões pelas quais as levaram para tal vida, a realizarem tal ofício que para alguns estudiosos do assunto, “é a profissão mais antiga do mundo” (já discutido no segundo capítulo).

Essas mulheres vistas como transgressoras, aquelas que violavam as leis da boa conduta, da boa mulher, da mulher de família, mulher direita numa sociedade conservadora, patriarcal e machista.

As mulheres que praticavam o ato da prostituição eram aquelas contrárias aos padrões estabelecidos pela sociedade, como se sabe, não só a sociedade delmireNSE, mas no geral, na sociedade brasileira.

4. 5. PROSTITUTAS E SEUS ANSEIOS DE MUDANÇA...

Foi visto nesta pesquisa as causas que levavam algumas mulheres a praticarem o ato da prostituição como ofício. Portanto, é importante enfatizar que as mesmas sonhavam em deixar a prostituição e viver melhor. Eram mulheres de fé, segundo dona **Carmem**: *Percília e Tonha todo domingo elas botavam as “rapariga” pra ir pra missa, todo domingo. Elas se vestiam tudinho, era a dona do cabaré na frente e aquela fila de puta tudo atrás, agora tudo vestidinha, tudo ajeitadinha.*

A fé dessas mulheres as fazia acreditar que um dia deixariam de se prostituir, algumas tinham fé que conheceriam o homem de sua vida, que as tiraria da prostituição. Isso foi constatado no relato de dona **Carmem**: *Uma vez eu cheguei lá e encontrei uma menina chorando, aí eu perguntei por que ela tava chorando, aí ela disse:- dona Maria, a pior coisa do mundo é ser humilhada e se deitar com um homem sem a gente gostar, eu só queria que Deus me mostrasse um homem ‘po mode’ eu me casar ou ele tomar de conta de mim, pra mim sair dessa vida.*

Outras ainda, só sonhavam ou mesmo tinham a fé que Deus mostraria um meio para que elas largassem o ofício de meretriz. Pois, segundo **Betty**: *[...] trabalhei um bom tempo,*

aí depois eu cheguei, e pedi a Deus que me desse forças, me desse um meio pra mim sair daquela vida, porque aquilo não era vida. Além de ser dona, de me prostituir ainda colocava outras pessoas pra se vender também [...].

Por meio desses relatos, foi possível perceber o quanto elas mesmas viam a prostituição como um ato transgressor. Enxergavam como pecado, porém, praticavam por necessidade. Na narração desta última **Betty** percebe-se o quanto se sentia mal por se prostituir e ainda mais por incentivar outras mulheres na prostituição. Ela se sentia culpada duas vezes, e a única alternativa foram na fé. Ainda, complementa: *[...] eu pedi a Deus, porque ali não era vida, se Deus me desse um meio eu acabava com aquele negócio. Ai Deus me deu uma grande oportunidade, aí eu fui e mandei as mulheres irem embora [...]* (*Betty*). Assim, nota-se o quão era grande sua fé ao ponto de prometer para Deus que deixaria a prostituição se ele atendesse ao seu pedido, para ela a primeira oportunidade que teve, acreditou que foi atendida e cumpriu sua promessa.

Então, diante de tudo que foi visto neste capítulo, foi possível identificar os principais lugares onde acontecia o baixo e alto meretrício, sua forma de organização, as principais causas de praticarem o ofício do meretrício. Percebemos ainda os preconceitos pelos quais as prostitutas sofreram em uma sociedade um tanto conservadora, machista e principalmente hipócrita por parte, sobretudo dos homens, eles que ignoravam suas meretrizes perante a sociedade. Também, conhecemos os anseios das mesmas em deixar o ofício da prostituição por terem uma ótica negativa a respeito do seu trabalho, assim as fazendo a maioria delas a sonhar em deixar “aquela vida”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos esta pesquisa, vimos a necessidade de discutir acerca da historiografia das mulheres no Brasil, dando ênfase a história delas escritas por elas mesmas, uma vez que por muito tempo se deu a relevância somente a história dos homens, ou mesmo a história contada por eles (não estamos afirmando aqui que somente a história das mulheres contada por elas as favorece, nem estamos menosprezando a história dos homens), assim, como é tratado no segundo capítulo. Portanto, esta historiografia passa a tratar acerca de todas as mulheres, sejam elas pretas, brancas, ricas, pobres, “mulheres de família”, prostitutas etc. Sendo assim, compreendemos como as mulheres passaram a fazer parte da história na ótica delas mesmas, como também tivemos conhecimento de suas participações e conquistas em grandes episódios que marcaram o país num contexto conturbado (período este em que ainda acontecia a ditadura militar). Porém, notamos que tudo não aconteceu de um dia para o outro, foi um processo que ocorreu gradativamente, principalmente quando se trata de suas conquistas.

Diante da pesquisa realizada, notamos que mesmo muitas mulheres conseguindo lutar e conquistar seus direitos, outras ainda eram (e ainda são) marginalizadas. Pois, enquanto umas se manifestavam contra os opressores outras tentavam a vida usando seus corpos, na maioria das vezes, como ferramentas para a sobrevivência. Era assim que vivia a maioria das prostitutas da cidade de Delmiro Gouveia entre as décadas de 1970 e 1990.

Nosso intuito principal foi entender como funcionavam as práticas de prostituição feminina em Delmiro Gouveia durante as décadas de 1970 a 1990. Assim, fazendo-nos perceber que a prostituição acontecia principalmente nos cabarés, tendo também alguns bares que serviam como ponto de prostitutas esperarem seus “clientes”.

Concluimos que foram poucas as mudanças ocorridas durante as três décadas de estudo. Dessas mudanças percebidas, ao longo da pesquisa, uma delas foi a questão da clientela do baixo e alto meretrício durante as três décadas, pois nos cabarés de luxo das décadas de 1970 e 1980, os clientes eram diversos, o que importava era que eles tivessem dinheiro para gastar, principalmente para dar lucro as donas de bordéis. Já na década de 1990, notamos através de entrevista concedida pela dona do cabaré mais famoso da época, o da Betty, que grande parte dos clientes era homens com boa condição financeira.

Constatamos também mudanças na questão de como as prostitutas eram tratadas pelas pessoas conhecedoras de seu ofício. Nas duas primeiras décadas do marco temporal (1970 e 1980), as mulheres que se prostituíam e até mesmo as donas dos estabelecimentos eram “respeitadas”, mesmo que de maneira hipócrita; porém, as que se prostituíam em 1990, eram apontadas, chegando até serem agredidas com pedras pelos próprios vizinhos por causa da sua forma de vida.

Além de percebermos as mudanças, também pudemos ter certo conhecimento acerca da localização do alto e baixo meretrício, no qual o baixo meretrício ocorria em lugares movimentados, como já foi enfatizado no quarto capítulo. Assim, fazendo-nos notar que a geografia do prazer variava de acordo com a condição econômica dos “clientes”.

Esta pesquisa também nos possibilitou compreender as formas de organização do alto meretrício, ou melhor dizendo, dos cabarés de luxo, os quais eram organizados como qualquer outro negócio comercial como notado nos das três décadas do recorte temporal. Conhecemos e compreendemos os motivos que faziam com que elas (mulheres em Delmiro Gouveia das décadas de 1970-1990) entrassem no ramo da prostituição; vimos que nenhuma delas (através das entrevistas) se prostituíam por prazer, porque gostava, mas sim, por necessidade. Pois, encontraram no ofício um meio de sobrevivência. Mas, para muitas, era apenas um “quebra-galho” por enquanto que não encontravam outro meio de vida.

Em suma, o que nos chamou bastante a atenção, é que através dos relatos orais, percebemos que para elas a esperança maior em sair da prostituição, seria encontrar um homem capaz de cuidar delas, tirá-las de tal vida (prostituição), como foi possível notar no final do quarto capítulo. Isso nos fez entender acerca dessa forma de pensar delas, pois, apesar de o país se mostrar em grande desenvolvimento em relação às mulheres durante as três décadas deste estudo, porém, na cidade de Delmiro Gouveia as mudanças aconteciam lentamente, a cultura ainda era a mesma, os costumes eram os mesmos, o patriarcalismo e o machismo ainda prevaleciam.

REFERÊNCIAS

- BAYLÃO, André Luis da Silva; SCHETTINO, Elisa Mara Oliveira. **XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia (Gestão do Conhecimento para a Sociedade)**, 22, 23 e 24 de Outubro, 2014.
- BURKE, Peter, 1937. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia.** – 2. Ed.- São Paulo: Editora da Unesp, 2010. 174p.
- CECARELLI, PAULO ROBERTO. Prostituição- Corpo como mercado. *Mente & Cérebro – sexo*. V.4. 1-13. Dez. 2008.
- CHAGASTELLES, Giane; LACERDA, Gislene. “História Oral, memória e história do tempo presente: debate conceitual e de sentido.”, in: **X Encontro Regional Sudeste de História Oral. Educação das Sensibilidades: violência, desafios contemporâneos.** Campinas, 10 a 13 de setembro de 2013 – UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas).
- COLLING, Ana Maria. **As mulheres e a Ditadura Militar no Brasil.** VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais (A questão Social do Novo Milênio), Coimbra 16, 17 de Setembro de 2004.
- CRUZ, José Vieira da. O uso metodológico da história oral: um caminho para pesquisa histórica in: **Fragmenta.** Aracaju: UNIT, 2005, p.1-15.
- DE LIMA, Yago Felipe Campelo. Uma princesa que não reconhecia suas prostitutas: imagens, discursos e representações sobre a prática da prostituição na cidade de Caruaru- PE, nas décadas de 60 e 70. XVI Encontro Estadual de História – Poder, memória e resistência: 50 anos do golpe de 1964. Campina Grande. 25 a 29 de agosto de 2014. p.063-070. ISSN: 2359-2796 **Anais Eletrônicos do XVI Encontro Estadual de História - ANPUH –PB.**
- FALCI, Miridan Knox. “Mulheres do sertão nordestino”, in: **História das mulheres no Brasil.** 9. Ed. – São Paulo: Contexto, 2009, pp.241-277.
- FILHO, Nielson José Alves. Levantamento dos fatores sócio- econômicos determinantes da prostituição feminina em Salvador – Bahia. Salvador, 2005, 78p.
- HOT, Amanda Dutra. História das mulheres e gênero: uma discussão historiográfica, in: **Anais do Seminário Nacional de História da Historiografia: historiografia brasileira e modernidade.** Ouro Preto: EDUFOP, 2007.
- JARDIM, Rejane Barreto; PIEPPER, Jordana Alves. Aproximações e divergências: história social, história cultural e a perspectiva gênero. *MÉTIS: história & cultura* – v. 9, n. 18, p. 87-

97, jul./dez. 2010.

NEPOMUCENO, Bebel. “Mulheres Negras – Protagonismo Ignorado”, in: **Nova História das Mulheres no Brasil**. – 1. Ed., - São Paulo: Contexto, 2013.

PEDRO, Joana Maria. “Mulheres do Sul”, in: **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. – São Paulo: Contexto, 200, pp.271-321.

PERROT, Michelle. **Minha História das mulheres**. – São Paulo: Contexto, 2007.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. **18**, n. **36**, p. 15-23, jun. 2010.

RAGO, Margareth. “Amores lícitos e ilícitos na modernidade paulistana ou no bordel de madame Pomméry”. **Teoria & Pesquisa** **47**. 93-118. Jul/Dez de 2005.

RAGO, Margareth. Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo, 1890-1930. – São Paulo: Paz e Terra. 2008.

SANTANA, Nélia de. A Prostituição Feminina em Salvador, 1900- 1940. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências humanas. Salvador, BA, 1996.

SANTOS, Jordana de Souza. O papel dos movimentos socioculturais nos “anos de chumbo”. **Revista online do grupo pesquisa em cinema e literatura**. Vol. 1, nº 6, ano VI.

SILVA, Davi Roberto Bandeira da. Ousadia no Nordeste: a saga empreendedora de Delmiro Gouveia. Maceió: FIEA, GIJS. 2007

SILVA, Vanuza Souza. **O Entre da Liberdade, as Prisões: os feminismos que emancipam, predem? : uma história de gênero feminino na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande (1970-2000)**. 2014. 300 folhas. Tese (Doutorado). – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Programa de Pós-graduação em História. – Recife. 2014

SOIHET, Rachel; PEDRO, Maria Joana. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das relações de Gênero”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 27, nº54, 2007.

SOIHET, Rachel; SOARES, Rosana M. A.; COSTA, Suely Gomes. *A História das mulheres, cultura E poder das mulheres: Ensaio de historiografia*. Niterói, v.2, n.1, p. 7-30, 2. sem. 2001.

TELLES, Lygia Fagundes. “Mulher, Mulheres”, in: **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2009, pp.669-678.

ANEXOS

ENTREVISTADA: BETTY

IDADE: 45

MORA EM DELMIRO GOUVEIA- AL.

PROFISSÃO: DONA DE CASA

ESTADO CIVIL: SOLTEIRA

ESCOLARIDADE: 3ª SÉRIE

DATA DA ENTREVISTA: 13 /08/2016

Elielma: Betty, você se incomoda se alguém dizer que seu estabelecimento era um cabaré?

Betty: Eu não, porque era um brega mermo.

Elielma: Era um cabaré mesmo?

Betty: Era um cabaré mesmo.

Elielma: Como você conseguiu se tornar dona de cabaré?

Betty: Eu fui primeiro garota de programa.

Elielma: E como você conseguiu ser dona de um cabaré, ter seu próprio estabelecimento?

Betty: Esforço, né? Comecei a juntar dinheiro, comecei a montar meu próprio negócio.

Elielma: Qual o ano que começou, lembra mais ou menos, o ano exato?

Betty: Mulher, eu comecei em 98 ou foi em 99 (mostra dúvida em relação ao ano em que começou com o seu próprio negócio, o cabaré). Eu passei muito tempo aberto, eu aqui... Comecei aqui no centro, aí do centro foi que eu construí a casa de campo.

Elielma: Onde ficava aqui no centro?

Betty: Ao lado da pousada central de Lourenço (barulho de carro)

Elielma: Na pousada central de Lourenço?

Betty: É.

Elielma: E a outra, que era a casa de campo?

Betty: A casa de campo era no Eldorado, na área verde.

Elielma: E por que esse nome 'casa de campo'?

Betty: Por causa de uma novela na época. Tinha um cabaré nessa novela com o nome casa de campo. Era muito parecido com o meu cabaré, por isso ficou conhecido assim.

Elielma: Poderia contar um pouco dessa história, da sua história de vida.

Betty: (risos) Posso né?! É uma história complicada, triste, né? Mas, é verdade, né? Que eu passei por ela, né? (ela demonstra um pouco de timidez referente a sua história de vida)

Elielma: Então, se quiser pode começar.

Betty: Ai meu Cristo por onde vou começar me diga?! O que você quer saber?

Elielma: Sua história de vida. Pode ser a partir da sua infância até você se tornar dona de um bordel.

Betty: Olha minha história de vida foi triste, né? Quando eu completei meus dezesseis anos a minha mãe me expulsou de casa, aí não tinha como eu estudar, não tinha como eu trabalhar. Aí me ajuntei com uma amiga minha e me prostituí, né? Comecei a me prostituir, a me vender em troca de dinheiro, só saía com os homens por dinheiro, e assim continuei minha vida por muito tempo, né? Sendo garota de programa. Aí viajei pra fora, pra umas boates, comecei a dançar estripe (barulho de moto)... Aí dentro do estripe, aí depois eu comecei a pensar: isso não é vida não! Isso não é vida para um ser humano, tá se vendendo, se prostituindo, aí eu comecei a juntar dinheiro e montei meu próprio negócio. Arrumava mulheres bonitas pra trabalhar comigo, né? Mas, o dinheiro delas era delas, eu dava comida, café da manhã, tá entendendo? Aí eu fui, ainda trabalhei um bom tempo, aí depois eu cheguei, e pedi a Deus que me desse forças, me desse um meio pra mim sair daquela vida, porque aquilo não era

vida. Além de ser dona, de me prostituir ainda colocava outras pessoas pra se vender também, porque tinha meninas que dava de graça, dava por bebida, entendeu? Aí quando passou a morar comigo, elas começaram a se vender pra elas se vestir, elas terem o dinheiro delas. Porque a pessoa se vender por cachaça ou dar de graça, não tinha futuro! Aí sei que foi, passei muito tempo sendo garota de programa, aí depois montei meu próprio negócio, aí passei muitos anos também com a casa de campo, aí depois da casa de campo eu pedi a Deus, porque ali não era vida, se Deus me desse um meio eu acabava com aquele negócio. Aí Deus me deu uma grande oportunidade, aí eu fui e mandei as mulheres irem embora, tinha umas que se casou, vevi bem hoje, e outras foram embora, não tenho notícias, só tenho notícias das que se casaram, porque muitas que se casou mora em São Paulo, outra mora em batalha, outra mora em Maceió, outras mora em Recife e estão bem, bem mesmo, têm a própria família delas, tá vendo? (barulho de moto)... já esqueceram o passado, se falar tem problema, eu não, né? Porque a minha vida é um livro aberto, porque, como é que você vai esquecer de um passado sujo que você teve, né? É uma coisa que você tem que lembrar todo santo dia, porque você passou por aquele caminho e o que eu digo pra muitas meninas nova, bonita que estude pra ter um futuro, porque o futuro vem do estudo e vida rapariga não é vida, vida de prostituta não é vida não. Como a vida que eu tive não desejo nem pra meu pior inimigo, eu não desejo pra filha dele, porque isso não é vida. E quem bem soubesse não queria ser rapariga porque todo mundo, todo cachorro quer tirar uma casquinha, todo homem quer tirar uma casquinha porque é uma mulher sozinha, não tem nome. Quem é aquela? Aquela é uma rapariga. É isso que acontece.

Elielma: Qual a realidade das moças que iam trabalhar no seu cabaré, Neide? Qual a realidade que elas viviam? Quando elas chegavam lá, iam pra lá?

Betty: Elas chegavam dizendo que passavam fome, tinha delas que não tinha onde morar, a família não queria, botava pra fora de casa quando sabia que elas não eram mais moças, aí o que era que elas faziam? Elas se prostituíam pelo um prato de comida, se prostituía por bebidas, entendeu? isso, tem muitas por aí, ainda tem, né? Ainda tem porque eu vejo muitas meninas novas que quando erram a mãe ou o pai bota pra fora igual sendo uma cachorra que não tem família. Aí chegava um e dizia, te dou um prato de comida pra você ficar comigo, outro chega e diz te dou isso, bora beber, borá curtir, tá entendendo? Aí vai minha filha, quando pensa que não já tá na gandaia, então é uma ida sem volta, que muitas que morre, perde a vida, né? Os caras matam, né? Tem muitas que entra no vício de muitas perdição,

you tem que ter muita cabeça e muita força de vontade pra sair dessa vida, porque isso não é vida. É uma vida que a pessoa vegeta, vida de puta não é vida não, a vida de rapariga. Olhe tem muitas pessoas aí que eu conheço, mulheres casadas, eu tinha uma amiga minha casada que ela era louca pra deixar o marido, e só não deixou o marido porque eu caí em cima e disse: - mulher, pare com isso, porque isso não é vida não. Você bota ponta no seu marido... amanhã você tá com gatos e cachorros, perder sua casa, perder seu marido, seus filhos, você perde tudo, e aí depois? Vai ficar velha na vida, que não tem valor. A mulher que bem soubesse não queria ser rapariga porque não tem valor nenhum, entendeu? Não tem valor de nada. A vida de puta é uma vida escravizada.

Elielma: Como era quando as moças chegavam lá (cabaré), você escolhia por beleza, como era? Só ficavam as que eram bonitas?

Betty: Eu só escolhia as bonitas, porque mulher feia não tem comércio e os homens não quer mulher feia, homens quer mulher bonita, mulher de presença, mulher que tenha tipo, que tenha qualidade, é os tipo da mulher que os homem quer, os homem não quer mulher feia não, mulher feia não tem comércio nem pra elas mesmo.

Elielma: Qual era a idade mais ou menos delas?

Betty: Elas tinha de 18 a 19 anos e 20 anos.

Elielma: Eram bem jovens!... Você sofreu preconceito na época por ser dona de um cabaré?

Betty: Senti sim, porque quando eu pra feira fazer feira dia de sábado se juntavam três quatro mulher e apontavam : -Olha a dona do cabaré; olha a dona do brega! Tem muitas pessoas que discriminam.

Elielma: E como você se sentia?

Betty: Eu me sentia mal, né? Muito mal, eu me sentia mal porque a pessoa vai se sentir bem, num pode, né? A pessoa se sente triste, porque ali era um meio de viver, meu meio de vida era aquele, eu tinha minhas filhas pra mim sustentar, pra mim dar comer, e eu nunca fui daquele tipo de mulher pra ir pra juiz, pra ir pra fórum pra dizer ah eu vou botar o pai do meu filho no fórum não. Eu tinha que batalhar pra dar o pão de cada dia das minhas filhas, né? Na época eu tinha quatro filhas mulher, depois eu tive um filho homem por último.

Elielma: e quem eram os homens que frequentavam, eles eram casados, ricos, pobres que frequentavam o seu estabelecimento?

Betty: (risos) Os homem que frequentava meu cabaré era homens rico, né? Porque lá a bebida era cara, tá entendendo? E era... as vezes a porta era fechada porque tinha strip- tease , só andava lá homem de dinheiro porque um pobre não tinha... na época uma cerveja lá era cinco reais, muitos deles não tinham condições de dar cinco reais numa cerveja pra sentar na mesa, e dar cinco reais numa dose de Montilla pra alguma mulher beber, não tinha condição. Só iam os homens de dinheiro.

Elielma: Hoje você sente vergonha ou se arrepende da sua escolha que você fez?

Betty: Me arrependo sim, eu me arrependo muito, muito, muito. Eu já pedi perdão a Jesus e hoje eu sou evangélica, hoje eu sou evangélica.

Elielma: Mas, você sente vergonha pela vida que levou? (barulho de carros e motos)

Betty: Tenho vergonha sim da minha vida que eu levei porque se minha mãe não tivesse me expulsado, eu tinha uma vida melhor. Mas, eu não tive escolha, a escolha foi essa.

Elielma: E como foi ... (interrompida pela entrevistada)

Betty: A minha mãe chegou uma amiga dela e disse que eu não era mais moça, aí ela foi na conversa da amiga dela, aí me expulsou, na época eu era virgem, não era mulher. Aí fui pra casa de uma amiga minha prostituta, aí lá eu comecei a ficar com os cara e e comecei a me prostituir.

Elielma: Como foi sua educação familiar, a educação que você recebeu da sua família?

Betty: A educação que eu recebi da minha mãe, a minha mãe... olhe, a minha mãe nunca me deu amor, nunca me deu carinho, entendeu? Eu não gosto nem de falar (demonstra mágoa, tristeza). Hoje, bem dizer hoje minha mãe tem 76 anos, e hoje eu vivo mais cuidando dela do que da minha própria casa, mas se fosse outra pessoa que tivesse raiva, guardasse rancor, hoje não tava ajudando minha mãe porque eu fui uma pessoa muito desprezada, muito humilhada, eu não tive laços familiares, assim de mãe, de irmão, de irmã, não tive amor de mãe, não tive amor de pai, não tive amor de nada, o único amor que eu tive só foi de Deus, e da minha própria experiência, né? Porque se eu fosse uma pessoa de mente fraca hoje eu não estaria aqui contando a história da minha vida, porque muitas pessoas da mente fraca não existe mais

nesse mundo, se encontra em outra vida, porque se envolve com muitas coisas erradas e eu graças a Deus eu nunca quis me envolver com coisas erradas. Meu único defeito foi de eu ser prostituta, não nego isso a ninguém, não escondo a minha origem, né? Que eu fui prostituta eu fui! Hoje não, hoje eu sou uma pessoa de bem, tenho a minha casa, tenho as minhas filhas, tenho meu filho, tenho meu neto, tá entendendo?

Elielma: Como foi sua infância?

Betty: A minha infância? Eu não tive infância, eu digo direto pra minha filha que a vida que ela tem eu nunca tive, né? Eu não tive infância porque a minha mãe era uma pessoa bruta, ignorante, tá entendendo? Ela batia muito na gente, ela espancava muito, chamava muito nome brabo e eu não tive amor de mãe, nem tive amor de pai, não tive infância, a infância que a gente teve era de que? Era de trabalhar na roça, entendeu? Ela levava a gente pra roça, ela botava a gente pra limpar os feijão, arrancar mato, quando a gente num arrancava um pé de feijão ela batia na gente, começava a chamar nome, entendeu? Minha infância foi essa.

Elielma: E como vocês (prostitutas) eram tratadas fora do cabaré? Como você era tratada, você e as meninas que trabalhavam no seu cabaré?

Betty: Era tratada bem, né? Porque tem aquelas pessoas que trata bem e outras que discrimina. Porque quando a gente saía, a gente não saía com pinta de rapariga, né? A gente saía com pinta de gente normal.

Elielma: Como seus vizinhos lhe tratavam?

Betty: Olhe, tinha vizinho que atiravam pedras (risos), esculhambava, era triste, né? Tinha muito vizinho ruim, tem pessoas mal conduta.

Elielma: Você teve muitos namorados?

Betty: Tive muitos namorado.

Elielma: Pra você qual é o papel social, a função da prostituta na sociedade naquela época? Qual era o papel, como ela era vista, qual o papel social dela?

Betty: O papel social dela era péssimo, né? Na sociedade ela era discriminada por tudo mundo.

Elielma: Mas, no seu ponto de vista ela era de um ponto negativo ou positivo?

Betty: Negativo, né? Porque tinha as pessoas que julgavam , né? E outras não, né? No meio de umas trinta pessoas, você vai tirar dez pessoas que tratam a prostituta bem.

Elielma: e hoje, como você ver o papel social da prostituta na sociedade, hoje?

Betty: Hoje é tudo misturado, né? Hoje você não sabe nem quem é prostituta e nem quem é uma pessoa normal, porque hoje é tudo misturado. Hoje você olha, você diz aquela dali, mas ela tá no meio da sociedade, ela tá no meio ali, hoje eles trata melhor a prostituta do que nas outras épocas, né? E hoje você ver meninas novas, meninas bonitas, meninas de família que é prostituta, mas você não pode nem apontar o dedo porque se você apontar o dedo e dizer olha aquela dali, você é processada, você vai pagar multa, mas hoje tem é muitas, tem varias prostitutas na sociedade, né? Na sociedade é o que mais tem.

Elielma: Você percebe alguma, nota alguma diferença, alguma mudança nos cabarés de antigamente e os de hoje?

Betty: Minha querida, eu noto, sabe por que? Porque antigamente os cabarés era cabaré, e hoje você ver as putas no centro da cidade. O cara chegou com o carro, parou elas ali entra e já vai pro motel. Antigamente tinha os reservados delas e hoje não, hoje elas é misturadas no centro no meio da sociedade ali, você parou o carro, você teve um carro e teve dinheiro, aliá elas já entram e vão simhora , tá assim hoje, nem brega existe mais porque a prostituição é grande demais.

Elielma: Quais as principais diferenças que você percebe entre as prostitutas de antigamente e as de hoje?

Betty: Mulher, as de antigamente elas tinham classe e as de hoje não, né? As de hoje elas são muito depravadas. As de antigamente elas tinham modos, elas tinham receios, modos que eu quero lhe dizer que elas procuravam, os homens é que procuravam elas no cabaré e hoje as nega, na sociedade elas não respeitam ninguém ali, chegou entrou no carro, tá entendendo? O que tem de meninas novas, quengas aqui no centro tem muito, chegar aqui onze horas da noite, meia noite você ver aquelas pivetas tudo prostituta aí se prostituindo no centro da cidade. Eu tava outro dia, um mês desse eu saí de casa, eu tava sem sono aí fui dá uma voltinha quando eu deparei na praça, no centro menina que olhei três piveta mais os caba com tanto palavrão que eu olhei assim meus Deus! Eu não acredito olha, tão nova e prostituta, se prostituindo no centro da cidade. Passou de onze horas, meia noite é o que você ver aí, não

carece nem dizer hoje em dia não tem mais brega, hoje não tem mais cabaré porque o que tem de meninas novas prostitutas tem muitas aqui no centro.

Elielma: Então você acha que não tem mais cabaré aqui na cidade?

Betty: Não, e se tiver tem uns dois e assim mesmo não ganham dinheiro não fia. Tem um brega ali na chácara, tem outro no Bom Sossego, né? Mas, infelizmente minha querida não ganham dinheiro mais não, porque a prostituição tá toda no centro da cidade, hoje você não sabe mais nem o que é bar familiar mais, você não sabe. Porque antigamente tinha ali é um bar familiar, já diziam logo, familiar e hoje não, hoje é tudo misturado (barulho de carro). As prostitutas não têm. As prostitutas de antigamente elas não podiam tá assim, tinha cantos que elas eram expulsas, não podiam ficar e hoje não, hoje você ver a prostituta aí rolando 3x4 aí (tosse).

Elielma: Como você analisa o lugar da prostituta na sua época e hoje?

Betty: Mulher, porque antigamente os homens iam atrás das mulheres no brega e hoje os homens não vão porque encontram no centro. (pausa) os homens iam atrás das mulher e não as mulher que iam atrás dos homens, eram os homens que iam atrás das mulher. Aqueles homens mal amados, num tem homem mal amado? (risos) que a esposa não dar carinho, não dar amor, então aqueles homens mal amados são os que mais procura, porque o que ele não tem em casa vem procurar na rua.

Elielma: Os homens que procuravam no caso o seu estabelecimento, iam muitos casados, mais casado ou mais solteiros?

Betty: Mais casados.

Elielma: E da elite?

Betty: Sim, ricos, bonitos que tinham dinheiro, se eu for falar (risada). Tem muitos minha querida, eram homens casados, homens que procuram as prostitutas é os homens casados, é aqueles homens que a esposa não dar amor, não dar carinho, é uma ótima dona de casa, mas na cama é fria. E o que é que eles querem? Eles querem uma ótima dona de casa e na cama uma tremenda prostituta, aí não acham, aí vão para o brega, né?

Elielma: Mas, você acha que no caso, na época que você tinha seu estabelecimento, se uma mulher casada, mulher considerada mulher de família, se com o marido dela ela se comportasse na cama como uma prostituta, você acha que ele ia gostar?

Betty: Eu acho que sim né? Não mulher, eu acho que não porque tudo mudou, né? E também tinha homens bem casados porque lá também entrava homens bem casados que bebia, e quando chegava uma prostituta na mesa elas diziam; -não, olhe não me leve a mal, mas eu não quero porque eu sou bem casado, a minha esposa é excelente mulher e se você quer beber peça que eu pago agora sente em outra mesa, bebia, pagava e ia simhora, não ficava com ninguém.

ENTREVISTADA: CARMEM

APOSENTADA

VIÚVA

IDADE: 65 ANOS

ESCOLARIDADE: NÃO ALFABETIZADA.

MORA EM DELMIRO GOUVEIA- AL.

DATA DA ENTREVISTA: 18/05/2014.

Elielma: Como era considerada uma moça de família na época, na década de 70?

Carmem: “Homi” eu nem sei (demonstra timidez).

Elielma: Uma moça de família, como era considerada uma moça de família?

Carmem: Naquela época as moças só namoravam em casa, namoravam em casa, num, num... Se namorasse fora e os pais soubesse, batiam nelas. Naquele tempo num tinha, num tinha negócio de mulher... Não tinha castigo.

Carmem: Tinha que namorar em casa e se namorasse fora de casa levava uma “pisa”, nessa época era assim, quando... Uma “moça direita” não se juntava com aquele “povo baixo”, sabe? Você sabe baixo como é, era tudo... Num se namorava com... Não se misturava com “gente baixa”, ali quando uma moça de família via uma “pessoa assim pobre”, aí já não queria se juntar ou então se fosse falada, né?

Elielma: Moças de família, consideradas de família eram somente aquelas moças bem estruturadas, que a família tinha dinheiro, é isso?

Carmem: Era que tinha dinheiro.

Elielma: Moça pobre não era moça de família?

Carmem: Não. Aí chamavam moça à toa.

Elielma: As prostitutas eram tidas como contrárias às boas moças?

Carmem: Era.

Elielma: Mas, por que elas não tinham dinheiro ou pelo fato do comportamento delas, delas se venderem, venderem o seu corpo?

Carmem: É porque elas não tinham dinheiro, aí tinha que procurar um canto pra ganharem dinheiro, pra venderem suas “carnes” (corpo), pra poder pegar no dinheiro.

Elielma: Como elas, as prostitutas eram vistas pela sociedade? Como as pessoas da cidade viam as prostitutas? Eles as respeitavam como elas eram tratadas pelo povo da sociedade na época?

Carmem: Ah, elas, aquelas prostitutas, elas frequentavam os cabarés (repete), chegavam lá ficavam com os homens, os homens pagavam pra elas, elas pagavam para a dona do cabaré ali tinha que pagar o quarto...

Elielma: Certo. Mas o povo da sociedade, o povo da cidade é... Quando sabiam dessas prostitutas... Que tal mulher era uma prostituta, como eles tratavam essa mulher?

Carmem: Tratavam bem, num iam “destratar” aquela mulher porque era “rapariga” não, porque era prostituta não.

Elielma: Como era o comportamento delas, das prostitutas diante das pessoas na sociedade, publicamente? Quando elas saiam como se comportavam, como prostitutas ou como “mulheres decentes”?

Carmem: Elas se comportavam como mulheres decentes. Elas só tinham aquelas “putaria” delas no cabaré, mas na rua elas se dava o respeito.

Elielma: Quais os lugares que elas frequentavam? Elas frequentavam igreja? Frequentavam mercados? Lojas? Feiras? Quais os lugares que as prostitutas, aquelas mulheres que se vendiam, vendiam seu corpo andavam?

Carmem: As que eu conheci, elas frequentavam igreja, feira, loja...

Elielma: Então, elas frequentavam todos os lugares que tinham, tanto comercio como...?

Carmem: O problema delas só era o cabaré à noite.

Elielma: Mas, durante o dia publicamente?

Carmem: Durante o dia aquilo ali, aquela dona de cabaré podia ter a casa cheia de “rapariga”, mas ali podia chegar qualquer mulher casada, que era tudo respeitada.

Elielma: Nesse caso, elas respeitavam as mulheres casadas?

Carmem: Respeitavam

Elielma: E como era o tipo de roupa, o jeito delas se vestirem nas ruas? Elas andavam com roupas escandalosas?

Carmem: Não.

Elielma: Como era... (interrompida pela entrevistada)

Carmem: Não era do jeito que é hoje, hoje em dia tão mais escandalosa do que antigamente.

Elielma: Então elas andavam com roupas “decentes” igual às mulheres casadas “mães de família”?

Carmem: Eu conheci mulher aqui que frequentavam esses cabaré, eram tudo de roupa composta. Mas hoje é que tão nua, hoje é que as mulheres não tão se comportando.

Elielma: As mulheres que viviam nos cabarés, elas eram excluídas do convívio social? A sociedade, ou seja, as pessoas da sociedade as rejeitavam por serem prostitutas, tipo se elas chegassem na igreja, eram olhadas pelas “mulheres de família” ou mesmo pelas pessoas da sociedade tidas como direitas, olhavam pra elas com cara feia, não queriam está perto delas porque elas eram prostitutas?

Carmem: Não, as pessoas recebiam elas do mesmo jeito que recebiam qualquer “pessoa da sociedade”.

Elielma: Quais eram os cabarés mais famosos e sofisticados da cidade na época que a senhora negociava?

Carmem: Os cabaré mais arrumado e que tinha as puta mais bonita era o de Tonha e o de Percília.

Elielma: Onde estava localizado esses cabarés?

Carmem: Ficava ali no, subindo ali nas Craibeirinha, era ali naquela linha subindo para as Craibeirinha.

Elielma: A senhora só vendia nos dois cabarés?

Carmem: Eu vendia no cabaré de Tonha e também no de Percília.

Elielma: E o que a senhora vendia para elas?

Carmem: Eu vendia blusas de manga, elas gostavam mais desse tipo de blusa, também camisolinhas que tem uma por dentro e outra por fora, eu vendia aqueles shortinhos... Mas aqueles shortinhos a dona do cabaré não deixava elas vestirem pra sair na rua não, só usavam mesmo dentro do cabaré e a noite, nem pelo dia ela (dona do cabaré) deixava elas vestirem. Todas ficavam de roupas compostas durante o dia, hoje é que estamos vendo ai as mulheres tudo andando quase nua.

Elielma: A senhora só vendia roupas?

Carmem: Não. Eu só vendia roupas feitas mesmo pra elas, mas a dona do cabaré me comprava lençol.

Elielma: Tanto Percília como Tonha?

Carmem: É. Eram as dona dos cabaré que me compravam lençóis, mas as meninas que viviam lá (no cabaré) ali viviam de dez a quinze mulheres, tudo ali dentro daquele cabaré.

Elielma: Como eram esses cabarés, tinha quartos, era tipo uma pousada ou uma casa, como era?

Carmem: Era, parecia uma pousada, tinha aquela vila de quartos, cada qual tinha sua chave, era.

Elielma: A senhora tinha... (interrompida)

Carmem: E tinha uma coisa, se uma mulher gostasse de um homem e ficasse sempre com ele, outra mulher dali não podia ficar com ele não, pois a dona do cabaré não aceitava pra não dar brigas, ela não aceitava.

Elielma: A senhora conversava muito com elas tanto com as donas (Percília e Tonha) como com as meninas (prostitutas) do cabaré?

Carmem: Eu me sentava ali pra mostrar as coisas que eu vendia e eu conversava com elas, aí eu dizia bem assim: - eu tenho medo de vender assim porque essas mulheres daqui podem ir

embora. Aí Percília ou Tonha mesmo, diziam: - aqui você pode vender sem medo, porque no dia que a senhora vim receber, a que não tiver dinheiro pra pagar, a gente tira a roupa e ela perde. Mas também quando era no dia de receber, ela já tinha recebido o dinheiro de todas as meninas que me devia, e ela quem me fazia o pagamento.

Elielma: A senhora chegou a ser amiga (tosse da entrevistada) de alguma delas, (tosse da entrevistada) ou o contato que a senhora tinha com elas era só lá quando ia vender ou receber?

Carmem: Não, eu tinha contato com elas assim lá quando eu ia receber ou vender, elas também iam comprar na minha banca também (banca de comida).

Elielma: na época a senhora vendia roupas, lençol de cama, mas também tinha uma banca de comidas?

Carmem: Era, tinha, elas iam comer na minha banca. Percília comprava “sarapatel” numa “baciuzinha” e levava para comerem lá (no cabaré) e era assim. Eu nunca tive coisa assim pra... (pensativa) “refugar” elas não.

Elielma: A senhora vendia lá nos cabarés, mas chegou a entrar neles? Pois a senhora tinha que ir lá pra vender, né?

Carmem: Eu vendia porque quando eu ia passando, Percília ou Tonha diziam: - ei mulher o que você vai levando aí? Aí eu ia e mostrava, então elas chamavam as meninas (prostitutas), aí as meninas: - Eita essas fofquinhas como são bonitinhas! Fofquinhas eram uns shortinhos... (aparência de esquecimento).

Elielma: shortinhos com elástico embaixo?

Carmem: Era com elástico e aqui na perninha... Aí chamavam aquilo de fofquinha.

Elielma: E elas usavam esses shortinhos “fofquinhas” só lá no cabaré?

Carmem: Era, só usavam em casa. Pra irem pra rua era tudo de roupa composta, elas não saíam com essas roupinhas não mostrando os “quartos” não.

Elielma: Alguma vez a senhora sofreu algum tipo de preconceito porque frequentava os cabarés pra vender suas mercadorias? Alguém chegou a desrespeita-la por isso?

Carmem: Não.

Elielma: Ninguém nunca confundiu a senhora com uma prostituta porque a senhora estava lá, assim, ninguém nunca pensou que a senhora estava lá porque também ia “fazer Programa”?

Carmem: Não.

Elielma: A senhora conversava outros assuntos com elas além de assuntos de negócio, quais eram as conversas com elas fora as de vender? Vocês conversavam sobre sexo, dinheiro, trabalho?

Carmem: Não, elas não falavam disso não (sexo).

Elielma: Elas não falavam de sexo?

Carmem: Não. Elas só falavam... Uma vez eu perguntei... Até tinha umas meninas que eram conhecidas minhas, é porque esqueci o nome delas. Ai eu... Tinha Rita irmã de Marluce, pronto era Rita, era Ciça que era amigada com Raimundo Boró.

Elielma: Ela (Ciça) vivia no cabaré e era “amigada”, ela tinha um parceiro certo?

Carmem: Elas se “amigaram” depois.

Elielma: Depois que elas saíram do cabaré, largaram a “vida” aí é que se “amigaram”?

Carmem: É. Então um dia eu cheguei lá e perguntei: - oh Rita tu gosta dessa vida? Ai ela disse: - Gosto não Maria, a gente não gosta dessa vida, a gente vive assim porque não tem emprego pra gente trabalhar e nem tem uma pessoa que ajude a gente certo, mas senão, não vivia nessa vida. É a pior vida a gente viver comendo dinheiro de um e de outro. Elas falavam assim, Rita, e a Ciça de Raimundo Boró.

Elielma: No caso, as meninas que a senhora tinha mais intimidade... (interrompida)

Carmem: As que eu tinha mais intimidade como Ciça, Preta...

Elielma: Essas mulheres que a senhora mencionou, elas são daqui de Delmiro mesmo?

Carmem: Não, Ciça e Preta era de Piranhas, elas comiam tudo na minha banca, tudo conhecida, sabe?

Elielma: ah!

Carmem: E Ciça de Raimundo Boró...

Elielma: A senhora já conhecia essa Ciça... (interrompida)

Carmem: Ela já tinha morado perto de mim com a mãe dela. Antes dela viver com o finado Raimundo.

Elielma: E antes dela entrar no cabaré a senhora já conhecia ela por causa que ela tinha sido sua vizinha e porque ela também comia na sua banca de comidas?

Carmem: Era. E Rita porque também morou perto de mim, ela era irmã de Marluce. Marluce do negrinho do quebra-queixo, (grita) Oh o queixo!

Elielma: Ela (Marluce) mora onde?

Carmem: Agora ela mora em Água Branca e Rita tá em São Paulo.

Elielma: Essa Rita era a que vivia no cabaré, era em qual cabaré? No de Percília ou no de Tonha?

Carmem: No de Percília. No cabaré de Tonha tinha M^a Magra, M^a Helena, uma que já foi rapariga de Arcênio, essas todas eram conhecidas.

Elielma: Mas, eram daqui?

Carmem: Eram daqui de Delmiro, mas hoje não se encontram aqui mais não, foram todas embora.

Elielma: quantos anos elas tinham, eram muito novas?

Carmem: Eram todas de vinte anos a cima.

Elielma: a senhora sabe da história de vida de alguma delas, de quem eram filhas, de mães solteiras ou abandonadas pelos pais ou se foram se prostituir por desejo mesmo? A senhora conhece a história de vida de alguma delas?

Carmem: Rita já foi casada, deixou-se do marido e depois foi para o cabaré de Percília. A Ciça que se amigou com Raimundo boró, ela se “perdeu” com um rapaz e não fez “vida”, aí foi parar no cabaré, aí depois eu cheguei lá dei conselhos a ela, foi aí que perguntei a elas se essa vida era boa. E elas disseram que não, que aquilo não era vida.

Elielma: então, elas estavam lá por necessidade e não porque gostavam?

Carmem: Elas dizia que o momento mais triste que tinha era quando se deitavam pra “abrir as perna” pra um homem que não gostavam. Mas tinham que ficar com eles pra podere pegar no dinheiro, elas dizia: - eu preciso vestir, calçar, preciso mandar dinheiro pra minha mãe. Elas diziam bem assim.

Elielma: Alguma delas tinha filhos?

Carmem: Tinham não.

Elielma: Nenhuma dessas que a senhora conhecia tinha filhos?

Carmem: Não. Ah! Só Ciça Preta de Piranhas, ela já foi amigada aqui com o finado Valdomiro, ela tinha uma menina.

Elielma: ela já tinha uma filha?

Carmem: Sim, já tinha uma menina quando ela veio pra o cabaré, mas a menina não vivia com ela não, a menina vivia com a mãe dela. Ela ganhava o dinheiro dos homens pra poder mandar as coisas pra menina.

Elielma: Essas mulheres que tinham filhos eram aceitas dentro do cabaré acompanhadas com os filhos pelas donas cabarés?

Carmem: Não.

Elielma: Isso era em que década?

Carmem: Em 80 mais ou menos... (demonstra incerteza)

Elielma: Mas, esses cabarés já existiam há quanto tempo mais ou menos?

Carmem: Já existia...

Elielma: Desde a década de 70?

Carmem: Já... O de Tonha e o de Percília.

Elielma: A senhora sabe qual foi o primeiro?

Carmem: Mais ou menos em 70, o de Tonha e depois veio o de Percília.

Elielma: Eram os mais famosos da época?

Carmem: Eram os mais famosos os delas.

Elielma: E a senhora sabe dizer (interrompida)

Carmem: Tinha o de Narcisa, o de Sônia, tinha o de Preta, mas em Preta, mulher ali não ficava com homem não, era só pra beber, chamavam “o cabaré de Preta” e o cabaré de Sônia.

Elielma: esses cabarés que a senhora acabou de mencionar, funcionavam apenas como local de encontro, mas se quisessem ficar com os homens teriam que sair pra outro lugar, né?

Carmem: Era elas tinham que alugar quartos fora pra poderem ficar com os homens.

Elielma: Era apenas um bar?

Carmem: Era...

Elielma: E quais eram os homens que andavam nesses ambientes? Como eram os clientes? A senhora tem alguma história pra contar? Pode dizer algum nome de homem, homens da sociedade, homens que tinham dinheiro, homens pobres, quais eram os tipos de homens, era todo tipo de homem?

Carmem: Um dia eu cheguei no cabaré de Percília, nesse dia fui receber, aí quando eu cheguei lá a primeira cara que topei foi a de Rôna da Maria Bode, o irmão do pai de minha filha.

Elielma: Esse homem tinha dinheiro?

Carmem: Tinha. Rôna ficava com as mulheres lá.

Elielma: Ele era casado, já era pai de família?

Carmem: Era, ele era casado com a menina aí dos “Trocató”, aí do Bom Sossego.

Elielma: A família da esposa dele é conhecida? E ele também é conhecido?

Carmem: É, e ele também... Aí quando ele me viu, ele disse: - Oxente Lindoca! O que tá fazendo aqui? Eu disse: - eu vim receber. Ele disse: - E tu vende aqui também? Eu disse: - vendo. E ele disse: - e Zezito (esposo da entrevistada) não lhe mata não? Eu disse: - não, matar por quê? Se eu num tô sendo falsa a ele, eu tô vendendo minhas coisas pra ganhar meu dinheiro, eu vendo em qualquer um canto meu fio! Ai ele disse: - tá certo. Mas também ele nunca falou pra ninguém que me viu lá, só me viu nesse dia também ele não me falou mais nada.

Elielma: Quais os outros homens que eram conhecidos na sociedade na época que a senhora lembra que andavam nesses lugares, nesses cabarés?

Carmem: Olhe, nesses cabarés que eu via conhecido lá era Rôna, o finado Duda.

Elielma: Quem era esse Duda?

Carmem: Duda era o marido de uma crente que ele era irmão de Dona Inácia da loja, da finada Inácia da loja, ali na rua da caixa tem uma casa que vende vestido de criança de batizado, aquela casa ali era deles, aí as vezes eu entrava lá pra vender e eu via eles, via Duda, via Basto que vende roupa na feira.

Elielma: Basto é vivo ainda?

Carmem: É ele é vivo, agora Duda já morreu.

Elielma: O Rôna é vivo?

Carmem: É Rôna ainda é vivo, ele vive aí com uma menina do... (gagueja) com Fátima não, com uma irmã de Fátima. Aí muita gente ali era conhecido.

Elielma: Onde era que ficava esses cabarés, eram todos no caminho das Carabeirinhas? Eram todos uns perto do outro?

Carmem: O cabaré de Tonha ficava ali logo cá na esquina como que vai para o Virgília (Virgília é uma escola municipal) ali na... Num tem uma casa grande aqui de lado, quando a gente vai subindo para o Virgília? Após era ali o cabaré dela.

Elielma: E o dessas outras que a senhora falou, o de Preta (interrompida)...

Carmem: Era ali no centro por trás das lojas no centro.

Elielma: Como eram conhecidos os cabarés dali, tinham nomes, apelidos?

Carmem: Não. Tinha só que chamavam ali o “cabaré de Preta”, o “cabaré de Sônia”, era ali.

Elielma: É um beco né lá atrás?

Carmem: É um beco ali por de trás das loja, chamava ali “Beco de Zé Balbino”, por de trás do Beco de Zé Balbino.

Elielma: A senhora vendo e lembrando das prostitutas de antes, do tempo da década de 70 e 80, se a senhora for fazer uma comparação das prostitutas de dessa época (70, 80 e 90) com as de hoje, como elas ... Quais as mais comportadas, as de antes das décadas de 70, 80... ou as de hoje?

Carmem: As de antes, as de hoje num é comportada não.

Elielma: Elas eram mais discretas, elas não demonstravam o que faziam... No caso elas não “pirraçavam” mulheres casadas, não faziam com que as mulheres (interrompida)?

Carmem: Elas respeitavam, olhe pronto, tinha uma mulher lá, tinha uma bichinha lá o nome dela chamava Neide...

Elielma: No cabaré de quem, essa Neide vivia no cabaré de quem?

Carmem: De Percília, ela vivia no cabaré de Percília, ela já foi amiga com aquele “Zé Borrego” essa Neide, ela era bem bonitona, ela morava ali no (gagueja).

Elielma: Esse Zé Borrego ele era bem conhecido em Delmiro Gouveia?

Carmem: É ele nasceu e se criou aqui em Delmiro Gouveia.

Elielma: Ele já morreu?

Carmem: Não. Ele é o dono daquela borracharia mulher! Esse Zé Borrego é ali, num tem ali onde tem aqueles banquinhos onde fazem empréstimo?

Elielma: Sim, eu sei.

Carmem: Pois é ali, tem uma borracharia, uma oficina, é dele, ele vive lá.

Elielma: Sim, aí no caso a senhora tava contando a história dessa Neide que vivia com ele, que ela gostava (interrompida)...

Carmem: Ela gostava dele, mas ele era casado, mas, a finada Socorro a mulher dele foi lá pra matá-la.

Elielma: Lá no cabaré de Percília?

Carmem: No cabaré, ela foi pra matá-la, quando chegou lá, ai esconderam ela, disseram que ela não tava lá (Neide), ela (Finada Socorro) entrou mesmo no cabaré. Mas também ela (Neide) só quis essa vez, num quis mais, ela foi embora, Percília mandou ela ir embora.

Elielma: Então, no ponto de vista da senhora as prostitutas das décadas de 70, 80... Se comportavam melhor que as de essas de hoje?

Carmem: Elas pareciam umas moças, elas não davam demonstração que eram “mulheres solteiras”.

Elielma: Como a senhora já disse, elas eram bem vestidas...

Carmem: Pois era.

Elielma: As prostitutas daquela época (70,80, 90), elas conviviam, elas tinham algum tipo de relação com mulheres ditas como sendo de família, mulheres casadas, mães de filhos já (interrompida)...

Carmem: Tinham, elas conversavam sim com mulheres casadas, e as mulheres casadas gostavam sim delas, porque elas respeitavam as mulheres, né?

Elielma: A senhora sabe contar alguma história que aconteceu nesses cabarés, alguma história assim diferente, tipo, brigas que causaram mortes? Alguma coisa assim?

Carmem: Não. Agora aquilo ali era toda noite, (muda de assunto). Percília e Tonha todo domingo elas botavam as “rapariga” pra ir pra missa, todo domingo. Elas se vestiam tudinho, era a dona do cabaré na frente e aquela fila de puta tudo atrás, agora tudo vestidinha, tudo ajeitadinha.

Elielma: E como a senhora vê o papel, a função da prostituta naquela época?

Carmem: O trabalho delas naquela época só era de ficar em cabaré mesmo.

Elielma: Mas como a senhora vê esse trabalho? De forma boa ou ruim?

Carmem: Sei lá, eu nem sei dizer minha fia, porque quem vive em cabaré num tá fazendo, num faz coisa boa, né?

Elielma: A senhora acredita que com papel delas ali, elas eram felizes com o que faziam, se sentiam realizadas com aquilo?

Carmem: Não, era não. Uma vez eu cheguei lá e encontrei uma menina chorando, aí eu perguntei por que ela tava chorando, aí ela disse:- Dona Maria, a pior coisa do mundo é ser humilhada e se deitar com um homem sem gostar, eu só queria que Deus me mostrasse um homem ‘po mode’ eu me casar ou ele tomar de conta de mim, pra mim sair dessa vida. Aí eu disse:- mas mulher por que num procura um emprego pra vocês vivere a vida de vocês?

Elielma: A senhora acha que hoje (atualidade) se tem mais oportunidade do que antigamente pra arrumar um emprego, pra arrumar um bom casamento ou mesmo pra estudar?

Carmem: Tem, hoje tem.

NOME: HELENA

IDADE: 70 ANOS

ESCOLARIDADE: NÃO ALFABETIZADA

ONDE MORA: DELMIRO GOUVEIA

ESTADO CIVIL: SOLTEIRA

PROFISSÃO: COSTUREIRA

DATA DA ENTREVISTA: 21/08/2016

Elielma: Como era chamado esse beco na época que tinha os bares?

Helena: Beco do escondidinho.

Elielma: Por que era chamado assim “beco do escondidinho”?

Helena: Acho que era porque o beco é estreito, e as pessoas podiam se esconder nele. (risos).

Elielma: O que tinha no beco eram cabarés ou bares?

Helena: Era bar, assim bar de mulher solteira, né? Chamam de cabaré mesmo, né?

Elielma: E quem eram os donos, eram mais homens ou mulheres?

Helena: Mulher. Eram mais mulheres. Tinha um homem só, que era Joel Cardeal.

Elielma: Quais desses bares eram os mais frequentados?

Helena: O de dona Preta.

Elielma: Era aqui no beco:

Helena: Era.

Elielma: Esses bares funcionavam como ponto de encontro de homens e mulheres, ou elas já chegavam acompanhadas?

Helena: Chegavam acompanhadas, outras encontravam aí mesmo, era assim.

Elielma: Desde quando a senhora mora aqui no beco?

Helena: Minha fia, já tem uns 60 anos.

Elielma: A senhora chegou novinha aqui?

Helena: Eu tinha uns 10 anos quando eu cheguei aqui, quando meus pais compraram essa casa.

Elielma: A senhora lembra do beco das sete facadas?

Helena: Não (risos), desse eu não me lembro não.

Elielma: Tinha muitas brigas aqui nos bares do beco.

Helena: Tinha, de vez em quando tinha uma briguinha, mas não era briga de matar ninguém não. Era mais discussão de mulher com homem, mulher com mulher, era assim.

Elielma: E a senhora sabe dizer quais eram os motivos dessas brigas?

Helena: eu nem sei dizer minha fia, sabe por quê? Porque eu não frequentava, né? Eu só via dizer eita fulana tá brigando! Outra, fulana tá brigando por causa de fulano! aí era assim, o resto era negócio ciúmes, dessas coisas, mas eu Num explico bem porque eu não frequentava, num sei.

Elielma: Como a senhora disse que mora aqui desde criança, né?

Helena: Hunrum.

Elielma: Era famoso esse beco por causa dos bares?

Helena: Sim

Elielma: A senhora já sofreu algum preconceito por morar no beco?

Helena: Não, não tinha preconceito pra morar aqui e nem também pra passar lá. Porque o movimento só era de lá pra cima, pra cá não. Pra cá não tinha movimento não, só morava família aqui.

Elielma: Mas, a senhora tinha alguma aproximação com as mulheres que viviam lá ou com as donas dos bares.

Helena: Tinha porque eu costurava pra elas, né?

Elielma: Como eram essas mulheres? A senhora chegava a ver as mulheres que viviam e frequentavam esses bares?

Helena: Era tanta da mulher.

Elielma: Como eram essas mulheres, bonitas?

Helena: Simpáticas. Tinha umas que eram simpáticas, tinha outras que era mais bonita, umas mais arrumada, outras mais fraca, era assim.

Elielma: Elas sabiam se comportar assim diante a sociedade.

Helena: Sabia.

Elielma: Já ouvi alguma morte, assassinato nesse beco, assim, por causa de briga?

Helena: Não tenho lembrança não, não sei não. Morte não.

ENTREVISTADA: SORAYA

IDADE: 47

ENDEREÇO: DELMIRO GOUVEIA

ESCOLARIDADE: ENSINO MÉDIO COMPLETO

ANO DE NASCIMENTO: 1970

NOME DA MÃE: ANTÔNIA

DATA DA ENTREVISTA: 08/03/2015

Elielma: Soraya, como foi a sua educação familiar, rígida, conservadora ou liberal?

Soraya: Rígida e conservadora.

Elielma: Quais as principais referências de identidade feminina que você teve e tem?

Soraya: As matriarcas da minha família, minha vó e minhas tias, claro, e minha mãe.

Elielma: Como foi ser filha de uma dona de um cabaré, você sofreu muito preconceito?

Soraya: Sim, as pessoas sempre me olhavam com um olhar atravessado para a filha da dona do cabaré, mas, não me afetavam tanto assim não.

Elielma: Como era a sua mãe pra você, como era a sua mãe para as prostitutas?

Soraya: Minha mãe para mim era como as mães da época, eram sempre enérgica, autoritária, cuidadosa do seu modo, né, dada as circunstâncias e com relação às “moças” que trabalhavam na casa, ela sempre tinha também um cuidado maternal, é... Tentava evitar que elas se metessem em confusão.

Elielma: Você convivia cotidianamente com elas (prostitutas) ou teve uma educação separada das “meninas” do prostíbulo da sua mãe?

Soraya: Vivia cotidianamente com elas (prostitutas) é... Com exceção da noite, claro, existiam duas casas, a casa da família e a outra casa do prostíbulo, mas durante o dia, eu e os meus

irmãos ficávamos na casa principal (prostíbulo), então ao cair da noite, claro, nós íamos pra casa da família que ficava nos fundos do terreno e pronto, a vida continuava.

Elielma: Como as prostitutas se comportavam no cabaré e fora dele, elas diariamente vestiam-se como prostitutas ou somente nas noites?

Soraya: O comportamento das “moças” que frequentavam a “casa” era um comportamento, eu vou lhe dizer que, exemplar, minha mãe não abria mão disso, claro que a noite elas se transformavam, né? É bem verdade, mas ainda assim, com certos cuidados, né?

Elielma: Quem eram os clientes das prostitutas, homens casados, solteiros, homens da elite?

Soraya: Homens casados, solteiros, da elite, homens “comuns”, mas, acima de tudo, homens com dinheiro pra gastar, né?

Elielma: Na sua infância você convivia com vários tipos de pessoas, filhos de prostitutas, ou com pessoas marginalizadas?

Soraya: Não, não. Eram raras as prostitutas que iam pra lá com filhos, porque na verdade elas é... elas é... viajavam de tempos em tempos , então assim, raramente acontecia de chegar alguma com filho, apenas que eu me lembre , umas duas vezes, chegou uma moça com uma filha e uma outra ocasião uma mulher com dois filhos.

Elielma: Você lembra como as mulheres do seu contexto definiam as prostitutas e como essas eram pensadas?

Soraya: Elas eram definidas como escória mesmo, né? Por mais bonitas que fossem, por mais boa apresentação que tivessem e por mais educadas que fossem , que se apresentassem, eram sempre vistas com maus olhos.

Elielma: Como você era dita também, uma vez que era a filha de uma dona de cabaré?

Soraya: Como eu era dita? (risos)

Elielma: É.

Soraya: Existia sempre aquela expectativa de que ao crescer, né? Aquela menina fosse se tornar uma delas (prostituta), mas, é... Não era isso que minha mãe pensava na verdade, ela não estava criando uma prostituta, ela estava criando uma mulher, né? Uma mulher pra viver

a vida digna, de uma forma digna e de ser admirada na sociedade, não por circunstâncias, mas por propriedade.

Elielma: Que imagem você tem das prostitutas que você conheceu naquela época?

Soraya: Imagem de moças equivocadas é... Algumas com pouca ou nenhuma instrução, que poderiam ter tido um futuro melhor do que aquele, uma vida melhor do que aquela em que elas é... Viviam, com potenciais, mas que não tiveram oportunidades ou talvez não tiveram uma curiosidade de pelo menos tentar uma vida diferente.

Elielma: Você lembra o que diziam sobre aquelas prostitutas?

Soraya: As coisas de sempre que se diz a pessoas ou coisas que não se conhece, né? Sempre é, pejorativas, sempre o mais ruim ou o mais terrível, mas é, por não conhecerem mesmo, eu acho que é isso.

Elielma: Como era o relacionamento da sua mãe com as prostitutas?

Soraya: Minha mãe cuidava bem delas assim, dadas as circunstâncias claro, às vezes chegavam moças que a família é... Colocou pra fora de casa porque passou dos limites com o namorado e claro naquela época isso era uma vergonha e minha mãe as tratava bem, cuidava, tratava bem e dava, às vezes até dava conselho pra vê se elas mudavam a vida, mas quase materno.

Elielma: Você vê mudanças das práticas de prostituição daquela época onde você era menina para hoje? Quais as principais mudanças?

Soraya: Hum... Bem a essência é mesma, né? A profissão prostituta tem a mesma essência a milhões de anos, milhões de anos não, desculpa, a centenas de anos, se bem que é milenar, num é? É... Não vejo diferença nesse contexto, mas o que mudou hoje é que já não se fala mais prostituta, né? Agora é garota de programa, o nível elevou-se (risos).

Elielma: As prostitutas eram mais expostas socialmente ou mais privadas, as prostitutas daquela época?

Soraya: Não, elas tinham o seu lugar. Não era, era uma exposição, mais que assim, mais comercial, por exemplo, quando chegavam “meninas” novas na casa da minha mãe é... Ela dava um jeito de essas “meninas” estarem bem arrumadas, bem apresentáveis é... Nada de escandaloso que mostrasse demais as partes do corpo e ela meio que fazia, ela dava um

passaio no comercio para que os homens que eram o público alvo, né, vissem a “mercadoria”. Então, com certeza a noite essas “moças” recebiam os seus clientes, mas assim, não era sempre esse tipo de exposição, só quando havia necessidade mesmo, mas de certa forma, não creio que houvesse essa exclusão assim de não poder ter livre acesso, elas tinham direito de “ir e vir”.

Elielma: Que aprendizado você teve sobre “a prostituta”?

Soraya: Aprendizado? Do que eu vi, né? E levando em consideração que eu era uma criança, eu não posso dizer que aprendi alguma coisa assim delas, mas, hoje, era uma vida difícil. Não existe nada de fácil na verdade na vida de uma prostituta.

Elielma: Como você analisa as práticas de prostituição daquela época e hoje?

Soraya: Eu não conheço nenhuma prostituta nova, assim, aqui ou acolá a gente ouve algum comentário sobre uma garota que seja, que se expõe demais e que ganha presente por estar saindo com A ou com B, talvez a mudança tenha sido essa, né. Elas tenham ficado assim mais sofisticadas, menos é... Mais criteriosas com os casos que têm né, com os clientes no caso. Se foi isso que eu entendi da pergunta.

Elielma: Então, como você sabe a prostituta também é denominada por puta, “sendo que a puta é mais aquela que, vamos dizer que é a prostituta pobre”, então, o que era ser puta naquela época?

Soraya: Na época da minha mãe existiam, você fala no sentido de apresentar-se, de comportamento, que tipo de cliente, é isso?

Elielma: Não, falo no sentido do seu ponto de vista, o que era ser puta naquela época. Porque muitas vezes a prostituta é denominada “puta” porque ela é a prostituta pobre e a “prostituta de luxo” é a garota de programa hoje. Mas, sabemos que mulheres que tem sua liberdade, usam o seu corpo como ela bem entende ou então ela ganha a vida com o seu corpo, ela também é chamada de puta. Mas na maioria das vezes, essa puta ela é a pobre, então o que era ser puta naquela época?

Soraya: Olhe, desculpe, mas não tem diferença entre uma e outra, todas vendem o corpo ou por mais ou por menos, depende do tipo de cliente que esteja na ocasião, às vezes a prostituta ou a garota de programa ela pode sair duas vezes na mesma noite com dois homens diferentes

e um pagar mais e o outro pagar menos, aí ela vai , então assim, estão todas no mesmo contexto, né. Eu vejo dessa forma.

Elielma: Então você vê dessa forma também o que é ser puta hoje?

Soraya: Vejo da mesma forma.

Elielma: E sobre a sua mãe, como você analisa o papel dela?

Soraya: Eu costumo falar pra, para as pessoas da minha intimidade é... eu nunca diria que a minha mãe era dona de prostíbulo, eu sempre falo que a minha era uma empresária da noite, eu vejo dessa forma ainda hoje, eu penso que ela tinha um “produto” e vendia , né, uma comerciante , é... Era uma mulher ativa, independente, altiva, de pulso forte, e que achou um meio de sobrevivência lucrativo na ocasião.

Elielma: Quantas prostitutas havia no cabaré da sua mãe?

Soraya: Eu acredito que mais ou menos umas dez em media da casa, mas sempre vinha alguém de fora, ainda que morasse ali na cidade, mas que tinha residência fixa que também frequentava a casa, então eu diria que no final de semana era bem possível que umas quinze moças estivessem presentes.

Elielma: Você saberia dizer de onde eles vinham as histórias delas, se eram separadas, ou que nunca foram casadas e já eram prostitutas mesmo?

Soraya: Tinha algumas com histórias tipo que já foram casadas, mas que estavam separadas, é... a maioria delas era, tinham se separado por maus tratos, né? Elas sofriam maus tratos, abusos de todas as espécie, e como não tinham como se manter, arrumar um serviço , talvez por não ter instrução adequada “caiam na vida” Como se dizia na época. Também tinham as moças como já foi dito, cujos pais é... Expulsavam de casa e tinham também aquelas que gostavam da “coisa” , eu conheci uma delas que falava: “eu sou porque eu gosto”. Mas assim, pode ter certeza que é uma em um milhão.

Elielma: Elas eram marginalizadas socialmente?

Soraya: Sim, infelizmente os mesmos homens que as procuravam de noite eram os mesmos que as rejeitavam durante o dia.

Elielma: Que modelos de mulher eram aceitáveis na época?

Soraya: As mais bonitas, isso inclui-se rosto e corpo, claro, essas com certeza eram mais cobiçadas, ainda hoje é assim, infelizmente é... Aí você tinha ali aquela, existe hierarquia, né? As mais bonitas geralmente eram as que faturavam mais porque tinham mais clientes.

Elielma: Que outras mulheres eram marginalizadas além das prostitutas?

Soraya: Na época em que eu era criança?

Elielma: Sim.

Soraya: Fora do prostíbulo?

Elielma: E, além das prostitutas, aquelas que também não eram prostitutas, mas que também eram marginalizadas?

Soraya: As mulheres de periferia, né? Mulher de periferia é sempre vista com maus olhos assim, até hoje, se você olha uma menina que dali depois, tipo de bairro bem distante, como Caraiibeirinhas, né? É sempre mal vista assim.

Elielma: As prostitutas conviviam normalmente com as outras mulheres, ou eram excluídas? Quando eu digo as outras mulheres, estou me referindo as mulheres vistas como as “mulheres de família”.

Soraya: Não, não.

Elielma: Elas não conviviam?

Soraya: Não, naquela época não se concebia isso, “moças de família” não se misturavam, entendeu? Existia... mas é assim, elas (prostitutas) não eram de estar na rua, quando elas iam ao comércio é porque tinham alguma necessidade, tipo pra comprar alguma peça de roupa, algum adereço, né, algum... sei lá, um perfume, ia porque tinha necessidade, mas nada de ficar é... se misturando (alarme dispara na casa da entrevistada).

Elielma: O que você aprendeu com uma mãe que se encorajou e ousou ser dona de um prostíbulo em uma sociedade conservadora?

Soraya: O que eu aprendi?

Elielma: Sim.

Soraya: Aprendi que uma mulher pode tudo, desde que ela queira, né. A não ter medo, a ser forte, a não ter medo, e correr atrás do que se quer, porque nada, ninguém é melhor que ninguém, ninguém é superior a ninguém. Dona Antônia (mãe) de certa forma me ensinou isso.

Elielma: Que mensagem você poderia dizer pra finalizar essa entrevista?

Soraya: Mensagem? Não seria bem uma mensagem, é mais um ponto de vista, há trinta anos, trinta não. Há quarenta anos a sociedade era mesquinha, julgava as pessoas sem conhecê-las, por conta de um rótulo e infelizmente os anos passaram, as décadas foram e vieram e a sociedade continua do mesmo jeito, só que, aquelas famílias que antes abominavam as prostitutas e etc., e etc., hoje são tão liberais, né! Tem “moças de família” que tem o comportamento pior no real sentido da palavra, é... Do que as “moças” que frequentavam a casa da minha mãe, as prostitutas. E todo mundo acha lindo, um tempo desses a própria Dercy Gonçalves é, fez um comentário nesse sentido, porque Dercy como todos sabem, né, ela era uma vedete, e que era mal vista pela sociedade, e ser vedete nada mais era do que ser uma bailarina do Faustão hoje em dia, não é interessante? É isso!

CARTA DE CESSÃO

Convidamos a Senhora a participar da pesquisa **UMA HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO FEMININA EM DELMIRO GOUVEIA- AL (1970-1990)**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Maria Elielma Silva**, que tem por objetivo compreender como funcionavam as práticas de prostituição feminina em Delmiro Gouveia-AL entre as décadas de 1970 e 1990.

Os resultados desta pesquisa serão publicados nos meios científicos e em nenhum momento a Senhora será identificada.

Eu Marcineide Silva declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 13/08/2016 para **Maria Elielma Silva** usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.

Marcineide Silva

Assinatura do depoente

Maria Elielma Silva

Assinatura do pesquisador responsável

Delmiro Gouveia- AL, 29 de maio de 2017.

CARTA DE CESSÃO

Convidamos a Senhora a participar da pesquisa **UMA HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO FEMININA EM DELMIRO GOUVEIA- AL (1970-1990)**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Maria Elielma Silva**, que tem por objetivo compreender como funcionavam as práticas de prostituição feminina em Delmiro Gouveia-AL entre as décadas de 1970 e 1990.

Os resultados desta pesquisa serão publicados nos meios científicos e em nenhum momento a Senhora será identificada.

Eu *Orionis Maria Severo Oliveira* declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 08/03/2015 para **Maria Elielma Silva** usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.

Orionis Maria Severo Oliveira
Assinatura do depoente

Maria Elielma Silva
Assinatura do pesquisador responsável

Delmiro Gouveia- AL, 29 de maio de 2017.